

**A INFORMAÇÃO CONTABILÍSTICA NAS PME PORTUGUESAS  
DA INDÚSTRIA DO CALÇADO COMO FERRAMENTA DE  
GESTÃO OU OBRIGATORIEDADE FISCAL?**

Sandrina Inês Brás Francisco

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre  
em Contabilidade

Orientador:  
Prof. Doutor Nuno Duarte da Silva Magro, Prof. Auxiliar, ISCTE Business School,  
Departamento de Contabilidade

Outubro 2019

## **Resumo**

A informação contabilística proveniente dos sistemas contabilísticos, gerada por subsistemas de contabilidade financeira e de gestão, constitui um importante recurso que deve ser acessível e útil aos gestores das empresas.

Relativamente à informação contabilística na vertente da contabilidade financeira, esta é elaborada por imposição legal nas empresas. Nas Pequenas e Médias Empresas, dada a usual carência de meios, aquele sistema de informação deve ser tido em conta como um recurso económico e imprescindível de acesso a informação que permita a criação de valor nos seus negócios.

O presente estudo tem como objetivo analisar a perceção dos gestores das Pequenas e Médias Empresas do setor do calçado perante a utilização da informação contabilística.

Para esta investigação foi redigido um questionário que foi partilhado por via eletrónica com os gestores ou pessoas ligadas à gestão das Pequenas e Médias Empresas membros da Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado, Componentes, Artigos de Pele e seus Sucedâneos, sendo as respostas tratadas estatisticamente.

Os resultados evidenciaram os principais utilizadores, são os gestores, a banca e o Estado. Os gestores reconhecem a utilização efetiva da informação financeira nas suas funções, recorrendo fundamentalmente ao balancete, balanço e demonstração dos resultados.

Foram ainda identificadas características da empresa, do gestor e do serviço de contabilidade que influenciam a utilização da informação contabilística, nomeadamente a dimensão da empresa, a idade do gestor, a experiência profissional, a valorização do contabilista, a qualidade percebida da informação, a acessibilidade à informação e a perceção da informação contabilística como obrigação legal ou algo mais.

**Palavras-Chave:** Informação Contabilística, Pequena e Média Empresa, Gestor, Utilização de informação

**JEL Classification:** M410, M100

**Abstract**

The accounting information comes from the accounting systems, which through the financial accounting and management subsystems, generates quality information which managers must have access to.

Financial accounting information is drawn up by legal obligation in businesses. Therefore, in small and medium enterprises this information should be considered as an economic and indispensable option, in the face of resource shortages, to acquire data that enables companies to create value to the business.

This study aims to analyze the perception of managers of small and medium footwear companies in the use of accounting information.

Information was obtained for the realization of statistical inference through the answers to a questionnaire that was shared via e-mail with the managers of the small and medium companies associated with the Portuguese Association of Footwear Industrialists, Components, Leather Goods and their Substitutes.

The results showed that the managers, the banking system and the Government are the main users. In this way they admit using the accounting information in management functions mainly from the balance sheet, balance and statement of results.

Characteristics of the company, of the managers and of the accounting services that have an influence on the use of the accounting information have been identified. Namely the size of the company, manager's age, professional experience, accountant appreciation, quality of the information, access to information and the perception of accounting information as legal obligation.

**Keywords:** Accounting information, Small and Medium Enterprises, Business manager, Use of information

**JEL Classification:** M410, M100

## **Agradecimentos**

A elaboração e entrega desta dissertação só foi possível devido ao apoio e insistência dos que estão sempre comigo.

Ao Emanuel pelo exemplo que me deu, incentivo, companheirismo, orientação e paciência.

À minha mãe por ter tornado este percurso mais fácil, por não me deixar desistir e por todas as vezes em que “tocou” no assunto e me fez ver a importância do culminar deste etapa.

Ao orientador Nuno Magro pela paciência, disponibilidade, ânimo e colaboração ao longo deste caminho.

Aos melhores colegas e chefe, DAF, a eles agradeço a atenção e preocupação, assim como a flexibilidade e compreensão que tiveram para comigo.

Aos que levo do ISCTE pelo caminho que fizemos juntos e pela amizade que levamos.

Àqueles que se responderam ao meu apelo, não têm noção do meu agradecimento, sem eles era impossível chegar à etapa final.

Obrigada!

## Índice

1.	Introdução.....	1
1.1	Enquadramento e justificação do tema.....	1
1.2	Objetivos do estudo .....	3
1.3	Desenvolvimento do trabalho .....	3
1.4	Estrutura da dissertação .....	4
2.	Revisão da literatura.....	5
2.1	Pequenas e Médias Empresas .....	5
2.1.1	Conceito .....	5
2.1.2	O panorama português e a relevância socioeconómica.....	6
2.1.3	Na Europa.....	8
2.1.4	Setor do Calçado .....	9
2.1.4.1	Caraterização e evolução .....	9
2.1.4.2	Pequenas e Médias Empresas .....	11
2.2	Informação contabilística – base e normativo .....	11
2.2.1	O Sistema de Normalização Contabilística .....	12
2.2.1.1	NCRF – PE .....	13
2.2.1.2	NCRF – ME .....	14
2.3	A utilização da informação contabilística .....	14
2.3.1	O que é a informação contabilística e como se materializa .....	15
2.3.2	Os seus utilizadores e o modo como a empregam .....	16
2.4	Fatores de influência da utilização da informação contabilística .....	18
2.4.1	Características da empresa e meio ambiente.....	19
2.4.2	Características dos recursos humanos e das equipas.....	19
2.4.3	Característica do gestor/proprietário .....	21
2.4.4	Características do serviço de contabilidade .....	22
2.5	Efeitos da utilização da informação contabilística .....	24

3.	Metodologia .....	27
3.1	Metodologia e métodos .....	27
3.2	Questões e hipóteses de investigação .....	28
3.3	Universo e Amostra .....	32
3.4	Estrutura do questionário.....	33
3.5	Análise dos dados .....	36
4.	Resultados .....	37
4.1	Caraterização da amostra.....	37
4.1.1	Caraterização do gestor .....	37
4.1.2	Caraterização da empresa.....	39
4.1.3	Caraterização das equipas .....	40
4.1.4	Caraterização do serviço de contabilidade .....	42
4.2	Acesso à informação.....	43
4.3	Utilização da informação contabilística .....	46
4.3.1	Informações Contabilísticas Adicionais.....	46
4.4	Eficiência.....	47
4.5	Influências das características na utilização da informação contabilística .....	47
4.5.1	Relação das características relacionadas com a empresa e o meio ambiente, as equipas, o gestor e o serviço de contabilidade .....	48
4.5.1.1	Empresa.....	48
4.5.1.2	Equipas .....	51
4.5.1.3	Gestor .....	52
4.5.1.4	Serviço contabilístico .....	55
4.5.2	Relação da acessibilidade à informação com a sua utilização .....	56
4.5.3	Entendimento da informação contabilística como obrigação fiscal.....	56
4.6	Resumo resultados.....	57
5.	Conclusões .....	58

6. Bibliografia.....	60
7. Anexos.....	64

### **Índice de gráficos**

Gráfico 1 - Cargo do respondente .....	37
Gráfico 2 - Distribuição da idade dos respondentes.....	38
Gráfico 3 - Habilitações académicas respondentes .....	38
Gráfico 4 - Experiência profissional em funções de administração.....	39
Gráfico 5 - Dimensão da empresa .....	40
Gráfico 6 - Ligação da equipa de gestão ao núcleo familiar do proprietário.....	40
Gráfico 7 - PME com departamento administrativo e financeiro .....	41
Gráfico 8 - Distribuição das PME por dimensão e existência de departamento administrativo e financeiro.....	41
Gráfico 9 - Relação entre a existência de departamento administrativo e financeiro e a presença de diretor financeiro .....	42
Gráfico 10 - Distribuição do tipo de serviço contabilístico .....	43
Gráfico 11 - Regularidade de acesso dos respondentes aos mapas financeiros .....	44
Gráfico 12 - Principais utilizadores da informação contabilística segundo os respondentes... ..	45
Gráfico 13 - Média das ordenações da intensidade de utilização da informação contabilística segundo a dimensão da empresa .....	49
Gráfico 14 – Média das ordenações da intensidade de utilização da informação contabilística segundo o número de elementos do departamento financeiro .....	51

## **Índice de anexos**

Anexo 1 – Tabela síntese dos objetivos e questões de investigação .....	64
Anexo 2 – Questionário.....	65
Anexo 3 – Distribuição do Cargo/Função dos respondentes .....	72
Anexo 4 – Distribuição do Cargo/Função - "Outra" .....	72
Anexo 5 – Indicadores descritivos da idade dos respondentes .....	72
Anexo 6 – Distribuição das habilitações académicas dos respondentes .....	73
Anexo 7 – Distribuição da principal área de formação dos respondentes .....	73
Anexo 8 – Distribuição da principal área de formação - "outra" .....	73
Anexo 9 – Distribuição da experiência profissional em funções de administração.....	73
Anexo 10 – Distribuição dos anos de existência das empresas.....	74
Anexo 11 – Relação entre anos de existência e presença nos mercados internacionais .....	74
Anexo 12 – Relação entre presença nos mercados internacionais e dimensão da empresa.....	74
Anexo 13 – Indicadores descritivos das vendas diretas direcionadas ao mercado externo (em %) .....	74
Anexo 14 – Distribuição da ligação da equipa de gestão ao núcleo familiar do proprietário..	75
Anexo 15 – Indicadores descritivos do número de colaboradores do departamento administrativo e financeiro.....	75
Anexo 16 – Distribuição do número de colaboradores do departamento financeiro .....	75
Anexo 17 – Relação da dimensão das empresas e o número de colaboradores afetos ao departamento financeiro.....	76
Anexo 18 – Distribuição da presença de diretor financeiro .....	76
Anexo 19 – Relação da presença de diretor financeiro e a ligação deste ao núcleo financeiro	76
Anexo 20 – Distribuição do tipo de serviço contabilístico .....	76
Anexo 21 – Relação da existência de departamento administrativo e financeiro e o tipo de serviço contabilístico.....	77

Anexo 22 – Indicadores descritivos e distribuição da satisfação das funções desempenhadas pelo contabilista (criação de valor) .....	77
Anexo 23 – Distribuição da afirmação relativa à quantidade da informação contabilística ....	77
Anexo 24 – Distribuição da afirmação relativa à adequabilidade da informação contabilística .....	78
Anexo 25 – Distribuição da afirmação relativa à clareza da informação contabilística .....	78
Anexo 26 – Relação entre iniciativa do contabilista proporcionar informação contabilística e do gestor em solicitá-la .....	78
Anexo 27 – Média do nível de familiarização com os diferentes mapas financeiros .....	78
Anexo 28 – Indicadores descritivos e distribuição da opinião dos respondentes sobre a utilidade, aplicabilidade, importância e compreensão da informação contabilística .....	79
Anexo 29 – Distribuição do nível de concordância sobre a utilização regular da informação contabilística.....	80
Anexo 30 – Indicadores descritivos da frequência de utilização dos mapas financeiros.....	80
Anexo 31 – Frequência de utilização dos mapas financeiros.....	80
Anexo 32 – Média da frequência de utilização das informações adicionais.....	81
Anexo 33 – Gráfico da distribuição da utilização dos mapas financeiros .....	81
Anexo 34 – Gráfico da distribuição da utilização dos mapas financeiros .....	81
Anexo 35 – Relação das Outras informações adicionais e a frequência de utilização.....	82
Anexo 36 – Médias da concordância relativamente a aspetos de melhorias da gestão .....	82
Anexo 37 – <i>Outputs</i> do teste <i>Kruskal-Wallis</i> e <i>Mann-Whitney</i> para a hipótese 1.1 .....	82
Anexo 38 – <i>Outputs</i> do teste <i>Kruskal-Wallis</i> para a hipótese 1.2 .....	82
Anexo 39 – Indicadores descritivos da % vendas diretas direcionadas ao mercado externo... 83	
Anexo 40 – <i>Outputs</i> do teste <i>Kruskal-Wallis</i> para a hipótese 1.3 .....	83
Anexo 41 – Indicadores descritivos do número de colaboradores afetos ao departamento financeiro.....	83

Anexo 42 – <i>Outputs</i> do teste <i>Kruskal-Wallis</i> para a hipótese 2.1 .....	84
Anexo 43 – <i>Outputs</i> do teste <i>Kruskal-Wallis</i> para a hipótese 2.2 .....	84
Anexo 44 – <i>Outputs</i> do teste <i>Kruskal-Wallis</i> para a hipótese 2.3 .....	84
Anexo 45 – <i>Outputs</i> do teste <i>Kruskal-Wallis</i> para a hipótese 3.1 .....	84
Anexo 46 – Indicadores descritivos da idade do respondente .....	85
Anexo 47 – <i>Outputs</i> do teste <i>Kruskal-Wallis</i> para a hipótese 3.2 .....	85
Anexo 48 – <i>Outputs</i> do teste <i>post-hoc</i> para a hipótese 3.2 .....	85
Anexo 49 – <i>Outputs</i> do teste <i>Kruskal-Wallis</i> para a hipótese 3.3 .....	86
Anexo 50 – <i>Outputs</i> do teste <i>Kruskal-Wallis</i> para a hipótese 3.4 .....	86
Anexo 51 – <i>Outputs</i> do teste <i>Kruskal-Wallis</i> para a hipótese 3.5 .....	87
Anexo 52 – <i>Outputs</i> do teste <i>Mann-Whitney</i> para a hipótese 3.5 .....	87
Anexo 53 – <i>Outputs</i> do teste <i>Kruskal-Wallis</i> para a hipótese 4.1 .....	87
Anexo 54 – <i>Outputs</i> do teste <i>Mann-Whitney</i> e <i>Kruskal-Wallis</i> para a hipótese 4.2 .....	88
Anexo 55 – <i>Outputs</i> do teste <i>Ró de Spearman</i> para a hipótese 5.....	88
Anexo 56 – <i>Outputs</i> do teste de <i>Kruskal-Wallis</i> para a hipótese 6 .....	89
Anexo 57 - <i>Outputs</i> do teste de <i>Mann-Whitney</i> para a hipótese 6 .....	89

### **Lista de Abreviaturas**

APPICAPS – Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado, Componentes, Artigos de Pele e seus Sucedâneos

EBIT (*Earnings Before Interest and Taxes* - resultado antes juros e impostos)

EBITDA (*Earnings Before Interest, Taxes, Depreciation and Amortization* - resultado antes de juros, impostos, depreciações e amortizações)

IASB – *International Accounting Standards Board*

IC – Informação Contabilística

IFRS – *International Financial Reporting Standard*

IFRS for SME's – *International Financial Reporting Standard for Small and Medium-Sized Entities*

NCRF – Norma Contabilística e de Relato Financeiro

NCRF-PE – Norma Contabilística e de Relato Financeiro para Pequenas Entidades

NCRF-ME – Norma Contabilística e de Relato Financeiro para Microentidades

PME – Pequena e Média Empresa

SNC – Sistema de Normalização Contabilística

VAB – Valor Acrescentado Bruto

VN – Volume de Negócios

## **1. Introdução**

### **1.1 Enquadramento e justificação do tema**

Presentemente estamos perante constantes mudanças, um mundo globalizado onde a sociedade é incessantemente submersa de informação, vinda das mais diversificadas origens.

Várias são as fontes de informação onde se pode ir beber dados e conhecimento sobre determinados assuntos. A informação produzida pode ser uma mais valia em qualquer contexto e torna-se ainda mais primordial num contexto empresarial, por em causa estar o sucesso de uma empresa.

Através de uma informação de qualidade os intervenientes munem-se naturalmente de elementos que lhes facilita o seguimento da estratégia e o alcance dos objetivos definidos. Nesses vários dados inserem-se também os que provêm de uma correta gestão da informação, a aplicação correta do processamento e do tratamento contabilístico nos sistemas de contabilidade, a designada informação contabilística. A informação contabilística possui tradicionalmente duas dimensões: a contabilidade financeira, orientada para os utilizadores externos e imposta por lei; a contabilidade de gestão, orientada para o apoio à tomada de decisões pelos gestores, de utilização facultativa, e normalmente ausente nas pequenas empresas.

Com base na informação que é produzida por imposição legal nas empresas, os responsáveis pela gestão e administração destas devem ter a capacidade de compreender que é benéfico para eles a utilização de meios que já têm disponíveis, sem encargos adicionais, ou desprezíveis, aproveitando ao máximo os benefícios deste tipo de informação.

Este aspeto tem uma maior importância quando se trata de empresas com maiores dificuldades na aquisição de recursos, que à partida não são percebidos como necessidade primária para o correto funcionamento da produção e do negócio, e, portanto, é vantajoso o aproveitamento dos sistemas de informação já existentes para a criação de valor.

Assim, esta é uma alternativa economicamente viável e apelativa para as denominadas Pequenas e Médias Empresas (PME), geralmente com menores recursos financeiros disponíveis. Os gestores, ao optarem por este método de obtenção de informação, podem conseguir uma melhoria no processo de tomada de decisão e conseqüentemente nos resultados.

Uma vez que este grupo de empresas é representativo do tecido empresarial português e tem sido o principal protagonista da recuperação da última crise sentida, sendo responsáveis por 99,9% do total de empresas e mais de dois terços do total do valor acrescentado em 2017 (European Commission, 2018), pelo que este assunto ganha maior destaque e relevância.

De todos os setores onde as PME estão representadas, a escolha pela indústria do calçado justifica-se por esta ser uma indústria portuguesa que tem vindo a renovar-se através da criação de novas marcas, responsável por cerca de 3% do valor acrescentado da indústria transformadora portuguesa e com diversas provas de dinamismo e internacionalização, contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento económico e social português. O conjunto de empresas corresponde à população alvo pretendida neste estudo, aproximadamente 99,4% das empresas da indústria definem-se como PME (APPICAPS, 2018).

Defende-se que a evolução deve continuar a ser suportada com estratégias de colaboração, de crescimento orgânico e de criação de valor, que precisam ser asseguradas por boas práticas de gestão considerando todas as informações que estão ao alcance do gestor/proprietário, nomeadamente a informação contabilística, para que sejam tomadas decisões de qualidade. Estas decisões vão ser bastante influenciadas pela capacidade de os gestores conseguirem gerar, seleccionar e interpretar todas as informações.

Importa então perceber se os gestores/proprietários estão a saber utilizar a informação gerada pelos sistemas contabilísticos, não só a informação de elaboração obrigatória por lei, mas também possíveis informações adicionais, para objetivos mais específicos de gestão, ou se continuam a utilizar a contabilidade meramente para o cumprimento das obrigações fiscais e legais, valorizando sobretudo a intuição e a experiência para as decisões de gestão.

Pretende-se através deste estudo alertar para a realidade da gestão e da contabilidade das PME portuguesas e impulsionar boas práticas, em que se utilize a informação contabilística por parte da gestão das entidades, tentando contrariar a ideia de que atualmente este tipo de informação não é considerado como uma ferramenta de apoio à gestão, mas sim uma obrigação legal e fiscal.

## **1.2 Objetivos do estudo**

O intuito da elaboração desta dissertação consiste na investigação às PME portuguesas, nomeadamente as do setor de atividade da indústria do calçado, para indagar se estas estão a saber utilizar a informação contabilística como ferramenta de gestão, em benefício próprio e para apoio ao seu crescimento. Além disso perceber que tipo de informação utilizam e os fatores e características associadas às PME que poderão limitar esta utilização.

Como objetivo geral definiu-se: analisar a perceção dos gestores das PME do setor do calçado perante a utilização da informação contabilística. Ao partir deste objetivo principal foram definidos seis objetivos mais específicos que servem de base à criação de hipóteses deste trabalho de investigação, apresentados em capítulo próprio “3 - Metodologia”.

## **1.3 Desenvolvimento do trabalho**

Com o propósito de alcançar os objetivos específicos e o objetivo geral proposto, realizou-se uma revisão da literatura sobre este tema, de forma a perceber a realidade atual do progresso do tema da utilização da informação contabilística nas PME.

A pesquisa bibliográfica incidiu sobre artigos científicos e académicos, dissertações, legislação, normativos e relatórios estatísticos dos quais se elaborou a revisão bibliográfica. Com este trabalho pretendeu-se verificar as pesquisas e resultados dos autores, de forma a sustentar a escolha da metodologia, e a elaboração do próprio método, permitindo o confronto posterior de resultados.

Procurou-se compreender a relevância económico social das PME, como estas utilizam a informação contabilística, os principais utilizadores, e que características influenciam esta utilização.

Após a revisão, com os principais pontos identificados, procedeu-se à elaboração do método quantitativo selecionado e definição da técnica específica para a recolha de dados a trabalhar, optando-se pela utilização de um questionário.

Este questionário foi partilhado, via eletrónica ao grupo de gestores e pessoas relacionadas com a gestão das empresas associadas da Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado, Componentes, Artigos de Pele e seus Sucedâneos (APPICAPS). Com as respostas obtidas

seguiu-se a análise estatística das variáveis recolhidas, de modo a validar as hipóteses que irão responder às questões de investigação.

#### **1.4 Estrutura da dissertação**

A dissertação é composta por cinco capítulos. O primeiro consiste em notas introdutórias ao estudo. Segue-se o capítulo referente à revisão da literatura e enquadramento teórico, com duas principais partes, a primeira relativa às PME e a segunda focalizada na informação contabilística e como esta é utilizada e percebida. O terceiro capítulo explicita a escolha da metodologia, as técnicas utilizadas e os objetivos e questões de investigação selecionados. O quarto capítulo demonstra a análise descritiva e os resultados obtidos. O último capítulo apresenta as conclusões finais da investigação.

## **2. Revisão da literatura**

Neste capítulo apresenta-se o enquadramento teórico, as principais conclusões já existentes sobre a temática e os seus autores, e que sustentam a importância e pertinência deste estudo.

Como tópicos deste capítulo, encontramos a introdução ao conceito de PME, a sua caracterização e importância em Portugal e na Europa. De seguida a apresentação do setor do calçado e a relevância que as PME têm neste.

Acerca do tema da informação contabilística, procede-se à identificação dos principais normativos contabilísticos elaborados para as PME, a forma como a informação contabilística se materializa e como está a ser utilizada pelos gestores. Procura-se ainda identificar que características influenciam a utilização e os resultados já existentes de um uso pleno da informação contabilística.

### **2.1 Pequenas e Médias Empresas**

As micro, pequenas e médias empresas têm vindo a ser o alicerce da economia de muitos países, entre os quais Portugal. Entender o conceito e a estrutura, conhecer a demografia empresarial em Portugal e na Europa, como esta se tem modificado, e qual o papel das PME, eleva a importância deste estudo.

Da mesma forma, mas abordando o setor do calçado, dando a conhecer a sua importância socioeconómica, o que se tem realizado, e os seus feitos na economia nacional e internacional.

Entender a riqueza e o valor que os gestores das PME do setor em análise têm a seu cargo. O peso da capacidade de saber liderar e gerir com recurso à principal ferramenta, a informação.

#### **2.1.1 Conceito**

As PME dizem respeito a um alargado número de empresas sobre as quais se tem procurado conceber critérios para obter uma definição clara e consensual do conceito de PME. É possível proceder à certificação da empresa, se dentro dos limites, por via eletrónica através do Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas e à Inovação (IPAMEI, I.P.), obtendo assim o estatuto de PME (Dec. Lei n.º 372/2007 de 6 de Novembro, Anexo I, Art. 1º).

Os critérios foram estabelecidos na Recomendação da Comissão de 6 de maio de 2003, com entrada em vigor em 1 de janeiro de 2005, onde se encontra a definição de micro, pequenas e médias empresas e define que a categoria das PME é formada “por empresas que empregam menos de 250 pessoas e cujo volume de negócios (VN) anual não excede 50 milhões de euros ou cujo balanço total anual não excede 43 milhões de euros”.

Por sua vez a microempresa, parte integrante das PME, diz respeito à empresa “que emprega menos de 10 pessoas e cujo volume de negócios anual ou balanço total anual não excede 2 milhões de euros” e a pequena empresa aquela “que emprega menos de 50 pessoas e cujo volume de negócios anual ou balanço total anual não excede 10 milhões de euros”.

Além dos limiares financeiros e do número de efetivos, as PME caracterizam-se por especificidades relacionadas com a estrutura e gestão das empresas, e conseqüentemente enfrentam maiores dificuldades e desafios.

Segundo o relatório preparado para a Comissão Europeia no ano de 2016, as PME dos 28 estados membros enfrentam vários desafios, entre os quais: encontrar clientes, a disponibilidade de mão de obra qualificada e gestores com experiência, competição, regulamentação, custo da produção e do trabalho e o acesso a financiamento.

### **2.1.2 O panorama português e a relevância socioeconómica**

Em Portugal as PME representam cerca de 99,9% do total das empresas. Esta percentagem configura aproximadamente 1.260.436 empresas em 2017, das quais 96,16% são microempresas (INE, 2019). Estão compreendidas as sociedades, os empresários em nome individual e os trabalhadores independentes, que a partir de 2004 foram classificados como empresas individuais para fins estatísticos.

Segundo o INE (2019), em 2017, tomando como ponto de referência as sociedades, estas totalizam cerca de 402.711, das quais 401.509 são PME. Ao retirarmos o setor financeiro (uma vez que entidades financeiras e seguradoras aplicam normativos contabilísticos diferentes do resto dos setores), que é responsável por cerca de 2% de todas as sociedades, ficamos com os dados do setor não financeiro para análise, um total de 393.823 PME em 2017.

As PME permanentemente foram responsáveis por uma elevada percentagem do total das empresas, no entanto, em valores absolutos sofreram oscilações nos últimos anos. A recessão económica de 2008 em Portugal, seguida do Programa de Ajustamento Económico e Financeiro

(PAEF) em 2011, até 2014, teve um grande impacto nas PME, e nos respetivos indicadores macroeconómicos, que muito se caracterizam por serem mais vulneráveis do que as grandes empresas relativamente a novos desafios e realidades, uma vez que detêm limitações no acesso aos recursos, influenciando assim a capacidade de competição e mudança (Aragón-Sánchez & Sánchez-Marín, 2005).

Contudo, as PME foram também as que entre 2012 e 2016 do conjunto empresarial, exibiram mostras de maior dinamismo com um desempenho favorável em VN e número de colaboradores (Informa D&B, 2017). Beneficiaram da estrutura simples, que lhes dá flexibilidade e facilidade para que rapidamente consigam ultrapassar as dificuldades e encontrar novas soluções (Aragón-Sánchez & Sánchez-Marín, 2005).

De 2008 a 2012 indicadores macroeconómicos como o Valor Acrescentado Bruto (VAB), o número de Pessoas ao Serviço e o VN sofreram grandes decréscimos, na ordem dos 20%, 14% e 16%, respetivamente (INE, 2019).

Com a recessão económica, a maioria dos setores sofreram alterações a nível demográfico. Em cerca de mais de 50% dos setores o ano em mais se fez sentir a crise foi em 2012, com a maior variação negativa no número de PME. Sendo que o setor da Construção foi o responsável por 38% das diminuições, seguindo-se o setor do Comércio. No entanto estes dois continuaram a ser os maiores setores em termos de dimensão (INE, 2019).

Em 2013 a perspetiva alterou e registou-se uma evolução positiva quer no VAB, quer no número de empresas, com um total de 355.620 PME (INE, 2019). No entanto, valores tão baixos como não se registava desde 2004. (European Commission, 2016). A partir de 2014 observou-se uma melhoria noutros indicadores das PME como o número de colaboradores e VN.

Segundo a publicação anual do INE (2019) verificaram-se evoluções positivas ano após ano, todavia em 2016 os principais indicadores ainda apresentavam valores inferiores a 2008. Em 2017 o VAB registava os 52.129.487 milhares de euros, cerca de 2.141.173 pessoas ao serviço e com um VN de 206.873.346 milhares de euros, representando um crescimento de 2,1 pontos percentuais, 0,32 pontos percentuais e 3,34 pontos percentuais, respetivamente, face ao ano anterior, contrariando a tendência de até então, no entanto o emprego ainda assinalava valores inferiores a 2008.

Em 2017 os setores com maior contribuição para a totalidade de PME mantiveram-se o Comércio, com uma representação de cerca de 24,68%, em seguida Atividades de consultoria,

científicas, técnicas e similares com 10,44% e a Construção com 10,17%. Os que apresentaram uma maior evolução em termos absolutos de número de PME foram Atividades imobiliárias e Alojamento, Restauração e similares (INE, 2019).

### **2.1.3 Na Europa**

À semelhança do que se passa em Portugal, na Europa com os 28 estados membros, as PME são um grande pilar na economia, representado cerca de 99,8% da totalidade do setor não financeiro em 2017, em que 93,1% são microempresas (European Commission, 2018).

No ano de 2017 as PME do setor global não financeiro foram responsáveis por 56,8% do VAB e 66,4% da empregabilidade (Muller *et al.*, 2018).

As PME são responsáveis por empregar 2 em cada 3 colaboradores, e 9 em cada 10 empresas empregam menos de dez pessoas, consideradas micro empresas (Muller *et al.*, 2018).

Em 2017 os setores mais importantes foram: Indústrias Transformadoras, Construção, *Business Services*, Alojamento e Restauração e Comércio por grosso e a retalho, responsáveis por 77%, 71% e 77%, respetivamente do número total, do VAB e da empregabilidade total das PME (Muller *et al.*, 2018).

No ano em análise, similar ao ocorrido em Portugal, na Europa também se constata um enquadramento económico mais favorável, dando sinais de recuperação da crise económica nos três principais indicadores macroeconómicos.

Até ao ano de 2019 para as PME dos 28 Estados Membros da União Europeia é expectável um crescimento de 4,3% do VAB, enquanto que o crescimento na empregabilidade será mais moderado, cerca de 1,3%, ainda assim preveem-se desempenhos favoráveis (Muller *et al.*, 2018).

## 2.1.4 Setor do Calçado

### 2.1.4.1 Caracterização e evolução

A indústria do calçado pertence ao setor da indústria transformadora que em 2017 foi o quarto setor com maior número de sociedades, caracterizadas como PME, aproximadamente 39.245 sociedades cerca de 9,7% do total das PME (INE, 2019).

O setor do calçado é responsável por cerca de 1.905 empresas em 2016, previsão para 2017 de 1.919 (APPICAPS, 2018) e para 2018 1.865 (APPICAPS, 2019).

Dentro do setor a indústria do calçado tem-se mostrado em permanente evolução, com a criação de mais de 269 empresas de calçado num total de 1.514 de 2010 a 2016, muitas delas lançadas por jovens empreendedores, que garantiram no ano de 2017 3,2% do valor acrescentado da indústria transformadora portuguesa, sendo que no período homólogo atingiu 3,4% (APPICAPS, 2018).

Esta indústria em conjunto com a indústria dos componentes para calçado e a indústria dos artigos de pele é representada pela APICCAPS, que gere o *cluster* do calçado.

A proximidade das empresas resulta na presença de uma centralização geográfica a norte das três indústrias, condição essencial que justifica a existência deste *cluster*. Localizam-se em dois polos principais: Felgueiras/Guimarães e Sta. Maria da Feira/ São João da Madeira/ Oliveira de Azeméis. As principais instituições de suporte do setor também se situam nestes polos, o Centro Tecnológico do Calçado e a Academia do Design e Calçado (CFPIC), o que potencia ainda mais as sinergias nesta cooperação.

Durante o intervalo de maior fragilidade económica, o *cluster* do calçado demonstrou provas de dinamismo logo em 2010, e a partir daí um contínuo crescimento do VN. Em 2016 ultrapassou o valor de 2.500 milhões de euros, uma evolução de quase 50% desde 2009, conseguindo acentuar o seu peso de VN na indústria transformadora para cerca de 3% entre 2014 e 2016 (APPICAPS, 2018).

Impulsionado por esse vigor também em 2010 conseguiram inverter a situação que até então havia sendo tendência em que perderam cerca de 12% dos 42 mil dos colaboradores do *cluster* do calçado. Nos quatro anos seguintes registou-se um crescimento de cerca 22%, e a partir de 2015 uma desaceleração tendo estabilizado nas 47 mil pessoas ao serviço. Só a indústria do

calçado é responsável por empregar aproximadamente 40 mil pessoas, uma média de 26 pessoas por empresa (APPICAPS, 2018).

Cada um dos trabalhadores em média produziu, no ano de 2017, em média 2.070 pares de sapatos, com a predominância para sapatos de senhora e homem em couro, perfazendo um total de produção de 82 milhões de pares de sapatos, alcançando o auge dos últimos 10 anos (APPICAPS, 2018).

A acompanhar a produção, as famílias portuguesas detiveram em 2017 os valores máximos de consumo de calçado desde 2010, com um total de 57 milhões pares de sapatos adquiridos. Para além disso, as exportações de calçado tiveram uma evolução favorável de 59% desde 2009, atingindo os 1.960 milhões de euros em 2017 (APPICAPS, 2018). As exportações foram em muito responsáveis pela superação rápida do setor à crise económica portuguesa, através de sucessiva aposta nos mercados internacionais e em novas estratégias que tornaram o setor menos vulnerável à situação do país.

A Europa absorve quase 90% das exportações do calçado português, em que os 5 principais mercados são França, Alemanha, Espanha, Holanda e Reino Unido, que representam um total de 69,5% do valor. Em termos de importações as empresas portuguesas compram essencialmente calçado em materiais têxteis e plásticos, a Espanha e à China, num valor de cerca de 600 milhões de euros, totalizando um excedente comercial de 1.3 mil milhões de euros (APPICAPS, 2018).

O setor e *cluster* do calçado querem ser vistos como um setor atrativo, jovem e inovador, sobre o mote do slogan “*The Sexiest Industry in Europe*”, onde o principal foco para a indústria de calçado é a promoção comercial externa (APICCAPS, 2017). Investem no estudo e na produção de novos modelos, na qualidade, moda e design, aliando a atividades de internacionalização, ações comerciais, comparência em feiras em diversos mercados, detêm uma presença e marketing internacional muito forte que em conjunto com todos os esforços de investimento e inovação levam ao sucesso internacional.

Estes reforços e atividades fazem parte das opções estratégicas estabelecidas, tal como o investimento na requalificação de mão-de-obra. A escassez desta continua a ser um dos principais problemas que cerca de 30% das empresas nacionais ainda enfrentou em 2017, apesar de todos os esforços e avanços que se verificaram nos últimos 20 anos (APPICAPS, 2018).

#### **2.1.4.2 Pequenas e Médias Empresas**

A indústria do calçado é composta por um tecido empresarial que corresponde à população alvo ambicionada para o estudo, em 2016 constituída por 1.514 das quais 1.505 são PME, localizadas essencialmente na região Norte de Portugal (APPICAPS, 2018).

O *cluster* do calçado em termos de estrutura dimensional é composto maioritariamente por micro e pequenas empresas. Das 1.905 empresas 50% apresentam características para a sua definição como microempresa, cerca de 38,2% são pequenas empresas e 11,2% são médias empresas. Apenas 0,6% (11 empresas), empregam mais de 250 trabalhadores (APPICAPS, 2018).

A indústria do calçado segue a mesma tendência do setor, é constituído por 729 microempresas (48,2%), 588 pequenas empresas (38,8%), 188 médias empresas (12,4%) e 9 grandes empresas (0,6%) (APPICAPS, 2018).

Relativamente ao número de pessoas ao serviço, a indústria do calçado contabilizou em 2016 39.734 empregados. É nas médias empresas onde está o maior número de funcionários 17.203 (43,4%), de seguida as pequenas empresas que dão emprego a 14.141 (35,6%) pessoas, as 9 grandes empresas empregam 5.213 (13%) pessoas e nas microempresas 3.177 (8%) (APPICAPS, 2018).

A realidade das restantes indústrias do *cluster*, também de dimensões menores, é ligeiramente diferente na medida em que a maioria absoluta das pessoas está ao serviço das micro e pequenas empresas. Verifica-se uma dimensão média de 26 trabalhadores na indústria do calçado, 20 pessoas na indústria dos componentes para calçado e 14 pessoas na indústria dos artigos de pele (APPICAPS, 2018).

#### **2.2 Informação contabilística – base e normativo**

Relativamente à informação proveniente dos sistemas de contabilidade, como utensílio potencial para a gestão, importa entender o que está na sua base e os instrumentos que o Sistema de Normalização Contabilística (SNC) proporciona, disponíveis para a adoção pelas PME, e quais as suas condições de aplicabilidade, bem como algumas diferenças resultantes dos diferentes patamares de exigência do normativo nacional atendendo à dimensão das empresas.

### 2.2.1 O Sistema de Normalização Contabilística

O SNC assume-se como uma modernização contabilística, um instrumento fundamentado, de acordo com o Dec. Lei n.º 158/2009 de 13 de julho, “mais em princípios do que em regras explícitas”, em concordância com as normas internacionais de contabilidade emitidas pelo organismo privado de âmbito internacional, *International Accounting Standards Board (IASB)*, de carácter obrigatório para sociedades abrangidas pelo Código das Sociedades Comerciais, empresas individuais reguladas pelo Código Comercial, estabelecimentos individuais de responsabilidade limitada, empresas públicas, cooperativas, agrupamentos complementares de empresas e agrupamentos europeus de interesse económico.

As empresas com valores admitidos a cotação em mercado de valores utilizam diretamente as normas internacionais de contabilidade na elaboração das suas contas consolidadas, adotadas nos termos do artigo 3.º do Regulamento (CE) n.º1606/2002.

Este novo sistema de normalização é composto pelos seguintes elementos/instrumentos, de acordo com Dec. Lei n.º 158/2009 de 13 de julho:

- Estrutura Conceptual (EC) – conjunto de conceitos contabilísticos estruturantes que se assume como subjacente a todo o sistema e à preparação e apresentação das demonstrações financeiras;
- Bases para a Apresentação de Demonstrações Financeiras (BADF) – regras sobre o que constitui e a que princípios essenciais deve obedecer um conjunto completo de demonstrações financeiras;
- Modelos de Demonstrações Financeiras (MDF) – formatos padronizados, mas flexíveis, para as demonstrações financeiras, incluindo um modelo orientador para o Anexo;
- Código de Contas (CC) – estrutura codificada e uniforme de contas/quadro síntese de contas e notas de enquadramento;
- Normas Contabilísticas e de Relato Financeiro (NCRF) – núcleo central do SNC, cada uma constitui um instrumento de normalização adaptada a partir das normas internacionais de contabilidade adaptadas pela União Europeia;
- Norma Contabilística e de Relato Financeiro para Pequenas Entidades (NCRF-PE) e Norma Contabilística e de Relato Financeiro para Microentidades (NCRF-ME) – contempla os tratamentos de reconhecimento, de mensuração, de apresentação e de divulgação pertinentes e mínimos a serem adotados por entidades de menor dimensão;

- Norma Contabilística e de Relato Financeiro para Entidades do Setor Não Lucrativo (NCRF-ESNL) – normativo contabilístico aplicável a entidades não lucrativas;
- Normas Interpretativas (NI) – normas propostas pelo CNC, publicadas através de aviso no Diário da República, para esclarecimento e ou orientação sobre o conteúdo dos restantes instrumentos que constituem o SNC.

Com estes elementos à disposição das empresas portuguesas estas estão habilitadas para elaborar e divulgar demonstrações financeiras, um relato financeiro de qualidade apropriado aos mercados onde atuam e se financiam.

### **2.2.1.1 NCRF – PE**

O elemento NCRF-PE, aprovado em conjunto com o SNC pelo Dec. Lei n.º 158/2009 de 13 de julho em sintonia com a norma emitida pelo IASB - *International Financial Reporting Standard for Small and Medium-Sized Entities* (IFRS for SME's), permite uma maior comparabilidade de informação financeira entre as PME internacionais, e em Portugal com efeito para as empresas nos períodos após 1 de janeiro de 2010.

Trata-se de um único documento que tem em conta as menores exigências de informação e simplifica o relato financeiro. Vem “estabelecer os aspetos de reconhecimento, mensuração e divulgação extraídos das correspondentes NCRF, tidos como os requisitos mínimos aplicáveis às pequenas entidades” (Aviso n.º 15654/2009 de 7 de setembro, § 1.1), acompanhando assim a mesma estrutura da NCRF para cada capítulo.

Em 2015 a publicação do Dec. Lei n.º 98/2015 de 2 de junho veio clarificar todo o sistema contabilístico, conseqüentemente trouxe alterações aos limites das categorias de entidades para efeitos da aplicação do SNC. Estabeleceu-se assim que as entidades a partir de 1 de janeiro de 2016 cuja dimensão não ultrapasse em dois anos consecutivos dois dos seguintes três limites: i) total do balanço: 4.000.000€; ii) VN líquido: 8.000.000€; iii) número de trabalhadores empregados em média durante o exercício: 50. Estas entidades podem, pois, adotar a NCRF-PE.

A aplicação da norma implica a elaboração de um menor número de demonstrações financeiras, nomeadamente o Balanço, a Demonstração dos Resultados e o Anexo, além de que são modelos reduzidos face às demonstrações financeiras que encontramos no SNC geral.

Em ocasiões em que o normativo não responde a alguma questão particular, as pequenas entidades podem recorrer às NCRF e NI. Num nível acima, supletivamente, aplicam-se as Normas Internacionais de Contabilidade (IAS - *International Accounting Standard*) e as Normas Internacionais de Relato Financeiro (IFRS - *International Financial Reporting Standard*), e respetivas interpretações.

#### **2.2.1.2 NCRF – ME**

São consideradas microentidades empresas que, à data do balanço, não ultrapassem em dois anos consecutivos dois dos três limites seguintes: a) Total do balanço: 350.000€; b) VN líquido: 700.000€; c) Número médio de empregados durante o exercício: 10.

Estas empresas estão dispensadas de aplicar as normas publicadas pelo Dec. Lei n.º 158/2009 de 13 de julho, a partir do exercício de 2010, aplicando a NCRF-ME, publicada pelo Aviso n.º 6726-A/2011 de 14 de março que visa “estabelecer os aspetos de reconhecimento, mensuração e divulgação, tidos como os requisitos contabilísticos aplicáveis às microentidades”.

A divulgação da informação é simplificada sendo estas empresas dispensadas da elaboração e apresentação da Demonstração de Fluxos de Caixa e da Demonstração das Alterações do Capital Próprio, e apresentam um conjunto de notas ao Balanço e à Demonstração dos resultados específico para as microentidades.

### **2.3 A utilização da informação contabilística**

Através da aplicação dos elementos identificados do SNC, incluindo os elaborados especialmente para as PME, nos sistemas inteligentes de software de contabilidade é possível extrair informação fidedigna que se pode revelar importante para a gestão.

Esta informação contabilística é disponibilizada na forma de declarações “oficiais” (demonstrações financeiras) ou num formato mais informal através de relatórios e análises mais simples, adequadas às necessidades de gestão financeira das diferentes das PME.

A informação é produzida para vários utentes, sendo o *Output* da contabilidade financeira essencialmente destinado a utentes externos (como os investidores, os financiadores e outros credores, os clientes, os fornecedores, os empregados, o Estado e o público em geral), mas embora conceptualmente tal não esteja previsto, os próprios gestores poderão beneficiar deste

sistema de informação, sobretudo se não estiver ao seu alcance ou não for economicamente viável a implementação de um sistema de contabilidade de gestão. Pretende-se perceber a consideração e utilização destes perante a informação contabilística. É crucial que os gestores reconheçam e percebam que esta informação é imprescindível e que a devem saber interpretar e utilizar.

### **2.3.1 O que é a informação contabilística e como se materializa**

A informação contabilística na sua génese é quantitativa, referente a uma entidade, baseada na observação e preparada segundo normas (Bruns & McKinnon, 1993).

É o resultado da contabilidade da empresa e de sistemas de reporte, sistemas de informação para a gestão, que identificam medem e reportam dados económicos e financeiros quantitativos respeitantes à posição e performance financeira das empresas (Bushman & Smith, 2001).

Em Portugal a informação contabilística materializa-se nas demonstrações financeiras a que o SNC exige a elaboração e apresentação, que “são uma representação estruturada da posição financeira e do desempenho financeiro de uma entidade” (Dec. Lei n.º 158/2009 de 13 de julho).

A estrutura conceptual do normativo nacional apresenta modelos das demonstrações financeiras, formatos padronizados, para a elaboração das demonstrações obrigatórias: Balanço, Demonstração dos resultados por naturezas, Demonstração das alterações no capital próprio, Demonstração dos fluxos de caixa pelo método direto e Anexo (Dec. Lei n.º 158/2009 de 13 de julho).

No normativo internacional, o IASB emitiu a norma IFRS – SMEs, tendo como base o conjunto completo das normas IFRS, adaptando de modo a retratar as necessidades dos utilizadores das demonstrações financeiras e os custos e recursos necessários à preparação da informação (IASB, 2015).

O conjunto completo de demonstrações financeiras estabelecido pela IFRS – SMEs é constituído por: Demonstração da Posição Financeira, Demonstração do Rendimento Integral (que poderá ser apresentada em duas componentes, do resultado líquido e do outro rendimento integral), Demonstração das Alterações do Capital Próprio, Demonstração dos Fluxos de Caixa e Anexo (notas). A principal diferença para o conjunto completo das IFRS baseia-se na simplificação da demonstração de alterações de capital próprio, quando a única alteração ao

capital é a existência de lucro ou prejuízo, o pagamento de dividendos, as correções de erros de períodos anteriores e a alteração da política contabilística. Nestas situações a entidade pode optar por apresentar uma única demonstração de resultados e dos lucros acumulados (IASB, 2015).

Toda a informação elaborada deve ser de qualidade, obedecendo a quatro características principais que se designam de qualitativas: compreensibilidade, relevância, fiabilidade e comparabilidade (Aviso n.º 15652/2009 de 7 de setembro, §24).

A utilização e gestão da informação contabilística é vista, segundo Bushman & Smith (2001), como o uso de dados da própria informação, que devem ter ligação a mecanismos de controlo, de forma a promover a gestão das empresas.

### **2.3.2 Os seus utilizadores e o modo como a empregam**

O normativo contabilístico não constitui em Portugal a única legislação que obriga as empresas a adotarem contabilidade organizada. O Código do IRC estabelece que “As sociedades comerciais ou civis sob forma comercial, (...) e as demais entidades que exerçam, a título principal, uma atividade comercial, industrial ou agrícola, com sede ou direção em território português, (...), são obrigadas a dispor de contabilidade organizada nos termos da lei que, (...), permita o controlo do lucro tributável” (Artigo 123 n.º1, CIRC), é possível afirmar que as PME portuguesas possuem informação contabilística ao seu dispor.

Nos utentes da informação “incluem-se investidores atuais e potenciais, empregados, mutuantes, fornecedores e outros credores comerciais, clientes, governo e seus departamentos e o público” (Aviso n.º 15652/2009 de 7 de setembro, §9).

O governo (Estado) é considerado, por vários autores, como o principal interessado e utilizador da informação (Ciuhureanu, 2018; Gouveia *et al.*, 2015). Outros apontam os gestores como um dos principais utilizadores. Estes carecem cada vez mais de soluções descomplicadas, mas que englobem informações além de uma análise básica e simplista das contas (Dethomas & Fredenberger, 1985; Marriott & Marriott, 2000).

DeThomas & Fredenberger (1985) referem que a grande maioria das PME preparam informação contabilística, no seu modo mais tradicional, constituída pelas demonstrações financeiras de elaboração obrigatória.

Os gestores necessitam de qualquer fonte que esteja disponível que forneça informação a tempo e precisa para suportar o seu trabalho, dando preferência a dados unitários na gestão corrente e à informação contabilística no longo prazo (Bruns & McKinnon, 1993).

As necessidades de gestão financeira das PME são diferentes (Ang, 1991), em resposta à heterogeneidade e às características únicas que acarretam dificuldades distintas das que ocorrem nas grandes empresas.

Apesar das necessidades diferentes, as intenções da utilização da informação contabilística, devem ser comuns a qualquer entidade. Segundo Puskarevic & Gadzo (2014) as empresas têm como principais propósitos, por ordem de importância, o controlo, análise, relatórios operacionais, tomada de decisão e planeamento.

A informação é preparada e deve ser relevante a ponto de eliminar ou reduzir problemas de gestão, fundamentando a tomada de decisão (Nunes & Serrasqueiro, 2004a), para que se torne útil aos utentes.

São várias as informações que se pode extrair do sistema contabilístico, tanto do subsistema da contabilidade financeira como da contabilidade de gestão, que acrescentam valor ao sistema de gestão. Do mesmo modo que um conjunto de informações que à partida não seriam classificados como informação contabilística, mas que são importantes para o sistema e indispensáveis para a gestão do dia a dia e outras necessidades a longo prazo, informação informal que provem de fontes como telefonemas, reuniões, observações e relatórios informais (Bruns & McKinnon, 1993).

Deve ser elaborada informação adicional de acordo com o conhecimento e as necessidades dos gestores das PME, adequada para uma correta avaliação, acompanhamento, planeamento e tomada de decisão, sobretudo para os proprietários/gestores que não possuem literacia financeira (Dethomas & Fredenberger, 1985), ainda que para alguns a tomada de decisão não seja o intuito fundamental da utilização da informação contabilística.

Em conjunto é necessário que os preparadores da informação tentem colmatar algumas falhas dos utilizadores, indo de encontro ao que estes precisam e incentivando-os à utilização da informação contabilística através de reportes visualmente mais atraentes, construídos com tabelas, gráficos, rácios e respetivas explicações (Marriott & Marriott, 2000).

Proporciona-se assim uma maior capacidade de interpretação e entendimento da realidade financeira, auxiliando a compreender o passado, o presente e a preparar as futuras decisões,

proporcionado uma visão global da empresa, e do que não é perceptível no dia a dia (Socea, 2012).

Somente desta forma é possível contrariar a tendência e percepção dos empresários/gestores que não veem carácter informacional na informação contabilística, apenas para efeitos de cumprimento de regulamentação (Ciuhureanu, 2018) e apuramento de impostos. Os seus interesses são meramente o crescimento da empresa, o aumento de recursos monetários e menores encargos para com o Estado (Lusvarghi, 1996).

Alguns estudos têm evidenciado a mudança de mentalidades, concluindo que os gestores afirmam que a finalidade da contabilidade, da elaboração das demonstrações, é para objetivos mais amplos como o processo de tomada de decisão, uma ferramenta de auxílio às necessidades de gestão, sem descurar os fins fiscais (Gouveia *et al.*, 2015; Santos, 2014; Serrasqueiro & Nunes, 2004).

A informação contabilística também constitui uma ferramenta que auxilia à concretização de objetivos comuns, mesmo dos gestores sem especialidade em contabilidade, por considerarem a informação contabilística um instrumento persuasivo que é capaz de influenciar um número de elementos da empresa, fazendo-as concordar com a visão do gestor, ganhando poder e confiança (Cheffi & Beldi, 2012).

#### **2.4 Fatores de influência da utilização da informação contabilística**

A interpretação e utilização da informação contabilística estão correlacionadas com fatores que similarmente ajudam a perceber a verdadeira posição da PME na conjuntura económica nacional, além dos critérios quantitativos, e que influenciam a orientação e o tipo de gestão levada a cabo pelos administradores e gestores.

Características da empresa, do que a rodeia, de quem a gere e das opções tomadas quanto à contabilidade, evidenciadas por vários autores através da colaboração de gestores, estão relacionadas com a utilização da informação contabilística.

Através destas variáveis pretende-se determinar a situação em que os gestores das PME do calçado se encontram.

#### **2.4.1 Características da empresa e meio ambiente**

À medida que o tamanho de uma empresa cresce aumenta a utilização da informação contabilística, as PME com maior dimensão (em termos de número de colaboradores e VN) conferem um grau de maior importância à informação contabilística (Cepêda, 2017; Ciuhureanu, 2018; Puskarevic & Gadzo, 2014; Santos & Alves, 2016; Santos, 2014; Serrasqueiro & Nunes, 2004), dado que a gestão já carece de decisões e informações mais complexas, ponderadas e completas.

O que também se espera que aconteça quando a longevidade das empresas vai aumentando, acresce assim também a importância atribuída à informação contabilística (Cepêda, 2017; Gouveia *et al.*, 2015).

Verifica-se que as empresas com um nível mais complexo em termos de estrutura organizacional concedem aos sistemas de contabilidade, e consequentemente à sua informação, uma maior relevância e sentem-se encorajadas a usar efetivamente a informação contabilística (Cassia *et al.*, 2005).

Fatores externos como a competição e a internacionalização são considerados influenciadores no papel que a informação contabilística tem na empresa. A necessidade e o objetivo de alcançar e ultrapassar a concorrência, aumentando assim a intensidade da competição, estimula o aumento da utilização da informação contabilística (Amat *et al.*, 1994).

Da mesma maneira empresas que já enfrentaram processos de internacionalização e estão presentes em mercados externos, focadas nos objetivos e na estratégia a seguir, têm tendência para uma maior utilização dos sistemas de contabilidade (Marc *et al.*, 2010).

#### **2.4.2 Características dos recursos humanos e das equipas**

Muitas das PME são familiares, e por vezes a constituição das diferentes equipas pode ser tendenciosa e estas não possuem os melhores conhecimentos técnicos para as funções.

Além disso as PME normalmente têm uma equipa de gestão reduzida e pouco versátil, com escassa experiência nas diferentes áreas internas e insuficientemente preparada para as mudanças do exterior (Ang, 1991). A carência de formação e conhecimentos técnicos das equipas financeira e de gestão, e também do próprio gestor, está relacionada com a diminuição do uso da informação contabilística (Halabi *et al.*, 2010; Ilias *et al.*, 2010; Thomsen, 2009).

As várias equipas que constituem uma empresa, e os seus elementos, são um fator muito importante e decisivo para uma gestão eficaz e eficiente. É possível, de certo modo, depreender se o negócio e a organização são mais complexos e estruturados pelo investimento que se faz nestas, nomeadamente na equipa financeira, e em especial nos seus indivíduos e nas suas competências.

A importância atribuída à informação contabilística e a própria utilização, nas PME aumenta quando a dimensão do departamento financeiro/contabilístico, em número de colaboradores cresce (Serrasqueiro & Nunes, 2004).

As empresas familiares, quando necessitam e não têm uma pessoa da família competente para o cargo de topo de um departamento financeiro, um diretor financeiro, têm relutância em empregar uma pessoa externa por acreditarem que vão perder controlo e influência nas decisões financeiras, considerando apenas uma mais valia nos momentos de grandes problemas financeiros, e como potencial forma de reduzir o risco (Lutz & Schraml, 2011).

No entanto a necessidade de recrutar colaboradores deve ser sempre ultrapassada pela contratação de profissionais não relacionados com os proprietários, o que está associado a uma maior utilização dos sistemas de contabilidade (Lavia López & Hiebl, 2014).

Todo este controlo familiar nas PME está ligado a uma menor utilização dos sistemas de informação contabilísticos (García Pérez De Lema & Duréndez, 2007; Neubauer *et al.*, 2012).

O próprio desempenho da empresa pode ser afetado. O receio geralmente associado é o da renúncia a lucros máximos da parte dos gestores que são parte do núcleo familiar do proprietário, não levando em consideração os interesses dos proprietários externos ao núcleo familiar (Anderson & Reeb, 2003). Todavia existem estudos que evidenciam que empresas familiares em mercados bem regulados e transparentes reduzem problemas de agência, e que as suas performances são significativamente melhores das que não são familiares (Anderson & Reeb, 2003).

### 2.4.3 Característica do gestor/proprietário

O papel de um gestor prende-se com os assuntos mais operativos do dia-a-dia, os resultados imediatos e o crescimento do negócio. No entanto para se ser um bom gestor, há que ter bem estruturado os objetivos estratégicos, bem como uma visibilidade global da empresa a longo prazo, não descurando as atividades internas, não tanto operacionais, mas as que em muito sustentam o negócio.

Assim como refere Gouveia *et al.* (2015:19) “os gestores necessitam de desenvolver conhecimentos nas áreas económicas a fim de fortalecer a sua capacidade de gestão”, para que esta vá além da intuição e experiência, e não tomem decisões somente com base nestas “fontes de informação” como se tem constatado (Puskarevic & Gadzo, 2014).

A formação académica tem assim um papel preponderante na gestão da empresa e sucessivamente na importância atribuída à informação contabilística. Os gestores com formação superior conferem uma maior utilidade (Cepêda, 2017; Serrasqueiro & Nunes, 2004). Para além disso, se a formação for em áreas económicas é um fator a favor (Gouveia *et al.*, 2015; Santos, 2014), pois foram instruídos para a utilidade da contabilidade e têm uma maior facilidade na interpretação da informação.

E, por outro lado os gestores que não têm a formação académica necessária e apenas possuem conhecimentos básicos, não lhes é possível lidar e interpretar os procedimentos e os seus dados, acabando por não utilizar a informação contabilística (Carrillo, 2017), considerando esta uma ferramenta apenas para fornecer informação a utilizadores externos e não lhe é reconhecida a utilidade para o processo de tomada de decisão (Halabi *et al.*, 2010).

O nível de formação tem ainda impacto no tipo de serviço de contabilidade utilizado, e que por sua vez tem efeito na utilização da informação contabilística (Nunes & Serrasqueiro, 2004b). Gestores com perspicácia financeira entendem os documentos e o valor acrescentado da informação neles contida. Estão dispostos a utilizá-la e pagar por informações cada vez mais complementares que o serviço de contabilidade pode fornecer (Marriott & Marriott, 2000).

Da “bagagem” que um gestor leva, além da formação, vem a experiência profissional, que por muitos é considerado um dos fatores mais importante na hora de tomar decisões (Gouveia *et al.*, 2015), e que influencia a importância concedida à informação contabilística de um modo benéfico (Santos, 2014).

Contudo, Serrasqueiro & Nunes (2004) concluíram que também os gestores com poucos anos de experiência concedem uma maior importância à informação contabilística, possivelmente por estarem instruídos para tal, e ainda não se sentirem confortáveis e confiantes em tomadas de decisão sem ter por base uma boa estrutura de informação.

Nas PME, em muitos casos, o proprietário assume a função de gestor, o que afeta a importância atribuída à informação contabilística de forma negativa (Cepêda, 2017; Serrasqueiro & Nunes, 2004). Os proprietários podem não possuir a formação nem os conhecimentos necessários a uma boa gestão (Santos, 2014; Serrasqueiro & Nunes, 2004).

Ao serem a mesma pessoa não há o confronto de pareceres do que é melhor para a empresa, mesmo ao nível da designada teoria de agência. Desta forma não havendo diferença de opiniões o recurso a informações, como por exemplo a informação contabilística, que suportem e justifiquem alguma ideia é inferior, ainda mais quando se trata de uma empresa familiar (Neubauer *et al.*, 2012).

Defende-se a separação entre estas duas personalidades, para que a gestão seja mais íntegra e para combater a ausência de responsabilidade na utilização indevida de ativos da empresa para práticas pessoais (Ang, 1991). O estudo e desenvolvimento da temática da utilização da informação contabilística tenciona contribuir para a evidência de que as informações provenientes de sistemas de contabilidade e o seu uso mitigam os problemas de agência (Bushman & Smith, 2001).

#### **2.4.4 Características do serviço de contabilidade**

As PME caracterizam-se por serem entidades muito vulneráveis ao mundo exterior e a qualquer mudança, são empresas com poucos recursos e em que se pondera muito bem o custo benefício de qualquer serviço a adquirir (Aragón-Sánchez & Sánchez-Marín, 2005).

Assim também acontece com o serviço da contabilidade, uma obrigação legal, seja um serviço de *outsourcing* seja através da contratação de profissionais internos para o fazer.

Por vezes, ainda que as PME possuam sistemas de contabilidade, estes apenas permitem registos contabilísticos simples o que os torna inadequados para a gestão (Puskarevic & Gadzo, 2014), tendo que recorrer aos serviços externos.

Segundo Dethomas & Fredenberger (1985) a opção que se traduz economicamente mais rentável e vantajosa é a de contabilidade externa, os denominados serviços de consultoria de contabilidade, para as PME de modo a colmatar as necessidades de consultoria financeira.

Gouveia *et al.* (2015) menciona que em Portugal a informação contabilística na maioria das PME é preparada e produzida externamente. Contratam-se os serviços principalmente para a elaboração e entrega de declaração fiscais, e também, com menor importância, para conhecer os resultados operacionais (Carrillo, 2017).

A opção do tipo de serviço de contabilidade está profundamente relacionado com outras características do gestor e/ou das empresas, e pode limitar a utilização da informação contabilística (Gouveia *et al.*, 2015; Serrasqueiro & Nunes, 2004)

Os gestores, principalmente quando a contabilidade é realizada externamente, têm uma perceção do papel dos contabilistas somente para fins de impostos e contribuições sociais, propósitos fiscais e legais (Moreira *et al.*, 2013; Nunes & Serrasqueiro, 2004a). Se realizada internamente, os gestores conferem maior utilidade à informação contabilística (Nunes & Serrasqueiro, 2004b).

O serviço de contabilidade é percebido na maioria das vezes para justificar e prover as necessidades de terceiros, em vez das necessidades dos próprios gestores (Marriott & Marriott, 2000). Ainda assim, segundo Gouveia *et al.* (2015), se este serviço não fosse obrigatório a maioria das entidades iria mantê-lo, demonstrando que o consideram uma mais-valia.

Esta convicção estaria mais cimentada se os contabilistas e gestores estivessem do mesmo lado, com a mesma perspetiva. Por um lado temos os contabilistas externos que muitas vezes não estão totalmente consciencializados com o negócio e as necessidades dos clientes (Dethomas & Fredenberger, 1985), e por outro temos os gestores que não têm noção do que um serviço de contabilidade pode providenciar e não requisitam mais informação, também por receio do aumento do custo do serviço (Marriott & Marriott, 2000).

O profissional de contabilidade deve ter a iniciativa de abordar o gestor de forma a perceber as suas expectativas e necessidades do negócio, incentivando-o a tirar partido de todas as funcionalidades que um sistema de contabilidade permite (McChlery *et al.*, 2005). De modo a que também sejam elaboradas análises complementares de fácil interpretação, relatórios que permitam aos gestores a confirmação de que as decisões e ações deles estavam corretas e tiveram os resultados pretendidos (Bruns & McKinnon, 1993).

Todavia, para facilitar estas tarefas é também necessário que os contabilistas tenham acesso em tempo real à informação para se possam tornar conselheiros de confiança, mostrando que são mais-valia para o negócio que deve ser reconhecida pelos seus clientes.

Sob outra perspetiva Marriott & Marriott (2000:482) refere que “*The relationship between the smaller company owner-managers and their accountants tended to be long-standing with the majority of companies (...) since the commencement of business*”, o que confere confiança e acomodação ao contabilista, sabe que há uma certa relutância em mudar por parte do gestor mesmo que considere que o serviço prestado não está a acrescentar valor.

Contudo as PME são uma grande fonte de rendimento para as empresas de consultoria de contabilidade (Dethomas & Fredenberger, 1985), e nos dias de hoje com a automatização dos procedimentos contabilísticos há uma economia de tempo que deve ser direcionado para dar provas de todos os benefícios e qualidade do serviço, principalmente como ferramenta útil para a gestão e orientação da empresa.

## **2.5 Efeitos da utilização da informação contabilística**

Depois de analisar as variáveis que influenciam a utilização, por parte dos gestores, da informação contabilística, interessa perceber as consequências e os efeitos que advêm de um correto emprego desta.

O uso e a utilidade dos sistemas e da própria informação simplificam o processo de tomada de decisão facultando informações mais claras e detalhadas (Duréndez *et al.*, 2011)

É uma ferramenta que auxilia a reconhecer os problemas de gestão financeira e económica, direciona as melhores opções de investimento de capital e ajuda a prever certos indicadores assim como todo o desempenho financeiro (Osadchy *et al.*, 2018). Consiste num utensílio decisivo que corretamente empregado reconhece as necessidades de informação e permite uma boa e correta avaliação (Givoly *et al.*, 2017).

Esta ferramenta deve ser empregada principalmente no planeamento e controlo, no entanto a sua utilização pode ser generalizada para decisões mais concretas que decorrem da atividade do dia a dia (Gonçalves, 1997).

Relativamente ao controlo interno de uma empresa e as funções intrínsecas a este, pode ser melhorado através da informação contabilística e de ferramentas específicas como é o caso do

*Balance Scorecard*, que torna possível a deteção atempada de obstáculos, facilitando a transposição destes (Hakola, 2010).

Além desta ferramenta existem outras que melhoram a qualidade da análise estratégica, e que só é possível a sua obtenção e utilização através do uso da informação contabilística (análise do ciclo de vida do produto, análise SWOT...) (Garengo & Bernardi, 2007; Gimbert *et al.*, 2010).

A abordagem do estudo e gestão da informação contabilística é fundamental para a compreensão do impacto que esta tem na alocação e utilização de recursos numa economia (Bushman & Smith, 2001). Consequentemente as PME conseguem uma otimização dos recursos através da utilização de sistemas de gestão contabilísticos baseados em análises financeiras, orientado para decisões e objetivos estratégicos sustentáveis, de forma a melhorar o desempenho ambiental, económico e social destas empresas (Laurinkevičiute & Stasiškiene, 2011).

Outra das vantagens é a maior capacidade de competitividade e a facilidade de adaptação ao ambiente em redor (Laurinkevičiute & Stasiškiene, 2011), que em ambientes económicos cada vez mais globalizados e mutáveis torna-se mais importante.

A utilização de informação proveniente dos métodos tradicionais por parte das PME já não é suficiente para fazer face a essas dificuldades (Greenhalgh, 2000). Ainda é mais difícil para as empresas que insuficientemente utilizam qualquer tipo de informação contabilística, não conseguindo manter o mesmo nível de competitividade (García Pérez De Lema & Duréndez, 2007).

O uso de sistemas de contabilidade financeira e de gestão melhoram o desempenho económico e financeiro de todo o negócio (Bushman & Smith, 2001; Laurinkevičiute & Stasiškiene, 2011; Marriott & Marriott, 2000). No entanto as PME que não estão cientes da importância destas ferramentas apresentam maiores dificuldades na determinação precisa dos custos e a forma de os imputar aos produtos (Brierley, 2011), contribuindo assim para o fracasso de toda a estrutura, esta utilização insuficiente ou inapropriada (Halabi *et al.*, 2010).

Uma observação e análise cuidada das demonstrações financeiras revela o caminho para um desempenho eficaz, bem como as razões de um possível fracasso (Osadchy *et al.*, 2018). A informação contabilística quando utilizada devidamente consegue melhorar vários aspetos chave que contribuem para o sucesso de uma PME.

Partindo do princípio básico de que os preparadores com bons sistemas de contabilidades conseguem fornecer aos gestores informação de excelência, esta vai ser utilizada para auxiliar a identificar os problemas, seleccionar as opções, compará-las e chegar à decisão final, portanto através de boas decisões conseguimos chegar a bons resultados globais, nomeadamente: no processo de tomada de decisão, no planeamento, no controlo, no desempenho financeiro, na estratégia, na otimização de recursos, na competitividade, na rápida adaptação à mudança e no desempenho geral do negócio e da empresa. Ainda que tal não seja alcançado através de um sistema de contabilidade de gestão projetado e implementado para esse efeito, os gestores têm ao seu alcance um sistema de informação de contabilidade financeira de cariz obrigatório e legal, o qual pode constituir um valioso recurso e fonte de informação para o apoio nas suas decisões.

### 3. Metodologia

Este capítulo apresenta a metodologia e o método aplicados na investigação. Expõem-se os objetivos e as questões de investigação, a população e a amostra, o questionário, dando uma breve apresentação da estrutura e conteúdo do mesmo, e as ferramentas de recolha e tratamento da informação (análise de dados).

#### 3.1 Metodologia e métodos

A metodologia aplicada é o positivismo lógico, um método hipotético-dedutivo, que através da revisão da literatura, formulação e recolha de dados, análise estatística e validação das hipóteses pretende alcançar a validação por confirmação empírica. Confirmando-se os mesmos resultados para a amostra, é possível proceder à generalização para a população, no entanto, sem garantia absoluta de ocorrência para todos os casos.

A metodologia “quantitativa” assenta no método de *behavioral accounting research*, que utiliza, com uma estratégia de pesquisa estruturada, adequada para testar hipóteses com a recolha de dados quantitativos, através de questões fechadas com informação recolhida principalmente através de questionários (van der Velde *et al.*, 2004).

A realização do questionário tem como objetivo inquirir unidades de estudo, um determinado número de indivíduos, e não grupos mais amplos, onde o interesse incide na possibilidade de retirar das suas respostas conclusões com o objetivo de generalizar, e não tanto o interesse no indivíduo de uma forma isolada (Ghiglione & Matalon, 2001).

É das estratégias que pode ser realizada em menor tempo, e que envolve menos custos. A facilidade de recolha, organização e análise dos dados, a garantia de anonimato e autenticidade dos respondentes e a não manipulação resultante de pressão presencial são as principais vantagens. No entanto, como desvantagens, requer muito planeamento, tem que ser claro e inequívoco, assim como a taxa de respostas que se poderá obter é uma incógnita, além de que a necessidade de uma ferramenta informática restringe a possibilidade de respostas ao inquirido a pessoas com acesso a um computador e a internet (van der Velde *et al.*, 2004).

### 3.2 Questões e hipóteses de investigação

O presente estudo que tem como ponto de partida o objetivo geral “analisar a perceção dos gestores das PME do setor do calçado perante a utilização da informação contabilística”.

De seguida, acompanhando a evidência dos autores presentes na revisão de literatura faz-se a ligação a seis objetivos específicos que se dividem em hipóteses e sub-hipóteses a testar.

As hipóteses formuladas, como refere Laureano (2013), devem seguir sempre a teoria com o objetivo de testar suposições formuladas sobre parâmetros da população ou distribuições, de forma a rejeitar ou não através dos testes de hipóteses.

Estabelecidos os objetivos e hipóteses é realizada a correspondência às questões presentes no questionário.

O primeiro objetivo pretende “verificar a existência de relação entre a utilização da informação contabilística e as características relacionadas com a empresa e o meio ambiente, as equipas, o gestor e o serviço de contabilidade”. Dividindo por “categoria”, estabelecem-se quatro hipóteses.

Considerando que na informação contabilística está reunido todo o conhecimento referente a uma entidade, dados fidedignos e de rápido acesso que permitem também analisar evoluções do negócio, alguns estudos evidenciaram uma maior necessidade por parte dos gestores em utilizar a informação contabilística em empresas mais desenvolvidas, de maior dimensão (Cepêda, 2017; Ciuhureanu, 2018; Puskarevic & Gadzo, 2014; Santos & Alves, 2016; Santos, 2014; Serrasqueiro & Nunes, 2004), e em empresas com uma maior antiguidade no mercado (Cepêda, 2017), consequência da importância que conferem a este recurso. Ainda relacionado com a estrutura e meio ambiente da empresa segundo Marc *et al.* (2010) a presença das empresas no mercado externo está relacionado com uma maior utilização da informação contabilística, as empresas necessitam de estar munidas de informação para os desafios que uma internacionalização pode acarretar.

Assim, a correspondente hipótese, sub-hipóteses e respetivas perguntas no questionário são:

H1: “A utilização da informação contabilística (IC) está relacionada com as características da empresa e do meio ambiente”.

## A informação contabilística nas PME portuguesas da indústria do calçado

H1.1	A utilização da IC é maior em empresas de maior dimensão.	Q2.1
H1.2	A utilização da IC é maior em empresas com mais anos de existência.	Q2.2
H1.3	A utilização da IC é maior em empresas que estão internacionalizadas.	Q2.3 Q2.4

As equipas são o que compõem uma empresa, e cada um dos seus indivíduos contribui e influencia o desempenho da entidade. A literatura tem evidenciado características das equipas que estão relacionadas com um aumento da utilização da informação contabilística, como o número de elementos de um departamento financeiro, na eventualidade da sua existência na estrutura (Serrasqueiro & Nunes, 2004), e características relativamente à presença e controlo familiar na estrutura financeira e de gestão que não contribuem para uma maior utilização (Lutz & Schraml, 2011; Neubauer *et al.*, 2012).

Desta forma, temos como segunda hipótese, sub-hipóteses e respetivas perguntas no questionário:

H2: “A utilização da IC está relacionada com as características das equipas”.

H2.1	A utilização da IC é maior em empresas que possuem um departamento administrativo e financeiro com um maior número de elementos.	Q3.1 Q3.2
H2.2	A utilização da IC é menor em empresas que têm um diretor financeiro familiar.	Q3.3 Q3.4
H2.3	A utilização da IC é menor se a equipa de gestão for composta por familiares (maior controlo familiar).	Q3.5

A figura central da gestão deveria ser a principal interessada e utilizadora da informação contabilística apresenta particularidades que vários autores têm identificado como fatores que influenciam a utilização da informação contabilística. A acumulação do “cargo” de proprietário com o de gestor, as habilitações académicas (Cepêda, 2017; Serrasqueiro & Nunes, 2004), a área de formação (Gouveia *et al.*, 2015; Santos, 2014) e a experiência profissional (Santos, 2014).

## A informação contabilística nas PME portuguesas da indústria do calçado

Assim, surge a terceira hipótese, bem como as sub-hipóteses que lhe estão associadas e as respetivas perguntas no questionário:

H3: “A utilização da IC está relacionada com as características do gestor”.

H3.1	A utilização da IC é menor quando o gestor é simultaneamente o proprietário.	Q1.1
H3.2	A utilização da IC é maior quando o gestor tem mais idade.	Q1.2
H3.3	A utilização da IC é maior quando o gestor tem formação superior.	Q1.3
H3.4	A utilização da IC é maior quando o gestor tem formação em áreas económico-financeiras.	Q1.4
H3.5	A utilização da IC é maior quando o gestor tem mais anos de experiência profissional.	Q1.5

Uma utilização mais regular da informação contabilística está relacionada com a opção de inserir na estrutura da empresa profissionais qualificados e com a competência para a elaboração e entrega dos elementos contabilísticos (Nunes & Serrasqueiro, 2004b). A escolha do serviço de contabilidade está relacionado com a utilização da informação contabilística (Gouveia *et al.*, 2015; Serrasqueiro & Nunes, 2004).

Não obstante o tipo de serviço de contabilidade, é possível aferir que o gestor atribui uma menor importância, e consequente utilização, quando não reconhece o valor do papel do contabilista e a qualidade do seu trabalho (Marriott & Marriott, 2000; Moreira *et al.*, 2013).

Posto isto, a quarta hipótese, sub-hipóteses e perguntas no questionário são:

H4: “A utilização da IC está relacionada com as características do serviço de contabilidade”.

H4.1	A utilização da IC é maior quando a contabilidade é produzida internamente.	Q4.1
H4.2	A utilização da IC é maior quando o gestor reconhece o valor do papel do profissional da contabilidade e a qualidade da informação produzida.	Q4.2 Q4.3

## A informação contabilística nas PME portuguesas da indústria do calçado

Verificado o primeiro objetivo, importa verificar se a informação contabilística está acessível aos gestores, e com que regularidade, para apurar se tendo acesso à informação fazem usufruto desta. Também se pretende atestar se para os gestores das PME da indústria do calçado o Estado é considerado como um dos principais utilizadores (Ciuhureanu, 2018; Gouveia *et al.*, 2015). Assim, para o objetivo de “Verificar o acesso à IC, sua utilização e os principais utilizadores”, as correspondentes hipóteses e questões no inquérito são:

H5	Os gestores que têm acesso mais regular à IC utilizam-na com maior frequência.	Q5.1
		Q5.2
		Q5.4
	O Estado é considerado o principal utilizador da IC.	Q5.5

Segundo Ciuhureanu (2018) os gestores têm uma visão e opinião da informação contabilística como algo necessário somente devido à regulamentação associada, não indo para além dessa obrigação fiscal, pelo que é essencial perceber se a mentalidade da amostra do estudo vai de encontro e se tal influencia a utilização da informação. Assim, o próximo objetivo pretende “Avaliar o entendimento da informação contabilística como obrigação fiscal”, através da seguinte hipótese e correspondente pergunta no inquérito:

H6	Os gestores que veem a informação contabilística como necessária ao cumprimento de obrigações fiscais atribuem menor valor à sua utilização.	Q5.6
----	--	------

Finalizadas as hipóteses de investigação, como complemento do estudo e para enriquecimento das conclusões, interessa identificar os meios de informação aos quais os gestores recorrem:

	“Identificar os mapas financeiros que os gestores mais utilizam”.	Q5.3
		Q6.1 Q6.2
	“Identificar que tipo de IC adicional utilizam”.	Q6.3

Para os que utilizam, de uma forma mais ou menos regular a informação contabilística, é relevante entender se identificam que a ferramenta em questão beneficia os seus negócios de alguma forma, sendo este o último objetivo definido neste estudo. Segundo a literatura a utilização da informação contabilística permite melhorias na otimização dos recursos (Bushman & Smith, 2001), no controlo interno (Hakola, 2010), na competitividade e adaptação à mudança (Laurinkevičiute & Stasiškiene, 2011), na tomada de decisões (Duréndez *et al.*, 2011), na estratégia (Garengo & Bernardi, 2007; Gimbert *et al.*, 2010) e no desempenho financeiro assim como o desempenho geral (Bushman & Smith, 2001; Laurinkevičiute & Stasiškiene, 2011; Marriott & Marriott, 2000; Osadchy *et al.*, 2018). Consequentemente, o objetivo a alcançar e a questão do inquérito são:

	“Verificar se o gestor reconhece possíveis melhorias na gestão através da utilização da IC, e em que aspetos”.	Q7.1
--	--	------

### 3.3 Universo e Amostra

O universo do estudo pretendeu-se que tivesse uma “dimensão suficientemente pequena para poder recolher dados de cada um dos casos do universo, mas suficientemente grande para suportar as análises de dados planeadas” (Hill & Hill, 2000).

Observando a totalidade das PME portuguesas constata-se um conjunto demasiado grande e o nível de dificuldade de acesso a bases de dados que englobem os contactos de todas as PME. Assim, optou-se por definir como universo as PME portuguesas da indústria do calçado. Torna-se pertinente e oportuna esta escolha principalmente por se tratar de uma indústria com elevada relevância para a economia nacional, que tem apresentado esforços para se modernizar e internacionalizar, através de uma maior penetração nos mercados, ou seja, um setor dinâmico onde faz sentido recair este estudo, de forma a compreender se a modernização também está refletida nos modelos de gestão aplicados através da utilização da informação contabilística e consciencializar os gestores/decisores para tal.

O tecido empresarial desta indústria é, pois, adequado a este estudo e aos seus objetivos, sendo constituído por 1.514 empresas, que têm vindo a garantir ótimos resultados de produção e de internacionalização, sendo constituído por cerca de 87% de empresas que empregam até 49 pessoas, totalizando 1.505 PME (APPICAPS, 2018).

Outro fator importante para a escolha deste setor como alvo desta investigação é a existência de uma associação empresarial representativa da indústria, a APPICAPS, muito dinâmica e em constante promoção do setor, com muita informação disponibilizada, o que facilita o alcance da população.

O método de amostragem utilizado foi o de conveniência, um método não-casual, em que os casos escolhidos foram os que a associação disponibiliza no seu site de promoção da indústria ([www.portugueseshoes.pt](http://www.portugueseshoes.pt)) cerca de 301 marcas portuguesas de calçado.

Da informação recolhida nos 301 separadores que incidiu sobre marca, designação social, morada e email, após análise foi possível identificar algumas incongruências, nomeadamente 27 marcas com designações sociais iguais, 18 marcas iguais e 11 endereços de email iguais para diferentes marcas, que levaram ao resultado final de 273 empresas, sendo esta a amostra final por conveniência.

Na primeira distribuição do questionário, cerca de 14 *e-mails* foram devolvidos, 12 foram iniciados (inclui simples acesso ao questionário e respostas parciais), e destes, 9 foram finalizados. Nas solicitações de resposta seguintes as percentagens de iniciação e de submissão de resposta foram semelhantes.

Das 273 empresas da amostra apesar de várias tentativas de abordagem e apelo, foram obtidas 43 respostas submetidas o que corresponde a aproximadamente 16% da dimensão, e 19 respostas em curso até à pausa na recolha das respostas.

### **3.4 Estrutura do questionário**

Uma vez que as respostas pretendidas só podem ser dadas pelos próprios decisores, é imprescindível a colaboração das pessoas relacionadas diretamente com a gestão. No entanto, pode ser difícil o alcance destes e é necessário que estejam predispostos a responder.

Assim é vital que o questionário seja visualmente atraente, curto, de linguagem simples, de preenchimento direto, fácil e de curta duração. Este foi elaborado através da ferramenta *Qualtrics*, na qual foi criada uma conta associada à Universidade. Trata-se de uma plataforma *online* que permite a elaboração, distribuição, recolha de dados e análise dos resultados.

O questionário segue o alinhamento dos objetivos estabelecidos, através de sete blocos de perguntas que irão devolver respostas às variáveis a testar de forma a rejeitar ou não as hipóteses e responder às questões de investigação.

A maioria das perguntas são questões fechadas que, segundo Hill & Hill (2000), permitem uma maior facilidade de tratamento estatístico de dados, devendo ser levado em consideração o risco que as respostas possam conduzir a conclusões simplistas. Ainda assim, desta forma é possível acelerar o processo de resposta através de um questionário curto e de resposta rápida, ainda que limitemos de certa forma a resposta do respondente pela ausência de perguntas abertas.

Optou-se, assim, por questões fechadas de escolha única ou múltipla (algumas através de quadros matriz) e dicotómicas, que visam identificar atitudes, opiniões e satisfação, neste caso através da escala de *Likert* (van der Velde *et al.*, 2004) de 5 pontos (com tantas respostas favoráveis como não favoráveis, maioritariamente de hipótese “Discordo totalmente a Concordo totalmente”) e ainda questões de frequências.

O primeiro bloco corresponde às características do respondente e pretende recolher respostas às variáveis para realizar testes de forma a rejeitar ou não as hipóteses H3.1 a H3.5. É composto por cinco perguntas sobre as características relevantes que foram detetadas pelos autores, aquando da revisão da literatura, como influenciadoras da utilização da informação contabilística (função, idade, habilitações académicas, área de formação e número de anos de experiência profissional). Todas as questões, à exceção da idade, são perguntas fechadas de escolha única. A idade é de resposta quantitativa aberta com validação de resposta que obriga a que seja um formato numérico e num intervalo extenso de 18 a 90 anos, uma vez que se torna mais flexível converter os valores escritos em categorias, e assim não é necessário assumir previamente categorias (Hill & Hill, 2000).

De seguida um conjunto de questões identificado como “Caracterização da empresa e do meio ambiente” que pretende obter variáveis para responder à hipótese operacional 1 e as hipóteses que se subdividem desta, relacionadas com o tipo de empresa, a idade da empresa e a presença nos mercados externos. Neste bloco está presente uma lógica de omissão que encaminha o respondente para o final do inquérito se a opção “Tipo de empresa: Grande” está selecionada.

O terceiro bloco “Caracterização das equipas” é composto por cinco perguntas relativas às equipas financeira e de gestão associado à hipótese operacional 2: se a PME tem na sua estrutura um departamento administrativo e financeiro; em caso positivo quantos elementos o compõem,

a presença ou não de um diretor financeiro e se este está relacionado com o núcleo familiar da empresa e perceber se os responsáveis pela gestão da empresa têm ligação familiar com o(s) proprietário(s).

De modo a concluir o primeiro objetivo específico é necessário ainda questionar acerca do serviço de contabilidade selecionada pela empresa, hipótese operacional 4. Este bloco é formado por três questões em que a variável mais importante é o tipo de serviço, interno, interno com contabilista certificado externo ou externo (*outsourcing*). Relacionado com esta opção solicita-se a concordância com três comentários relativos à suficiência, adequação e clareza da informação fornecida pelo contabilista.

Passando para os dois objetivos específicos seguintes de verificar a acessibilidade à informação contabilística, os principais utilizadores e a perceção dos gestores em termos de obrigação fiscal, segue-se mais um bloco de seis perguntas intitulado “Acesso à Informação Contabilística” de modo a responder às hipóteses 5 a 7. Questiona-se a partilha e a requisição de informação, respetivamente por parte do contabilista e do gestor, assim como o conhecimento do gestor relativamente aos mapas financeiros e a frequência de acesso a estes. Ainda se pede que identifique os principais utilizadores e que nos dê a opinião acerca da informação contabilística, em termos de utilidade, aplicabilidade, importância e compreensão.

O penúltimo bloco “Utilização da Informação Contabilística” através de três questões pretende perceber se o gestor se considera um utilizador da informação contabilística, a regularidade com que recorre a cada um dos mapas financeiros, e às várias informações adicionais apresentadas, respondendo a dois dos objetivos definidos.

Por último pretende-se perceber o nível de acordo do gestor em termos de melhoria dos aspetos expostos com a utilização de informação contabilística, que irá responder ao último objetivo.

As perguntas foram cuidadosamente selecionadas tendo em consideração a sua relevância para o estudo e de igual forma a facilidade de obtenção de resposta por parte do gestor, para impedir a desistência do preenchimento pela complexidade ou a necessidade de consultar algum tipo de dado. Deste modo minimiza-se a falta de respostas, também assegurado através de funcionalidades do próprio inquérito que obrigam a resposta a todas as perguntas para acesso ao bloco de perguntas seguinte e à submissão do questionário.

### 3.5 Análise dos dados

Através do programa estatístico *Statistical Package for the Social Science (SPSS)*, versão 26, foram gerados indicadores descritivos e de distribuição das diferentes variáveis.

A maioria dos testes de hipóteses realizados incidiram sobre a variável dependente - utilização da informação contabilística -, e várias variáveis independentes para avaliar os efeitos que exercem na variável dependente.

As variáveis independentes são formadas por grupos que são mutuamente exclusivos entre si, classificam-se como qualitativas na sua maioria, que em conjunto com uma variável dependente quantitativa se pretende testar três ou mais médias, desta forma esperar-se-ia utilizar teste *One-way ANOVA*.

No entanto não estando os pressupostos verificados utilizou-se o teste de *Kruskal-Wallis* para verificar se existia pelo menos dois grupos diferentes entre si, assim como o teste *post-hoc* e *Mann-Whitney* para verificar os grupos que apresentavam diferenças significativas. Foi também utilizado um teste de medida de associação Ró de *Spearman*.

## 4. Resultados

Neste capítulo apresentam-se os resultados, procede-se ao seu tratamento e retiram-se conclusões a partir das respostas obtidas no questionário, de forma a atingir os objetivos propostos para esta investigação. Procede-se também à caracterização da amostra, com ênfase nos atributos que, segundo a literatura, influenciam a obtenção e utilização da informação contabilística.

### 4.1 Caraterização da amostra

#### 4.1.1 Caraterização do gestor

No primeiro bloco de questões foram obtidas as respostas para a caraterização dos respondentes. Assim existem 15 indivíduos que são gestores, 15 que assumem ambos os papéis de gestão e de proprietário e 13 que desempenham outras funções (gráfico 1). Desta forma cerca de 69,80% dos respondentes correspondem à amostra efetivamente pretendida (anexo 3).

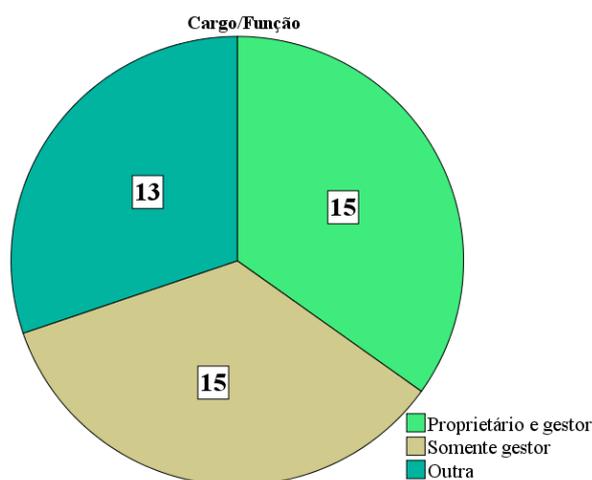


Gráfico 1 - Cargo do respondente

Os 13 respondentes que assinalaram como “Outra” a sua função, identificam-se como: 4 administrativos, 3 diretores financeiros, 3 contabilistas, 1 proprietário e coadjuvante do gestor e 1 que, não especificando o cargo, enumera as áreas de gestão, contabilidade e financeira (anexo 4).

Uma vez que a quantidade de respostas é algo limitada, foi tomada a opção de considerar como válidas as respostas dos não-gestores porque, atendendo às funções indicadas, acabam por ser

## A informação contabilística nas PME portuguesas da indústria do calçado

peças muito próximas da figura do gestor, e alguns, sendo preparadores da informação e fazendo parte da estrutura da entidade, têm percepção da realidade da gestão da empresa.

Relativamente às idades, a média é 45,79 anos, a idade mínima é 25, cerca de 25% dos respondentes têm 39 anos e 75% têm 50 anos, a idade máxima observada foi 64 anos (gráfico 2).

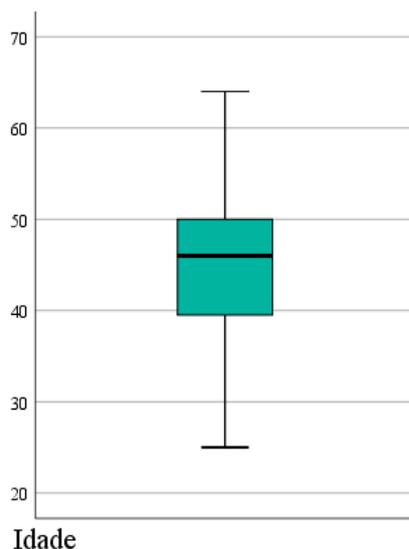


Gráfico 2 - Distribuição da idade dos respondentes

A grande maioria, 79,1% (26 pessoas) tem formação superior ao nível da licenciatura ou bacharelato, cerca de 18,6% realizou mestrado, 16,3% completaram o ensino secundário, as restantes 2 pessoas, uma concluiu doutoramento e outra completou o 6º ano de ensino básico (anexo 6 e gráfico 3).

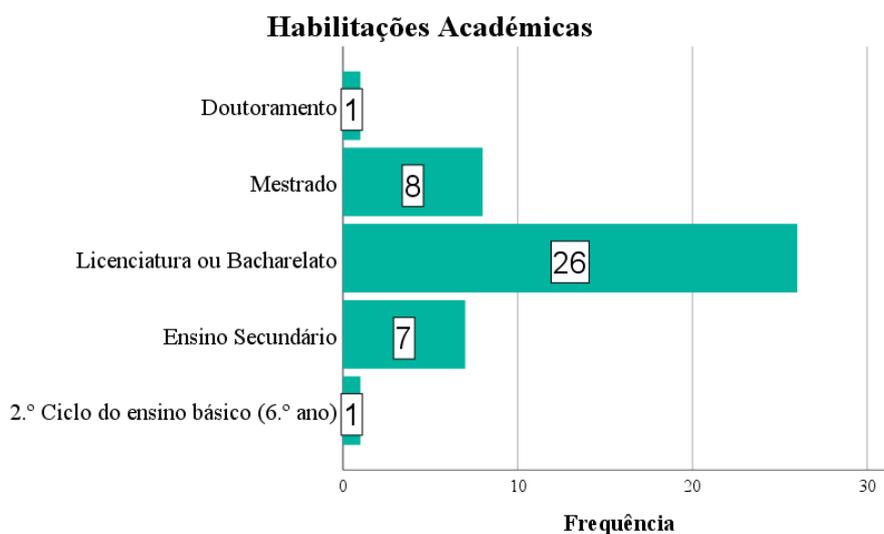
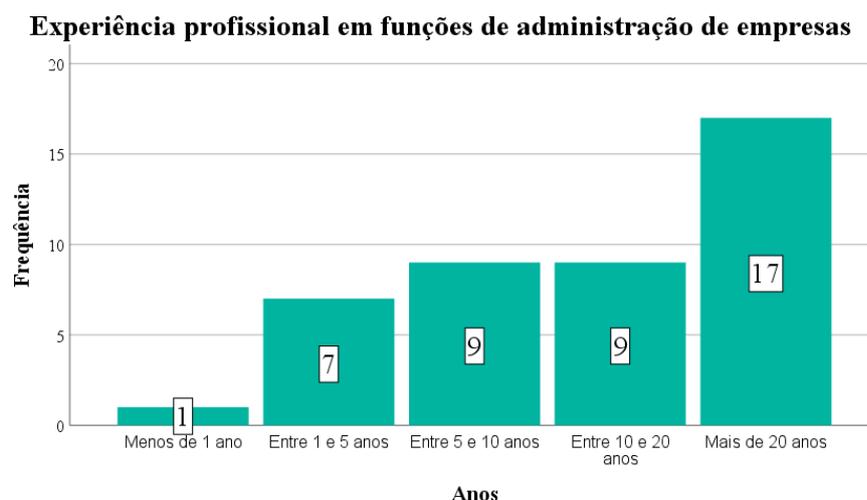


Gráfico 3 - Habilitações académicas respondentes

Dos 43 respondentes 81,4% tem formação em gestão ou áreas relacionadas, e a percentagem remanescente, que corresponde a 8 respostas, divide-se de igual forma entre os que têm formação em áreas relacionadas com a atividade das empresas e áreas não relacionadas (anexo 7). As 4 áreas de formação não relacionadas indicadas foram: história e marketing, física e química, línguas e comercial (anexo 8).

Os indivíduos mostram-se profissionais experientes em funções de administração, em que 39,5% dos casos conta com mais de 20 anos de experiência (anexo 9).

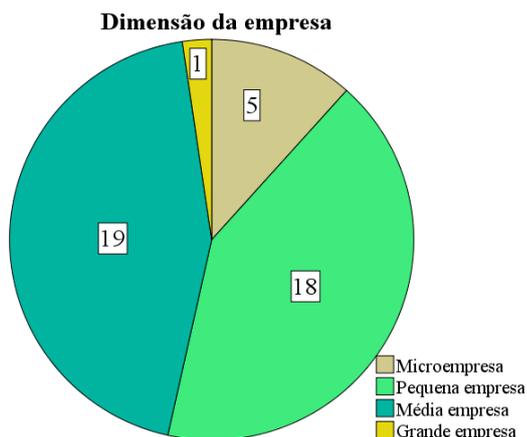


**Gráfico 4 - Experiência profissional em funções de administração**

#### **4.1.2 Caraterização da empresa**

A maioria das empresas (53,5%) tem uma dimensão de microempresa (5 entidades) e pequena empresa (18 entidades). No entanto é nas médias empresas onde se apresenta um maior número de casos, 19 entidades (44,2%) (gráfico 5).

A questão da dimensão no questionário também tem a finalidade de filtrar algum caso que na verdade não cumpra as características para fazer parte da amostra. Desta forma foi identificado 1 grande empresa, e a lógica de apresentação do questionário levou a que esta resposta fosse finalizada de imediato, tendo assim dados apenas para o bloco “Caraterização do gestor” e para a primeira pergunta do bloco “Caraterização da empresa e meio ambiente”.



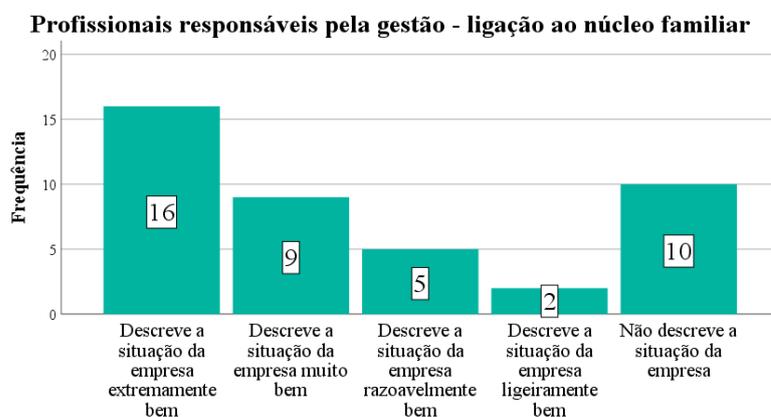
**Gráfico 5 - Dimensão da empresa**

As empresas que fazem parte da amostra mostram-se de certa forma solidificadas no mercado, pois cerca de 52,4% existem há mais de 20 anos (anexo 10), e destas 22 empresas 18 têm uma boa presença no mercado externo com percentagens de venda diretas iguais ou superiores a 90% (anexo 11).

Apenas 1 pequena empresa afirma não ter qualquer operação fora do território nacional (anexo 12). Das 41 PME que assumem vendas para o mercado externo, em média a percentagem das vendas diretas rondam os 80,72% da totalidade das vendas e metade das empresas têm no máximo uma presença em termos de vendas diretas de 90% (anexo 13).

#### 4.1.3 Caraterização das equipas

71,4% das PME assumem com certeza que os profissionais responsáveis pela gestão e direção pertencem ao mesmo núcleo familiar (possivelmente correspondem a empresas familiares) e em apenas 10 empresas esta não é de todo uma realidade da gestão (gráfico 6).



**Gráfico 6 - Ligação da equipa de gestão ao núcleo familiar do proprietário**

Relativamente à presença na estrutura da empresa de um departamento que se possa intitular como administrativo e financeiro em 76,2% das respostas (32 empresas) verifica-se a sua existência (gráfico 7).

Existência de departamento administrativo e financeiro

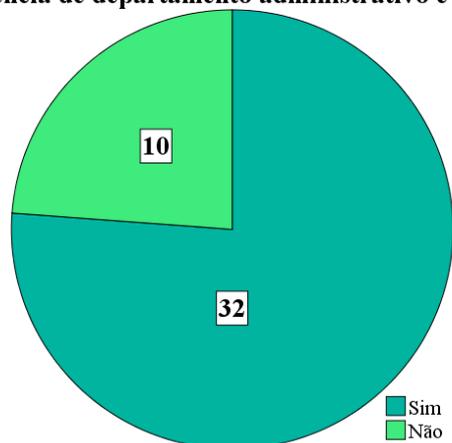


Gráfico 7 - PME com departamento administrativo e financeiro

Das 10 empresas, que correspondem aos restantes 23,8%, 4 correspondem a microempresas (das 5 apenas uma possui departamento administrativo e financeiro com 1 colaborador afeto), outras 5 são pequenas empresas e apenas 1 média empresa não tem na sua estrutura este departamento (gráfico 8).

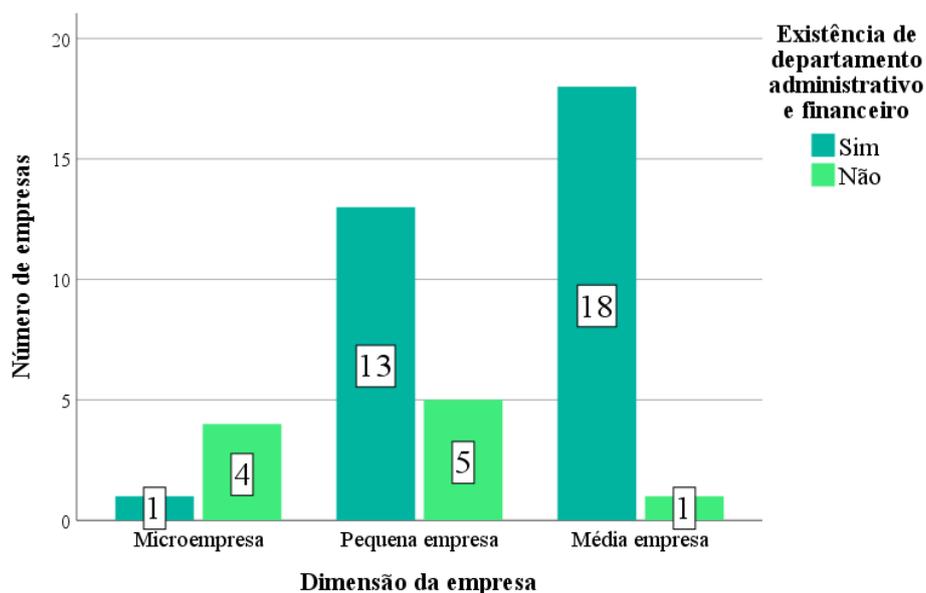
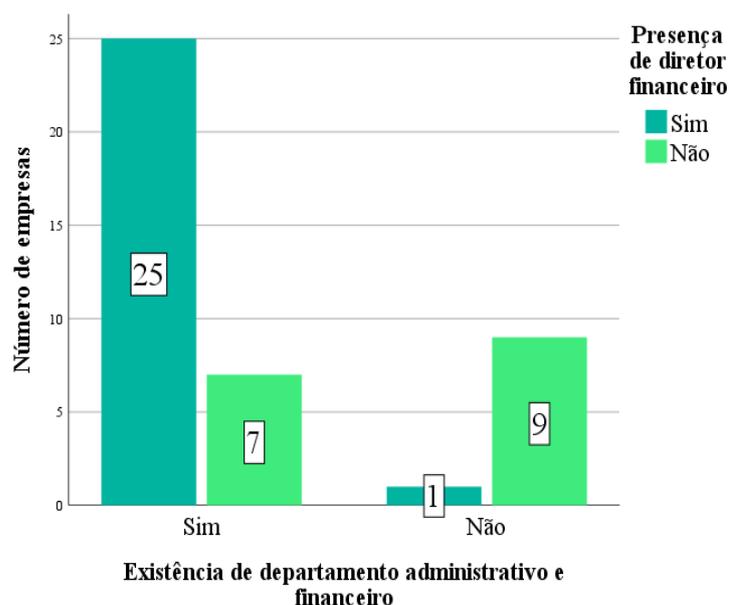


Gráfico 8 - Distribuição das PME por dimensão e existência de departamento administrativo e financeiro

A maioria das PME, cerca de 62,5 %, afeta até 3 colaboradores ao departamento administrativo e financeiro, sendo que 2 colaboradores é a resposta mais frequente. 75 % das PME têm no máximo 5 colaboradores, e destaca-se a existência de departamentos com 8 (média empresa), 10 (pequena empresa) e 15 pessoas (média empresa) (anexos 15, 16 e 17).

Das 32 empresas com departamento financeiro, 25 têm um profissional intitulado como diretor financeiro, e das 10 empresas que não têm, existe uma microempresa com mais 20 anos de existência que tem um diretor financeiro (gráfico 9).

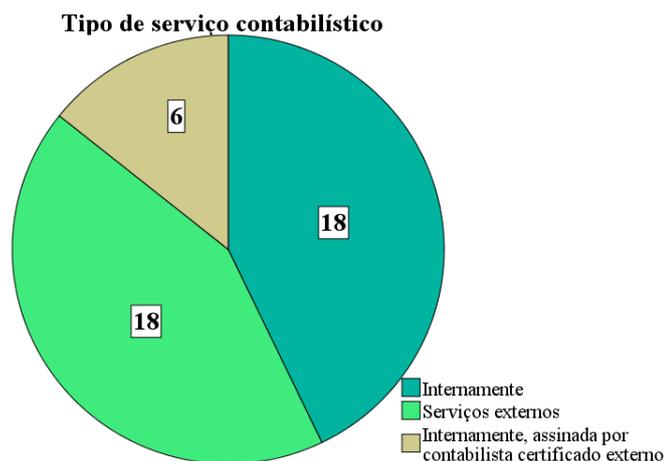


**Gráfico 9 - Relação entre a existência de departamento administrativo e financeiro e a presença de diretor financeiro**

Observando as 26 empresas (61,9%) com diretor financeiro, verifica-se que se dividem de igual forma relativamente à ligação ou não deste com o núcleo familiar do proprietário da PME (anexo 18 e 19).

#### **4.1.4 Caracterização do serviço de contabilidade**

No bloco “Caraterísticas Contabilidade” obtém-se a informação de que 18 das 42 PME elabora a contabilidade internamente, o que faz sentido visto que todas elas têm departamento financeiro, enquanto 18 empresas recorrem aos serviços externos de contabilidade e 6 empresas apesar de elaborarem parte da informação internamente têm a necessidade de contratar um contabilista certificado externo à entidade (gráfico 10 e anexo 21).



**Gráfico 10 - Distribuição do tipo de serviço contabilístico**

Aproximadamente 9,5% da amostra refere que as funções desempenhadas pelo contabilista não acrescentam valor para o negócio e empresa (anexo 22).

Abordados sobre a quantidade, adequabilidade e clareza da informação providenciada pelo contabilista, nas três afirmações 92,9% dos indivíduos concordam totalmente ou parcialmente (anexos 23, 24 e 25).

Um dos indivíduos não tem opinião sobre a afirmação e 2 discordam parcialmente da quantidade que é entregue (anexo 23). Estes mesmos indivíduos consideram também que a informação entregue não é bem a adequada para a utilização que pretendem fazer desta (anexo 24). Há ainda uma pessoa que é respondente comum na opção “Discordo parcialmente” para as três afirmações e há outras 2 pessoas que não consideram a informação clara quanto ao seu conteúdo (anexo 25).

#### **4.2 Acesso à informação**

Interessa perceber na perspetiva do gestor se este considera que tem acesso à informação e se esta é obtida por iniciativa do contabilista e/ou se é o próprio que requer a informação.

Cerca de 36 pessoas confirmam que há interação positiva das duas partes. Aproximadamente 61,9% dos respondentes respondem a escala máxima, portanto reconhecem a sua iniciativa assim como a do contabilista em obterem ferramentas de qualidade que sejam um auxílio nas funções de gestão (anexo 26).

## A informação contabilística nas PME portuguesas da indústria do calçado

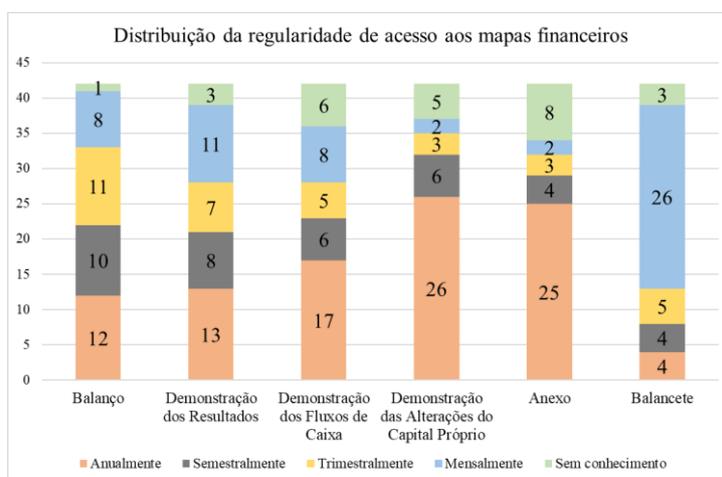
Das respostas obtidas evidencia-se que 4 gestores consideram que o contabilista não tem a iniciativa de proporcionar informação, mas por outro lado afirmam que são os próprios que a solicitam (anexo 26).

Há uma resposta neutra para as duas afirmações, do mesmo respondente. Assim como outro indivíduo que não tem iniciativa em pedir e não consegue formalizar uma opinião (que não neutra) sobre a iniciativa do contabilista (anexo 26).

Relativamente aos mapas que lhes são mais familiares, em média e por ordem decrescente, são: Balancete, Balanço, Demonstração dos Resultados, Demonstração das Alterações do Capital Próprio, Demonstração dos Fluxos de Caixa e Anexo (anexo 27).

Quando questionados quanto à regularidade de acessibilidade aos mapas financeiros, em todos os mapas existe algum indivíduo que assume não ter conhecimento. Onde tem maior relevância é no Anexo (8 respostas), o que poderá ser explicado pela não exigência de elaboração destes mapas em entidades que adotem a NCRF-ME, na Demonstração dos Fluxos de Caixa (6 respostas) e na Demonstração das Alterações do Capital Próprio (5 respostas), o que poderá ser explicado pela mesma razão das devido aos normativos NCRF-ME e NCRF-PE, dado todas as respostas serem de gestores de microempresas ou pequenas empresas (gráfico 11). Por outro lado, por serem mapas mais complexos os gestores podem não ter interesse em analisá-los.

Os mapas a que os gestores têm acesso mais regular, nomeadamente mensalmente, é ao Balancete (26 respostas), que no fundo é a base de alguns dos restantes mapas, e que é de mais fácil obtenção a partir dos programas contabilísticos, por corresponder à lista de contas com os movimentos e saldos de cada uma delas. Segue-se a Demonstração dos Resultados (11 respostas) onde têm acesso mais direto aos níveis de desempenho e resultados (gráfico 11).



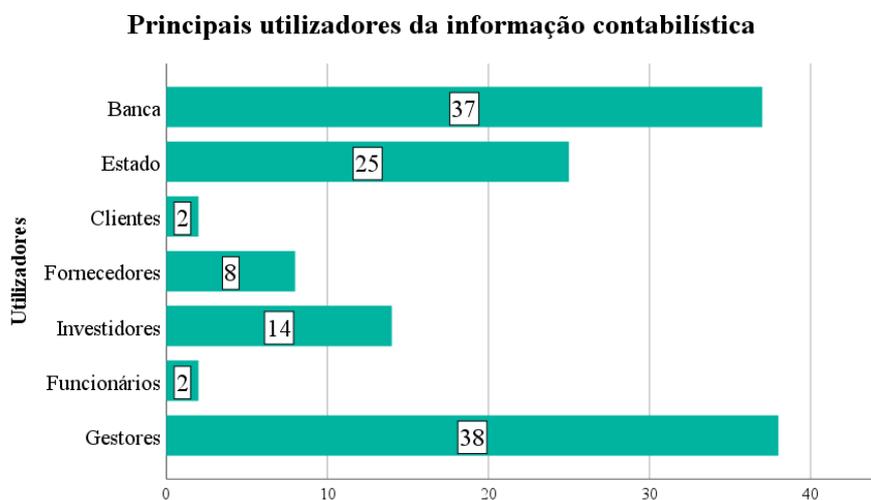
**Gráfico 11 - Regularidade de acesso dos respondentes aos mapas financeiros**

Os gestores identificam melhor, e consideram mais frequentes, relativamente às características de utilidade, aplicabilidade, importância e compreensibilidade da informação contabilística as afirmações: “fundamental”, “principalmente para auxílio nas funções de gestão”, “importante” e “compreensão acessível” (anexo 28).

Assim entende-se que os gestores não desconsideram de todo a utilidade e importância da informação. Apenas 1 gestor considera que não tem aplicabilidade e 15 reconhecem a informação contabilística mais como uma obrigação fiscal (anexo 28).

A maioria (60,5%) considera acessível o entendimento da informação proveniente da contabilidade enquanto 4 gestores assumem dificuldades. No entanto são 12 os que se sentem confortáveis e consideram de fácil compreensão a informação contabilística (anexo 28).

No que se refere aos utilizadores da informação contabilística, a amostra considera que os principais, por ordem decrescente de importância, são: os gestores (38 respostas), a banca (37 respostas), o Estado (25 respostas), os investidores (14 respostas), os fornecedores (8 respostas), os clientes (2 respostas) e por último os funcionários (2 respostas) (gráfico 12).



**Gráfico 12 - Principais utilizadores da informação contabilística segundo os respondentes**

Deste modo cumpre-se o objetivo de verificar se o Estado é considerado o principal utilizador. A afirmação não está totalmente correta, pois para a amostra o Estado diz respeito ao terceiro principal utilizador.

### **4.3 Utilização da informação contabilística**

Cerca de 28 gestores reconhecem “totalmente” uma utilização regular da informação contabilísticas nas suas funções de gestão, e 9 gestores assumem esta realidade “parcialmente”, o que totaliza 88,1% da amostra. Dos 11,9%, 4 gestores não concordam nem discordam com a questão e 1 gestor discorda totalmente, não se identificam assim como utilizadores da informação (anexo 29).

De forma a cumprir o objetivo “Identificar os mapas financeiros que os gestores mais utilizam”, através da análise das médias de frequência de utilização constata-se que utilizam todos os mapas e que os três mais utilizados são: Balancete, Balanço e Demonstração dos Resultados. Sendo os mapas Demonstração dos Fluxos de Caixa, Anexo e Demonstração das Alterações do Capital Próprio os menos usados (anexo 30).

O balancete como o melhor mapa para análise e controlo frequente é utilizado por 24 gestores mensalmente. Com maior intervalo de tempo são utilizados os mapas Anexo e Demonstração das Alterações do Capital Próprio, em que 24 e 25 gestores, respetivamente, afirmam consultá-los anualmente (anexo 31).

#### **4.3.1 Informações Contabilísticas Adicionais**

Um dos objetivos propostos é o de “Identificar que tipo de informação contabilística adicional utilizam” e quando questionados sobre outros tipos de informação, que se considera também contabilística, os gestores responderam que utilizam com maior frequência, em média, o valor monetário em depósitos, em caixa, dívidas de clientes, custos de fornecimentos e dívidas a fornecedores, por ordem decrescente (anexo 32).

Por outro lado, as três informações que os gestores utilizam menos regularmente são o EBIT (*Earnings Before Interest and Taxes* - resultado antes juros e impostos), encargo do imposto sobre o rendimento e EBITDA (resultado antes de juros, impostos, depreciações e amortizações) (anexo 32).

Para todas as informações adicionais, à exceção das dívidas a fornecedores, a opção “raramente/nunca” foi selecionada. As duas informações onde é mais evidente uma fraca utilização são: empréstimos obtidos (7 gestores) e mapas e gráficos de evolução (5 gestores) (anexo 33).

Diariamente as informações mais utilizadas são o valor monetário em caixa e o valor monetário em depósitos. Semanalmente repetem-se aquelas duas informações e acrescenta-se as dívidas a fornecedores. Mensalmente as dívidas a fornecedores e a margem bruta, semestralmente o EBIT, EBITDA e encargo do imposto sobre o rendimento e anualmente, novamente, o EBITDA, o encargo imposto sobre o rendimento e o resultado líquido (anexo 34).

Dos 43 respondentes, 6 adicionaram algum tipo de informação adicional que utilizam, além do que lhes foi exposto pelo inquérito. Informações como gastos e perdas de financiamento, KPI (*Key Performance Indicator*), ordenados, preço (resposta pouco clara referindo-se, eventualmente ao preço de venda) e *cash flow* operacional que são utilizados pelos respetivos gestores mensalmente, e ainda um gestor que indica que utiliza/analisa semanalmente os inventários (anexo 35).

#### **4.4 Eficiência**

Com o objetivo de verificar se o gestor reconhece que poderiam existir melhorias na gestão, através de uma utilização ótima da informação contabilística, foram apresentadas algumas vantagens às quais entre 88,1% e 100% dos gestores admitem, concordam parcialmente e totalmente.

Concordam mais, em média, que uma utilização mais eficiente da informação contabilística pode melhorar a gestão relativamente ao controlo, ao desempenho financeiro e no processo de tomada de decisão.

Por outro lado, o nível de concordância é mais baixo relativamente à utilização da informação contabilística como ferramenta de adaptação à mudança ou para melhorar a competitividade da empresa (anexo 36).

#### **4.5 Influências das características na utilização da informação contabilística**

De modo a cumprir o primeiro objetivo de verificar a existência de relação entre a utilização da informação contabilística e diferentes características evidenciadas na literatura, foi necessário “construir” uma variável quantitativa para avaliar a intensidade da utilização da informação.

Para tal a pergunta “Utiliza regularmente a informação contabilística para apoio das suas funções?” foi transformada numa nova variável dicotómica, em que “Sim - 1” corresponde às

respostas “Concordo Totalmente” e “Concordo parcialmente”, e “Não - 0” às restantes três opções. A opção “Não concordo nem discordo” foi inserida na nova opção negativa, uma vez que se o respondente não é capaz de formalizar uma opinião, é porque é algo que não é claro para si, ou seja há muita probabilidade de não utilizar informação contabilística e não o querer admitir.

Nas perguntas de frequência de utilização dos seis mapas financeiros as suas opções de respostas foram transformadas em “Sim – 1”, para as frequências mensalmente, trimestralmente, semestralmente e anualmente, e em “Não – 0” para a opção raramente/nunca.

Desta forma no programa estatístico foi calculada uma nova variável denominada “Intensidade da utilização da informação contabilística” referente à média das sete variáveis. Cada caso tem agora uma variável quantitativa dependente de teste a utilizar nos testes de hipóteses.

#### **4.5.1 Relação das características relacionadas com a empresa e o meio ambiente, as equipas, o gestor e o serviço de contabilidade**

##### **4.5.1.1 Empresa**

###### Dimensão

De forma a testar a **hipótese 1.1** - A utilização da IC é maior em empresas de maior dimensão, em que a variável dimensão é quantitativa ordinal, por se tratar de uma categoria ordenada, foi equacionado a aplicação do teste de variância *Anova* a um fator<sup>1</sup>.

Em alternativa o teste não-paramétrico *Kruskal-Wallis* que permite comparar três ou mais distribuições de populações independentes, de maneira a verificar se a dimensão da empresa tem influência na intensidade da utilização da informação.

Nas PME é natural que aquelas que são maiores enfrentem desafios e decisões mais complexas, querendo apostar tudo na continuação do crescimento da empresa, é esperado que a gestão utilize a informação financeira que tem ao dispor.

---

<sup>1</sup>Pressupostos não foram verificados, com uma amostra reduzida nos diferentes grupos não se pode presumir a normalidade e assim, como alternativa, é necessário recorrer aos testes não-paramétricos.

Verifica-se evidências estatísticas para se afirmar que a intensidade de utilização da informação contabilística é significativamente diferente em pelo menos um grupo de empresas definido pela dimensão da empresa ( $Kruskal-Wallis H_{(2)} = 9,058$ ;  $p-value < 0,05$ ), ou seja, a dimensão influencia a utilização (anexo 37).

De facto, verifica-se que as médias das ordenações da intensidade de utilização variam entre 11,20 para os respondentes das microempresas e 25,71 para os respondentes das médias empresas (anexo 37), revelando uma tendência para o aumento da intensidade de utilização à medida que a dimensão da empresa aumenta, indo de encontro ao reconhecido pelos autores (Cepêda, 2017; Ciuhureanu, 2018; Puskarevic & Gadzo, 2014; Santos & Alves, 2016; Santos, 2014; Serrasqueiro & Nunes, 2004).

Onde se evidencia estas diferenças é entre o grupo das microempresas e o das médias empresas, conforme se identifica no gráfico 13.

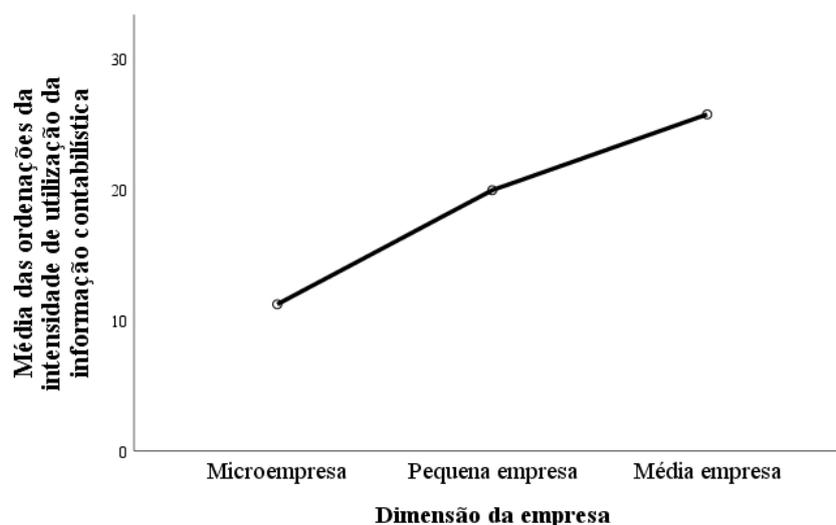


Gráfico 13 - Média das ordenações da intensidade de utilização da informação contabilística segundo a dimensão da empresa

### Anos de existência

Relativamente à **hipótese 1.2** - A utilização da IC é maior em empresas com mais anos de existência, com a idade a ser definida em escala variável qualitativa ordinal independente, que distingue cinco grupos independentes, aplica-se o mesmo teste da anterior hipótese.

Verifica-se que as médias das ordenações da utilização variam entre 10,75 para as empresas com idade compreendida entre 1 e 5 anos, e 28,00 para as empresas com idade inferior a 1 ano. No entanto não existem evidências estatísticas para dizer que a intensidade de utilização é significativamente diferente em pelos menos um grupo de empresas definidos pela idade da empresa (*Kruskal-Wallis*  $H_{(4)} = 8,515$ ;  $p\text{-value} > 0,05^2$ ) (anexo 38), o que não se encontra em consonância com a literatura, como Cepêda (2017). Uma explicação possível para a elevada utilização de informação contabilística para empresas com menos de um ano poderá ser, dado tratar-se de um negócio ainda em implementação, que exista maior preocupação dos responsáveis e procurem ter acesso a toda a informação que lhes possa ser disponibilizada.

### Internacionalização

**Hipótese 1.3** - A utilização da IC é maior em empresas que estão internacionalizadas.

Dado apenas 1 empresa não ter qualquer operação internacional, optou-se por realizar o teste com as 41 empresas que indicaram as suas percentagens de venda para o mercado externo. Através da análise de frequências desta variável, e através dos valores mínimos e máximo, quartis, média e desvio padrão procedeu-se à reorganização de uma variável de escala em classes (anexo 39).

Assim pretende-se avaliar se as empresas com vendas diretas ao mercado externo influenciam a intensidade da utilização da informação contabilística.

O resultado do teste revela que não existem evidências estatísticas para declarar que a intensidade da utilização da informação contabilística é significativamente diferente em pelo menos um grupo de gestores definido pelas percentagens de vendas diretas ao mercado externo (*Kruskal-Wallis*  $H_{(3)} = 1,545$ ;  $p\text{-value} > 0,05$ ) (anexo 40), pelo que não é consistente com Marc *et al.* (2010).

De facto, verifica-se que as médias das ordenações da intensidade de utilização variam entre 18,70 para os gestores de empresas com percentagens mais baixas e 24,19 nas percentagens compreendidas entre 90 e 96,5 (anexo 40).

---

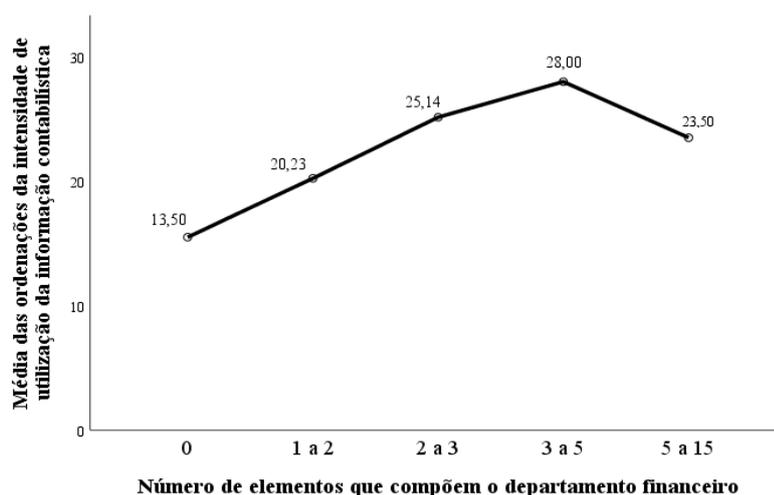
<sup>2</sup> Para um nível de significância de 0,10 a característica já teria influência.

#### 4.5.1.2 Equipas

##### Departamento administrativo e financeiro

**Hipótese 2.1** - A utilização da IC é maior em empresas que possuem um departamento administrativo e financeiro com um maior número de elementos.

O gráfico 14 revela que as empresas com 5 a 15 elementos no departamento financeiro utilizam, em média de ordenação, mais a informação (23,50) do que as empresas que não possuem este departamento (15,50), no entanto estas diferenças não são significativas (*Kruskal-Wallis*  $H_{(4)} = 7,459$ ;  $p\text{-value} > 0,05$ ), ou seja a existência de departamento financeiro e o número de elementos não influenciam a utilização (anexo 42), não permitindo confirmar o referido por Serrasqueiro & Nunes (2004).



**Gráfico 14 – Média das ordenações da intensidade de utilização da informação contabilística segundo o número de elementos do departamento financeiro**

##### Diretor financeiro

**Hipótese 2.2** - A utilização da IC é menor em empresas que têm um diretor financeiro familiar.

Relativamente à existência de diretor financeiro e se este de alguma forma tem ligação ao núcleo familiar do proprietário, não existem evidências estatísticas para afirmar que a intensidade da utilização da informação é significativamente diferente em pelo menos um grupo

dos três definidos (*Kruskal-Wallis*  $H_{(2)} = 4,787$ ;  $p\text{-value} > 0,05^3$ ) (anexo 43), resultado que não vai de encontro às conclusões de Lutz & Schraml (2011) e Neubauer *et al.* (2012).

Não obstante os resultados estatísticos, verifica-se que as médias das ordenações da intensidade de utilização variam entre 18,38 nas PME em que o diretor financeiro tem ligação familiar e 26,46 nas PME em que o indivíduo não tem ligação (anexo 43).

**Hipótese 2.3** - A utilização da IC é menor se a equipa de gestão for composta por familiares.

Através da questão 3.5, com resposta em tipo escala de concordância, obteve-se dados para a variável qualitativa ordinal. Com a realização do teste verifica-se que não existem evidências estatísticas para afirmar que esta característica influencia a utilização da informação contabilística (*Kruskal-Wallis*  $H_{(4)} = 2,000$ ;  $p\text{-value} > 0,05$ ) (anexo 44).

Assim ao contrário do que foi exposto na revisão de literatura, resultados de García Pérez De Lema & Duréndez (2007) e Neubauer *et al.* (2012), não é possível confirmar a hipótese operacional 2, de que a familiaridade das equipas influencia significativamente a intensidade de utilização da informação.

#### 4.5.1.3 Gestor

**Hipótese 3.1** - A utilização da IC é menor quando o gestor é simultaneamente o proprietário.

Os grupos formados são três: os gestores, os gestores e proprietários e os que assumem outras funções importantes na estrutura da empresa. São grupos independentes, para os quais se pretendeu verificar se as distribuições da intensidade de utilização são diferentes. Os resultados evidenciam que não existem evidências estatísticas para afirmar que a intensidade de utilização é significativamente diferente em pelo menos um grupo (*Kruskal-Wallis*  $H_{(2)} = 4,041$ ;  $p\text{-value} > 0,05$ ) (anexo 45), divergente dos resultados apresentados por Cepêda (2017) e Serrasqueiro & Nunes (2004).

As médias de ordenação de intensidade da utilização variam entre os 18,25 no grupo dos respondentes que assumem outras funções, 20,03 para o grupo dos gestores e proprietários e 25,57 no grupo dos gestores (anexo 45).

---

<sup>3</sup> Para um nível de significância de 0,10 a característica já teria influência.

### Idade

**Hipótese 3.2** - A utilização da IC é maior quando o gestor tem mais idade.

A partir das idades inseridas pelos respondentes, observando as idades mínima e máxima, e os quartis, formaram-se quatro escalões, que são os quatro grupos independentes definidos pela idade que se pretendeu verificar se têm a mesma distribuição da intensidade de utilização (anexo 46).

O teste leva à rejeição da hipótese nula, ou seja, existências evidências estatísticas para se declarar que a intensidade de utilização da informação contabilística é significativamente diferente em pelo menos um grupo definido pela idade (*Kruskal-Wallis*  $H_{(3)} = 9,921$ ;  $p\text{-value} < 0,05$ ) (anexo 47).

Constata-se que as médias das ordenações da intensidade de utilização da informação variam entre 13,59 para os que têm idade compreendida entre 25 e 39 anos (escalão etário menor) e 26,35 para os com idade compreendida entre 51 e 64 anos (escalão etário maior), o que revela uma propensão para o aumento da utilização da informação à medida que a idade dos respondentes aumenta (anexo 47).

Através dos testes de comparação múltipla (testes *post-hoc*)<sup>4</sup> obtém-se que as diferenças são significativas quando analisadas em termos das médias de ordenações, entre os respondentes com idade dos 25 aos 39 anos, e os respondentes com idades entre os 40 e 46 anos ou entre 51 e 64 anos (anexo 48).

Os *Outputs* dos testes efetuados tornam evidentes a identificação de grupos homogéneos mutuamente exclusivos de escalões etários, e assim ficamos com um grupo com o escalão etário menor (apresenta a média de intensidade utilização mais baixa) e outro grupo com os restantes três escalões etários maiores (médias das ordenações superiores a 0,8701) (anexo 48).

### Habilitações literárias

**Hipótese 3.3** - A utilização da IC é maior quando o gestor tem formação superior.

Ao contrário do que se esperava, segundo Cepêda (2017) e Serrasqueiro & Nunes (2004), o facto do gestor ter um curso superior não influencia a utilização da informação. Não existem

---

<sup>4</sup> Optou-se pelo teste Scheffé, teste robusto, que pode ser considerado ainda que os pressupostos que lhe estão subjacentes sejam violados.

evidências estatísticas para se afirmar que a intensidade de utilização da informação contabilística é diferente em pelo menos um grupo formado pelas habilitações literárias dos respondentes (*Kruskal-Wallis*  $H_{(4)} = 3,044$ ;  $p\text{-value} > 0,05$ ) (anexo 49).

#### Área formação

**Hipótese 3.4** - A utilização da IC é maior quando o gestor tem formação em áreas económico-financeiras.

A regra de decisão do teste aplicado conduz à não rejeição da hipótese nula, ou seja, não existem evidências estatísticas para se afirmar que a intensidade de utilização da informação contabilística é diferente em pelo menos um grupo formado pela área de formação dos respondentes (*Kruskal-Wallis*  $H_{(2)} = 1,904$ ;  $p\text{-value} > 0,05$ ) (anexo 50), ao contrário do fundamentado por Gouveia *et al.* (2015) e Santos (2014).

#### Experiência profissional

**Hipótese 3.5** - A utilização da IC é maior quando o gestor tem mais anos de experiência profissional.

Existem evidências estatísticas para afirmar que a intensidade de utilização da informação contabilística é significativamente diferente em pelo menos um grupo formado pelos anos de experiência profissional em administração de empresa (*Kruskal-Wallis*  $H_{(4)} = 11,425$ ;  $p\text{-value} < 0,05$ ) (anexo 51), resultado fundamentado por Santos (2014).

Efetivamente a média das ordenações da intensidade de utilização varia entre 3,5, para os respondentes com menos de 1 ano de experiência, e 26,74 para os com mais de 20 anos de experiência profissional, evidenciando uma tendência para o aumento da utilização da informação à medida que a experiência aumenta (anexo 51).

Na impossibilidade de recorrer ao teste *post-hoc* pelo facto de um dos grupos ter menos de dois casos, foi utilizado o teste de *Mann-Whitney* onde se comparou os grupos dois a dois, para perceber em quais dos grupos existem diferenças significativas.

As diferenças na intensidade de utilização são significativas quando observadas em termos médios, entre os respondentes que têm experiência profissional de mais de 20 anos e os que têm experiência de 1 a 5 anos, ou de 5 a 10 anos (anexo 52).

#### 4.5.1.4 Serviço contabilístico

##### Tipo de serviço

**Hipótese 4.1** - A utilização da IC é maior quando a contabilidade é produzida internamente.

De forma a verificar se o tipo de serviço contabilístico influencia a intensidade de utilização da informação contabilística, realizado o teste não paramétrico e conforme a regra de decisão, é possível afirmar que não existem evidências estatísticas para afirmar que a intensidade de utilização é significativamente diferente em pelo menos um, dos três grupos formados (*Kruskal-Wallis*  $H_{(2)} = 2,764$ ;  $p\text{-value} > 0,05$ ) (anexo 53), o que não está alinhado com Gouveia *et al.* (2015) e Serrasqueiro & Nunes (2004).

##### Papel do contabilista e qualidade da informação

**Hipótese 4.2** - A utilização da IC é maior quando o gestor reconhece o valor do papel do profissional da contabilidade e a qualidade da informação.

Formaram-se dois grupos independentes, os que reconhecem a criação de valor através das funções desempenhadas pelo contabilista e os que consideram que não acrescenta valor.

Confirma-se que existem evidências estatísticas para se considerar que a intensidade de utilização da informação contabilística é diferente entre os dois grupos (*Mann-Whitney*  $U = 18,0$ ;  $z = -3,038$ ;  $p\text{-value} < 0,05$ ) (anexo 54), em conformidade com Marriott & Marriott (2000) e Moreira *et al.* (2013).

Relativamente à qualidade da informação produzida foi questionada a concordância sobre a quantidade, adequabilidade e clareza. O fator adequabilidade foi o único que apresentou diferenças significativas (*Kruskal-Wallis*  $H_{(2)} = 6,885$ ;  $p\text{-value} < 0,05$ ). Os gestores que acham que a informação fornecida não é adequada para o que pretende fazer têm uma intensidade de utilização, em média de ordenação, de cerca de 12,67, enquanto os que estão totalmente satisfeitos com este fator apresentam a média de ordenação 24,16 (anexo 54).

#### 4.5.2 Relação da acessibilidade à informação com a sua utilização

**Hipótese 5** - Os gestores que têm acesso mais regular à informação contabilística utilizam-na com maior frequência.

A variável acesso à informação contabilística foi calculada com base na média de acesso<sup>5</sup> de cada um dos mapas. Com duas variáveis quantidades, a medida de associação selecionada foi a  $R_0$  de *Pearson*, no entanto como as variáveis não são normalmente distribuídas e a amostra não é grande para invocar o Teorema do Limite Central, em alternativa foi utilizado o teste de *Spearman*.

Como pergunta de partida, se existe relação entre a acessibilidade à informação e a sua utilização, verifica-se que existem evidências estatísticas para se afirmar que estão relacionadas ( $\rho_{(42)} = 0,673$ ;  $p\text{-value} < 0,05$ ), para um nível de significância de 0,05 (e também para 0,01) (anexo 55).

De facto, verifica-se que existe uma relação moderada e direta, havendo, portanto, tendência para a utilização da informação aumentar com o aumento da acessibilidade aos mapas financeiros, e vice-versa.

#### 4.5.3 Entendimento da informação contabilística como obrigação fiscal

**Hipótese 6** - Os gestores que veem a informação contabilística como necessária ao cumprimento de obrigações fiscais atribuem menor valor à sua utilização.

Para os que consideram a informação proveniente da contabilidade como algo forçoso por lei, pressupõe-se que estes não consigam ver para além disso e utilizar em benefício da empresa.

O resultado do teste evidencia que existência evidências estatísticas para afirmar que a intensidade de utilização da informação contabilística é significativamente diferente em pelo menos um grupo (*Kruskal-Wallis*  $H_{(2)} = 7,046$ ;  $p\text{-value} < 0,05$ ) (anexo 56).

Os dois grupos onde estas diferenças da intensidade de utilização são significativas, quando analisadas em termos das médias de ordenações, são o grupo que considera que a informação contabilística tem como aplicabilidade “principalmente para obrigações financeiras” (15,80) e

---

<sup>5</sup> A questão 5.4 foi transformada. As opções selecionadas de Anualmente a Mensalmente foram convertidas em 1 – Tem acesso, e a opção “Sem conhecimento” em 0 – Não tem acesso.

o grupo dos que consideram que é “principalmente para auxílio nas funções de gestão” (24,00) (anexo 57), que vai de encontro ao fundamentado por Ciuhureanu (2018).

#### 4.6 Resumo resultados

Questionário	Questões de investigação	Fator	Influencia a utilização da IC?
Q2.1	H1.1	Dimensão da empresa	Sim
Q2.2	H1.2	Idade da empresa	Não
Q2.3; Q2.4	H1.3	Internacionalização	Não
Q3.1; Q3.2	H2.1	Departamento financeiro	Não
Q3.3; Q3.4	H2.2	Diretor financeiro familiar	Não
Q3.5	H2.3	Equipas de gestão familiares	Não
Q1.1	H3.1	Gestor e proprietário	Não
Q1.2	H3.2	Idade do respondente	Sim
Q1.3	H3.3	Habilitações literárias	Não
Q1.4	H3.4	Área de formação	Não
Q1.5	H3.5	Experiência profissional	Sim
Q4.1	H4.1	Serviço de contabilidade	Não
Q4.2; Q4.3	H4.2	Valorização do contabilista e qualidade da informação	Sim
Q5.1; Q5.2; Q5.4	H5	Acesso à informação	Sim
Q5.6	H6	Perceção da informação como obrigação fiscal	Sim
Questionário	Objetivos	Resultado	
Q5.5	O Estado é considerado o principal utilizador da informação contabilística.	Três principais: gestores, banca e Estado.	
Q5.3; Q6.1; Q6.2	Identificar os mapas financeiros que os gestores mais utilizam.	Três principais: Balancete, Balanço e Demonstração dos Resultados.	
Q6.3	Identificar que tipo de informação contabilística adicional utilizam.	Informações utilizadas mais frequentemente: valor monetário em depósitos, em caixa, dívidas de clientes, custos de fornecimentos e dívidas a fornecedores.	
Q7.1	Verificar se o gestor reconhece possíveis melhorias na gestão através da utilização da informação contabilística, e em que aspetos.	Reconhece, principalmente em: controlo, desempenho financeiro e tomada de decisão.	

## 5. Conclusões

O sistema de informação contabilístico percecionado como uma fonte de informação fidedigna, tempestiva e de qualidade torna-se numa ferramenta fundamental para qualquer empresa, especialmente para aquelas que são um importante pilar da economia portuguesa, que estão na frente do crescimento e da empregabilidade, as PME.

Suscitou-se assim o interesse em saber se é dada pelas PME a devida importância à informação contabilística que já têm ao seu dispor (a informação financeira exigida por imposição legal) e se utilizam e reconhecem benefícios pela sua utilização.

Assim, o presente estudo tem como finalidade perceber se os gestores das PME da indústria do calçado portuguesa estão conscientes e familiarizados com a informação que têm ao seu alcance, se fazem desta uma ferramenta de auxílio às funções de gestão do dia a dia e se existem características dos gestores e da própria empresa que possam ser associados a esse tipo de utilização.

Para o desenvolvimento desta investigação foi redigido um questionário que foi partilhado por via eletrónica com os gestores ou pessoas ligadas à gestão das PME que são membros da Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado, Componentes, Artigos de Pele e seus Sucedâneos, sendo as respostas tratadas estatisticamente.

Conclui-se que os gestores, em maioria de microempresas e pequenas empresas, utilizam a informação financeira e estão mais familiarizados com os *outputs* dos sistemas contabilísticos Balancete, Balanço e Demonstração dos Resultados. São também estes os mapas que foram selecionados como instrumentos preferidos para uma melhor gestão do negócio.

Da informação disponibilizada naqueles *outputs*, para auxílio das suas funções, utilizam essencialmente a informação do valor monetário em depósitos, do valor monetário em caixa, das dívidas de clientes, dos custos de fornecimentos e das dívidas a fornecedores.

Verificou-se que existem características que influenciam a utilização da informação contabilística, nomeadamente a dimensão da empresa, a idade do gestor, a experiência profissional, a valorização do contabilista, qualidade da informação entregue, frequência de acesso à informação em função da sua acessibilidade e a perceção da informação contabilística como obrigação fiscal ou algo mais (utilização para apoio à tomada de decisões).

São identificados como principais utilizadores da informação produzida pela contabilidade financeira os gestores, a banca e o Estado, e reconhecem-se vantagens da utilização da

informação contabilística para além das obrigações fiscais, com implicações em diferentes aspetos da gestão como no controlo, no desempenho financeiro e na tomada de decisões.

Ao longo da elaboração desta investigação foram surgindo algumas limitações, nomeadamente a escassez de artigos científicos relevantes sobre a temática em concreto. Outra limitação prende-se com uma taxa de respostas baixa ao questionário, o que pode evidenciar falta de interesse em participar no estudo.

Em estudos futuros sugere-se uma melhor avaliação do conhecimento dos gestores relativamente aos mapas financeiros. Relativamente às características que influenciam a utilização de informação contabilística também seria interessante avaliar se o desempenho financeiro possui algum tipo de influência. Os momentos em que os gestores utilizam certas informações, também pode constituir um tema de investigação de forma a entender na prática a utilização em concreto que é dada à informação. Naturalmente, sugere-se também que o estudo efetuado seja alargado a outros setores e perceber se o dinamismo deste setor em concreto leva a uma utilização diferente e mais intensiva dos sistemas contabilísticos.

Por último, acredito que o presente estudo tinha tido impacto nos que contribuíram para a sua realização, que os tenha feito refletir na realidade de gestão das suas empresas, alertando para as boas práticas de utilização da informação contabilística como ferramenta de apoio à gestão, ultrapassando a perceção de uma mera obrigação legal. Espera-se o mesmo efeito para aqueles que com este trabalho se venham a cruzar.

## 6. Bibliografia

- Amat, J., Carmona, S., & Roberts, H. 1994. Context and Change in Management Accounting Systems. *Management Accounting Research*, 5(2): 107–122
- Anderson, R. C., & Reeb, D. M. 2003. Founding-Family Ownership and Firm Performance: Evidence from the S&P 500. *Journal of Finance*, 58(3): 1301–1328.
- Ang, J. S. 1991. Small Business Uniqueness and the Theory of Financial Management. *The Journal of Entrepreneurial Finance*, 1(1): 11–13.
- APICCAPS; The shoes must go on - Suplemento Especial do jornal da APICCAPS, URL: <[https://www.apiccaps.pt/library/media\\_uploads/smgo-2017-dezembro.pdf](https://www.apiccaps.pt/library/media_uploads/smgo-2017-dezembro.pdf)>, Acedido em 16/03/2018.
- APPICAPS; Monografia Estatística - *Cluster* do calçado 2018, URL: <<https://www.apiccaps.pt/publications/monografia-estatistica/112.html>>, Acedido em 12/10/2019.
- APPICAPS; *Facts & Numbers* 2019, URL:<<https://www.apiccaps.pt/publications/facts--numbers/126.html>>, Acedido em 12/10/2019.
- Aragón-Sánchez, A., & Sánchez-Marín, G. 2005. Strategic orientation, management characteristics, and performance: A study of Spanish SMEs. *Journal of Small Business Management*, 43(3): 287–308.
- Aviso n.º 15652/2009 de 7 de Setembro. 2009. *Diário da República, 2ª série - Nº 173*. 36227–36234.
- Aviso n.º 15654/2009 de 7 de Setembro. 2009. *Diário da República, 2ª série - Nº 173*. 36237–36260.
- Aviso n.º 6726-A/2011 de 14 de Março. 2011. *Diário da República, 2ª série - Nº 51*. 12226-(2)–12226-(8).
- Brierley, J. A. 2011. A comparison of product costing practices of large and small to medium-sized enterprises: A survey of British manufacturing firms. *International Journal of Management*, 28(4(1)): 184–195.
- Bruns, W. J., & McKinnon, S. M. 1993. Information and managers: A field study. *Journal of Management Accounting Research*, 5: 84–108.
- Bushman, R. M., & Smith, A. J. 2001. Financial accounting information and corporate governance. *Journal of Accounting and Economics*, 32: 237–333.
- Carrillo, L. A. B. 2017. Efecto De Los Servicios Contables En La Toma De Decisiones De Las Pymes. *InterSedes*, 18(37): 1–22.
- Cassia, L., Paleari, S., & Redondi, R. 2005. Management accounting systems and organisational structure. *Small Business Economics*, 25(4): 373–391.
- Cepêda, C. 2017. *Fatores que determinam a utilidade da Informação Financeira na Tomada de Decisão*. Dissertação de Mestrado em Contabilidade e Finanças, Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, Porto.
- Cheffi, W., & Beldi, A. 2012. An analysis of managers' use of management accounting. *International Journal of Business*, 17(2): 113–125.

Ciuhureanu, A. 2018. General Accounting – Obligation or Information Needed in the Current Economic Context. *Land Forces Academy Review*, 23(3): 225–230.

**CÓDIGO DO IMPOSTO SOBRE O RENDIMENTO DAS PESSOAS COLETIVAS; Artigo 123.º Obrigações contabilísticas das empresas, n.º 1**, URL:<[http://info.portaldasfinancas.gov.pt/pt/informacao\\_fiscal/codigos\\_tributarios/CIRC\\_2R/Pages/irc123.aspx](http://info.portaldasfinancas.gov.pt/pt/informacao_fiscal/codigos_tributarios/CIRC_2R/Pages/irc123.aspx)>, Acedido em 09/03/2019.

Comissão das Comunidades Europeias, Recomendação da Comissão de 6 de Maio de 2003 relativa à definição de micro, pequenas e médias empresas, URL:<<https://www.iapmei.pt/getattachment/PRODUTOS-E-SERVICOS/Qualificacao-Certificacao/Certificacao-PME/Recomendacao-da-Comissao-2003-361-CE.pdf.aspx>>, Acedido em 09/03/2019.

Decreto-Lei N.º 98/2015 de 2 de Junho. 2015. *Diário Da República, 1ª Série, Nº 106*. 3470–3493.

Decreto-Lei N.º 372/2007 de 6 de Novembro. 2007. *Diário Da República, 1ª Série, Nº 213*. 8080–8084.

Decreto-Lei N.º 158/2009 de 13 de Julho. 2009. *Diário Da República, 1ª Série, Nº 133*. 4375–4384.

Dethomas, A. R., & Fredenberger, W. B. 1985. Accounting Needs of Very Small Business. *The CPA Journal*, 55: 15–24.

Duréndez, A., Madrid Guijarro, A., & García Pérez de Lema, D. 2011. Innovative culture, management control systems and performance in small and medium-sized Spanish family firms. *INNOVAR. Revista de Ciencias Administrativas y Sociales*, 21(40): 137–153.

European Commission; 2016 *SBA Fact Sheet - Portugal*, URL:<<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:FbFhtsHuTfoJ:https://ec.europa.eu/docsroom/documents/22382/attachments/28/translations/en/renditions/native+&cd=2&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt>>, Acedido em 04/05/2018.

European Commission; 2018 *SBA Fact Sheet - Portugal*, URL:<<https://ec.europa.eu/docsroom/documents/32581/attachments/23/translations/en/renditions/native+&cd=1&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt>>, Acedido em 27/03/2019

García Pérez De Lema, D., & Duréndez, A. 2007. Managerial behaviour of small and medium-sized family businesses: An empirical study. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour and Research*, 13(3): 151–172.

Garengo, P., & Bernardi, G. 2007. Organizational capability in SMEs: Performance measurement as a key system in supporting company development. *International Journal of Productivity and Performance Management*, 56(5–6): 518–532.

Ghiglione, R., & Matalon, B. 2001. *O inquérito: Teoria e prática* (4th ed.). Oeiras: Celta Editora.

Gimbert, X., Bisbe, J., & Mendoza, X. 2010. The role of performance measurement systems in strategy formulation processes. *Long Range Planning*, 43(4): 477–497.

Givoly, D., Hayn, C., & Katz, S. 2017. The changing relevance of accounting information to debt holders over time. *Review of Accounting Studies*, 22(1): 64–108.

- Gonçalves, M. F. M. 1997. *A importância da contabilidade para os gestores das pmes portuguesas*. Dissertação de mestrado, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa - ISCTE, Lisboa.
- Gouveia, H., Fernandes, S., & Gonçalves, C. 2015. A utilidade da contabilidade para as microempresas. *Revista de Contabilidade e Gestão*, 16: 77–104.
- Greenhalgh, R. W. 2000. Information and the transnational SME controller. *Management Accounting Research*, 11(4): 413–426.
- Hakola, M. 2010. Balanced scorecard as a tool for small business reorganisation. *International Journal of Management and Enterprise Development*, 9(4): 364.
- Halabi, A. K., Dyt, R., & Barrett, R. 2010. Understanding financial information used to assess small firm performance: An Australian qualitative study. *Qualitative Research in Accounting & Management*, 7(2): 163–179.
- Hill, M. M., & Hill, A. 2000. *Investigação por questionário* (1st ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- IASB. 2015. *Internacional Financial Reporting Standard for Small and Medium-sized Entities (IFRS for SMEs)*.
- Ilias, A., Razak, M. Z. A., & Yaso', M. R. 2010. The Preliminary Study of Management Accounting Practices (MAPs) in Small Business. *Global Business & Management Research*, 2(1): 79–88.
- INE – Instituto Nacional de Estatística, IP; Empresas em Portugal - 2017, URL:<[https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOE\\_Spub\\_boui=358541793&PUBLICACOESTema=55579&PUBLICACOESmodo=2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOE_Spub_boui=358541793&PUBLICACOESTema=55579&PUBLICACOESmodo=2)>, Acedido em 20/06/2019.
- Informa D&B, A gestão em Portugal: retrato da gestão e dos gestores no tecido empresarial português, URL:<<https://biblioteca.informadb.pt/save/document.aspx?id=2544>>, Acedido em 03/05/2018.
- Laureano, R. M. S. 2013. *Testes de Hipóteses com o SPSS - O Meu Manual de Consulta Rápida* (2nd ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Laurinkevičiute, A., & Stasiškiene, Ž. 2011. SMS for decision making of SMEs. *Clean Technologies and Environmental Policy*, 13(6): 797–807.
- Lavia López, O., & Hiebl, M. R. W. 2014. Management Accounting in Small and Medium-Sized Enterprises: Current Knowledge and Avenues for Further Research. *Journal of Management Accounting Research*, 27(1): 81–119.
- Lutz, E., & Schraml, S. 2011. Family firms: Should they hire an outside CFO? *Journal of Business Strategy*, 33(1): 39–44.
- Marc, M., Peljhan, D., Ponikvar, N., Sobota, A., & Tekavcic, M. 2010. Determinants of integrated performance measurement systems usage: An empirical study. *Journal of Applied Business Research*, 26(5): 63–76.
- Marriott, N., & Marriott, P. 2000. Professional accountants and the development of a management accounting service for the small firm: barriers and possibilities. *Management Accounting Research*, 11: 475–492.

- McChlery, S., Godfrey, A. d., & Meechan, L. 2005. Barriers and catalysts to sound financial management systems in small sized enterprises. *Journal of Applied Accounting Research*, 7(3): 1–26.
- Moreira, R. D. L., Encarnação, L. V., Bispo, O. N. D. A., Angotti, M., & Colauto, R. D. 2013. A importância da informação contábil no processo de tomada de decisão nas micro e pequenas empresas. *Revista Contemporânea de Contabilidade*, 10(19): 119–140.
- Muller, P., Mattes, A., Klitou, D., Lonkeu, O.-K., Ramada, P., et al. 2018. *Annual Report on European SMEs 2017/2018*, URL:<<https://publications.europa.eu/en/publication-detail/-/publication/a435b6ed-e888-11e8-b690-01aa75ed71a1>>, Acedido em 04/05/2018.
- Neubauer, H., Mayr, S., Feldbauer-Durstmüller, B., & Duller, C. 2012. Management accounting systems and institutionalization in medium-sized and large family businesses - Empirical evidence from Germany and Austria. *European Journal of Management*, 12(2): 41–60.
- Nunes, L., & Serrasqueiro, Z. 2004a. As pequenas empresas e a informação contabilística. *Portuguese Journal of Management Studies*, IX(2).
- Nunes, L., & Serrasqueiro, Z. 2004b. A Informação Contabilística Nas Decisões Financeiras das Pequenas Empresas. *Revista Contabilidade & Finanças - USP, São Paulo*, (36): 87–96.
- Osadchy, E. A., Akhmetshin, E. M., Amirova, E. F., Bochkareva, T. N., Gazizyanova, Y. Y., et al. 2018. Financial statements of a company as an information base for decision-making in a transforming economy. *European Research Studies Journal*, 21(2): 339–350.
- Parlamento Europeu e o Conselho da União Europeia, Regulamento (CE) N.º 1606/2002 do Parlamento Europeu e do Conselho de 19 de Julho de 2002 relativo à aplicação das normas internacionais de contabilidade, URL:<<https://publications.europa.eu/pt/publication-detail/-/publication/063990c7-2ce2-4e5c-b0cc-5eba713d7d08/language-pt>>, Acedido em 10/10/2019.
- Puskarevic, S., & Gadzo, A. 2014. Place of Accounting Information in Business Decision Making Within Tuzla Canton Companies. *TEM Journal*, 3(1): 68–80.
- Santos, A., & Alves, M. do C. G. 2016. *Utilização e importância da informação contabilística nas pequenas e médias empresas portuguesas*. Trabalho publicado no website da OCC, URL:<[https://www.occ.pt/dtrab/trabalhos/xviicica/finais\\_site/159.pdf](https://www.occ.pt/dtrab/trabalhos/xviicica/finais_site/159.pdf)>.
- Santos, M. 2014. *A relevância e utilidade das demonstrações financeiras - A percepção dos gestores das PME*. Dissertação de mestrado em contabilidade e gestão das instituições financeiras, Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa ISCAL, Lisboa.
- Serrasqueiro, Z., & Nunes, L. 2004. *A Informação Contabilística na Tomada de Decisão dos Empresários e/ou Gestores - Um estudo sobre pequenas empresas*. Estudo presente no X congresso contabilidade, Lisboa.
- Socea, A.-D. 2012. Managerial Decision-Making and Financial Accounting Information. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 58: 47–55.
- Thomsen, J. 2009. Processes of Localization and Institutionalization of Local Managers in Economic Functions in Danish Owned Subsidiaries in Estonia, Latvia and Lithuania Around the 21st Century. *Journal of Business Economics and Management*, 9(4): 279–287.
- van der Velde, M., Jansen, P., & Anderson, N. 2004. *Guide to management research methods*. Malden: Blackwell.

7. Anexos

Anexo 1 – Tabela síntese dos objetivos e questões de investigação

Objetivo Geral	Objetivos específicos	Hipóteses Operacionais	Sub - hipóteses	Questões
Analisar a perceção dos gestores das PME's do setor do calçado perante a utilização da informação contabilística	Verificar a existência de relação entre a utilização da informação contabilística e as características relacionadas com a empresa e o meio ambiente, as equipas, o gestor e o serviço de contabilidade	H1: A utilização da informação contabilística (IC) está relacionada com as características da empresa e do meio ambiente	H1.1: A utilização da IC é maior em empresas de maior dimensão.	Q2.1
			H1.2: A utilização da IC é maior em empresas com mais anos de existência.	Q2.2
		H2: A utilização da informação contabilística (IC) está relacionada com as características das equipas	H1.3: A utilização da IC é maior em empresas que estão internacionalizadas.	Q2.3; Q2.4
			H2.1: A utilização da IC é maior em empresas que possuem um departamento administrativo e financeiro com um maior número de elementos.	Q3.1; Q3.2
			H2.2: A utilização da IC é menor em empresas que têm um diretor financeiro familiar.	Q3.3; Q3.4
			H2.3: A utilização da IC é menor se a equipa de gestão for composta por familiares (maior controlo familiar).	Q3.5
	Verificar o acesso à informação contabilística, sua utilização e os principais utilizadores	H3: A utilização da informação contabilística (IC) está relacionada com as características do gestor	H3.1: A utilização da IC é menor quando o gestor é simultaneamente o proprietário.	Q1.1
			H3.2: A utilização da IC é maior quando o gestor tem mais idade.	Q1.2
		H4: A utilização da informação contabilística (IC) está relacionada com as características do serviço de contabilidade	H3.3: A utilização da IC é maior quando o gestor tem formação superior.	Q1.3
			H3.4: A utilização da IC é maior quando o gestor tem formação em áreas económico-financeiras.	Q1.4
			H3.5: A utilização da IC é maior quando o gestor tem mais anos de experiência profissional.	Q1.5
			H4.1: A utilização da IC é maior quando a contabilidade é produzida internamente.	Q4.1
Verificar se o gestor reconhece possíveis melhorias na gestão através da utilização da informação contabilística, e em que aspetos	H5: Os gestores que têm acesso mais regular à informação contabilística utilizam-na com maior frequência	H4.2: A utilização da IC é maior quando o gestor reconhece o papel do profissional da contabilidade e a qualidade da informação produzida.	Q4.2; Q4.3	
		H5: Os gestores que têm acesso mais regular à informação contabilística utilizam-na com maior frequência	Q5.1; Q5.2; Q5.4	
	H6: Os gestores que veem a informação contabilística como necessária ao cumprimento de obrigações fiscais atribuem menor valor à sua utilização.	O Estado é considerado o principal utilizador da informação contabilística	Q5.5	
		H6: Os gestores que veem a informação contabilística como necessária ao cumprimento de obrigações fiscais atribuem menor valor à sua utilização.	Q5.6	
		Identificar os mapas financeiros que os gestores mais utilizam	Q5.3; Q6.1; Q6.2	
		Identificar que tipo de informação contabilística adicional utilizam	Q6.3	

## Anexo 2 – Questionário

### Introdução

Bem vindo(a)!

No âmbito do mestrado de Contabilidade do ISCTE-IUL e em colaboração com a APICCAPS - Associação Portuguesa dos Industriais do Calçado, Componentes, Artigos de Pele e seus Sucedâneos foi elaborado o presente inquérito.

Pretende-se avaliar o interesse, a relevância e a utilização da informação contabilística nas funções diárias dos gestores das Pequenas e Médias Empresas da indústria do setor do calçado e consciencializar para a importância da contabilidade nas práticas de gestão para que as empresas possam melhorar a relação custo-benefício dos seus encargos administrativos.

Neste sentido solicita-se o preenchimento por alguém responsável pela administração e gestão da empresa.

Todas as respostas são totalmente anónimas e apenas para fins académicos.

A sua realização demora aproximadamente 5 minutos!

Obrigado pela sua colaboração!

### Caraterização do gestor

Q1.1. Cargo/Função

- Proprietário e gestor
- Somente gestor
- Outra; Indique qual:

Q1.2. Idade

### Q1.3. Habilitações Académicas

- 1.º Ciclo do ensino básico (4.º ano)
- 2.º Ciclo do ensino básico (6.º ano)
- 3.º Ciclo do ensino básico (9.º ano)
- Ensino Secundário
- Licenciatura ou Bacharelato
- Mestrado
- Doutoramento

### Q1.4. Principal área de formação

- Gestão e áreas relacionadas (ex: contabilidade, economia, finanças, recursos humanos)
- Áreas relacionadas com a atividade da empresa (ex: design, modelação, engenharia)
- Áreas não relacionadas com a atividade da empresa

### Q1.5. Experiência profissional em funções de administração de empresas

- Menos de 1 ano
- Entre 1 e 5 anos
- Entre 5 e 10 anos
- Entre 10 e 20 anos
- Mais de 20 anos

## **Caraterização da empresa e meio ambiente**

### Q2.1. Dimensão da empresa

- Microempresa
- Pequena empresa
- Média empresa
- Grande empresa

### Q2.2. Anos de existência da empresa

- Menos de 1 ano
- Entre 1 e 5 anos
- Entre 10 e 20 anos
- Mais de 20 anos

Q2.3. A empresa está presente nos mercados internacionais?

- Sim
- Não

Q2.4. Das suas vendas totais diretas indique a percentagem (%) que é direcionada ao mercado externo

### **Caraterização das equipas**

Q3.1. Na estrutura da empresa está presente um departamento administrativo e financeiro?

- Sim
- Não

Q3.2. Qual o número de colaboradores afetos ao departamento administrativo e financeiro?

Q3.3. Na direção está presente um diretor financeiro?

- Sim
- Não

Q3.4. Selecione a opção que melhor se enquadra à realidade da empresa

- O diretor financeiro é um profissional sem ligação familiar à empresa e respetivo(s) proprietário(s)
- O diretor financeiro é um profissional do núcleo familiar do(s) proprietário(s)

Q3.5. O(s) profissionais responsáveis pela gestão são maioritariamente elementos do núcleo familiar do proprietário:

- Descreve a situação da empresa extremamente bem
- Descreve a situação da empresa muito bem
- Descreve a situação da empresa razoavelmente bem
- Descreve a situação da empresa ligeiramente bem
- Não descreve a situação da empresa

### Caraterísticas Contabilidade

Q4.1. A contabilidade é elaborada

- Internamente
- Serviços externos
- Internamente, assinada por contabilista certificado externo

Q4.2. Considera que as funções desempenhadas pelo contabilista acrescentam valor para a empresa, e para a própria gestão?

- Sim
- Não

Q4.3. Considerando a totalidade de informação que é fornecida pelo seu contabilista seleccione a opção mais adequada para as 3 afirmações seguintes:

	Concordo totalmente	Concordo parcialmente	Nem concordo nem discordo	Discordo parcialmente	Discordo totalmente
Suficiente na quantidade de informação proporcionada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Adequada à utilização que pretende	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Clara quanto ao seu conteúdo e significado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

### Acesso à informação contabilística

Q5.1. O contabilista (interno ou externo) tem a iniciativa de lhe proporcionar a informação necessária às suas funções:

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Nem concordo nem discordo
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

A informação contabilística nas PME portuguesas da indústria do calçado

Q5.2. No âmbito das suas funções tem a iniciativa de solicitar informação ao contabilista de forma a obter e/ou complementar informação necessária?

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Nem concordo nem discordo
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

Q5.3. Quão familiarizado(a) está com os seguintes mapas?

	Extremamente familiar	Muito familiar	Relativamente familiar	Ligeiramente familiar	Nada familiar
Balanço	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Demonstração dos Resultados	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Demonstração dos Fluxos de Caixa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Demonstração das Alterações do Capital Próprio	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Anexo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Balancete	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Q5.4. Com que regularidade tem acesso aos seguintes mapas?

	Selecione a opção mais adequada				
	Anualmente	Semestralmente	Trimestralmente	Mensalmente	Sem conhecimento
Balanço	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Demonstração dos Resultados	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Demonstração dos Fluxos de Caixa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Demonstração das Alterações do Capital Próprio	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Q5.5. Para si quais são os principais interessados/utilizadores da informação que advém da contabilidade? (selecione 3 opções)

- Gestores
- Funcionários
- Investidores
- Fornecedores
- Clientes
- Estado
- Banca

## A informação contabilística nas PME portuguesas da indústria do calçado

Q5.6.

Para cada linha seleccione a opção que melhor identifica na informação proveniente da contabilidade:

Com alguma utilidade <input type="radio"/>	Dispensável <input type="radio"/>	Fundamental <input type="radio"/>
Principalmente para obrigações fiscais <input type="radio"/>	Principalmente para auxílio nas funções de gestão <input type="radio"/>	Sem aplicabilidade <input type="radio"/>
Insignificante <input type="radio"/>	Importante <input type="radio"/>	Relativamente importante <input type="radio"/>
Compreensão fácil <input type="radio"/>	Compreensão difícil <input type="radio"/>	Compreensão acessível <input type="radio"/>

### Utilização da Informação Contabilística

Q6.1. Utiliza regularmente a informação contabilística para apoio das suas funções?

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Nem concordo nem discordo
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

Q6.2. Com que frequência utiliza os seguintes mapas nas suas funções?

	Mensalmente	Trimestralmente	Semestralmente	Anualmente	Raramente / Nunca
Balanço	<input type="radio"/>				
Demonstração dos Resultados	<input type="radio"/>				
Demonstração dos Fluxos de Caixa	<input type="radio"/>				
Demonstração das Alterações do Capital Próprio	<input type="radio"/>				
Anexo	<input type="radio"/>				
Balancete	<input type="radio"/>				

Q6.3. Quais destas informações adicionais utiliza como apoio à gestão e com que frequência?

	Selecione a opção mais adequada				
	Diariamente	Semanalmente	Mensalmente	Semestralmente	Anual
Custo das mercadorias vendidas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Custo de fornecimentos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Dívidas a fornecedores	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Dívidas de clientes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

## A informação contabilística nas PME portuguesas da indústria do calçado

EBIT (Resultado antes juros e impostos)	<input type="radio"/>				
EBITDA (Resultado antes de juros, impostos, depreciações e amortizações)	<input type="radio"/>				
Empréstimos obtidos	<input type="radio"/>				
Encargo do imposto sobre o rendimento	<input type="radio"/>				
	Diariamente	Semanalmente	Mensalmente	Semestralmente	Anual
Mapas e gráficos de evolução personalizados e elaborados por si	<input type="radio"/>				
Margem Bruta (Vendas - Compras)	<input type="radio"/>				
Resultado antes de imposto	<input type="radio"/>				
Resultado Líquido	<input type="radio"/>				
Valor monetário em caixa	<input type="radio"/>				
	Diariamente	Semanalmente	Mensalmente	Semestralmente	Anual
Valor monetário em depósitos	<input type="radio"/>				
Vendas e serviços prestados	<input type="radio"/>				
Outra <input type="text"/>	<input type="radio"/>				

### Eficiência na utilização

Q7.1. Considera que uma utilização eficiente da informação contabilística permitiria melhorias em:

	Concordo totalmente	Concordo parcialmente	Nem concordo nem discordo	Discordo parcialmente	Discordo totalmente
Otimização de recursos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Controlo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Competitividade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Processo de tomada de decisão	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Adaptação à mudança	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Desempenho financeiro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estratégia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Desempenho geral	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

### Anexo 3 – Distribuição do Cargo/Função dos respondentes

		Cargo/Função			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Proprietário e gestor	15	34,9	34,9	34,9
	Somente gestor	15	34,9	34,9	69,8
	Outra	13	30,2	30,2	100,0
	Total	43	100,0	100,0	

### Anexo 4 – Distribuição do Cargo/Função - "Outra"

		Frequency
Valid		30
	Assistente Administrativa	2
	Assistente Administrativo	2
	Auditor	1
	CC e CFO	1
	Contabilista	1
	Diretor Contabilidade	1
	Diretor Financeiro	2
	Gestão/Contabilidade/Financeiro	1
	Proprietária e coadjuvante do gestor	1
	Responsável Financeiro	1
	Total	43

### Anexo 5 – Indicadores descritivos da idade dos respondentes

Statistics		
Idade		
N	Valid	43
	Missing	0
Mean		45,79
Median		46,00
Mode		49
Minimum		25
Maximum		64
Percentiles	25	39,00
	50	46,00
	75	50,00

## Anexo 6 – Distribuição das habilitações académicas dos respondentes

**Habilitações Académicas**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	2.º Ciclo do ensino básico (6.º ano)	1	2,3	2,3	2,3
	Ensino Secundário	7	16,3	16,3	18,6
	Licenciatura ou Bacharelato	26	60,5	60,5	79,1
	Mestrado	8	18,6	18,6	97,7
	Doutoramento	1	2,3	2,3	100,0
	Total	43	100,0	100,0	

## Anexo 7 – Distribuição da principal área de formação dos respondentes

**Principal área de formação**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Gestão e áreas relacionadas (ex: contabilidade, economia, finanças, recursos humanos)	35	81,4	81,4	81,4
	Áreas relacionadas com a atividade da empresa (ex: design, modelação, engenharia)	4	9,3	9,3	90,7
	Áreas não relacionadas com a atividade da empresa	4	9,3	9,3	100,0
	Total	43	100,0	100,0	

## Anexo 8 – Distribuição da principal área de formação - "outra"

**Principal área de formação - Outra**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid		39	90,7	90,7	90,7
	Comercial	1	2,3	2,3	93,0
	História e Marketing	1	2,3	2,3	95,3
	Linguísticas	1	2,3	2,3	97,7
	Química e Física	1	2,3	2,3	100,0
	Total	43	100,0	100,0	

## Anexo 9 – Distribuição da experiência profissional em funções de administração

**Experiência profissional em funções de administração de empresas**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Menos de 1 ano	1	2,3	2,3	2,3
	Entre 1 e 5 anos	7	16,3	16,3	18,6
	Entre 5 e 10 anos	9	20,9	20,9	39,5
	Entre 10 e 20 anos	9	20,9	20,9	60,5
	Mais de 20 anos	17	39,5	39,5	100,0
	Total	43	100,0	100,0	

## Anexo 10 – Distribuição dos anos de existência das empresas

**Anos de existência da empresa**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Menos de 1 ano	1	2,3	2,4	2,4
	Entre 1 e 5 anos	6	14,0	14,3	16,7
	Entre 5 e 10 anos	7	16,3	16,7	33,3
	Entre 10 e 20 anos	6	14,0	14,3	47,6
	Mais de 20 anos	22	51,2	52,4	100,0
	Total	42	97,7	100,0	
Missing	System	1	2,3		
Total		43	100,0		

## Anexo 11 – Relação entre anos de existência e presença nos mercados internacionais

**Anos de existência da empresa \* Presença nos mercados internacionais**  
Crosstabulation

Count

		Presença nos mercados internacionais		Total
		Sim	Não	
Anos de existência da empresa	Menos de 1 ano	1	0	1
	Entre 1 e 5 anos	6	0	6
	Entre 5 e 10 anos	6	1	7
	Entre 10 e 20 anos	6	0	6
	Mais de 20 anos	22	0	22
Total		41	1	42

## Anexo 12 – Relação entre presença nos mercados internacionais e dimensão da empresa

**Presença nos mercados internacionais \* Dimensão da empresa**  
Crosstabulation

Count

		Dimensão da empresa			Total
		Microempresa	Pequena empresa	Média empresa	
Presença nos mercados internacionais	Sim	5	17	19	41
	Não	0	1	0	1
Total		5	18	19	42

## Anexo 13 – Indicadores descritivos das vendas diretas direcionadas ao mercado externo (em %)

### Statistics

% Vendas diretas direcionada a

N	Valid	41	Mode	90,00
	Missing	2	Minimum	20,00
Mean	80,7195	Maximum	100,00	
Median	90,0000			

## Anexo 14 – Distribuição da ligação da equipa de gestão ao núcleo familiar do proprietário

### Profissionais responsáveis pela gestão - ligação ao núcleo familiar

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Descreve a situação da empresa extremamente bem	16	37,2	38,1	38,1
	Descreve a situação da empresa muito bem	9	20,9	21,4	59,5
	Descreve a situação da empresa razoavelmente bem	5	11,6	11,9	71,4
	Descreve a situação da empresa ligeiramente bem	2	4,7	4,8	76,2
	Não descreve a situação da empresa	10	23,3	23,8	100,0
	Total	42	97,7	100,0	
Missing	System	1	2,3		
Total		43	100,0		

## Anexo 15 – Indicadores descritivos do número de colaboradores do departamento administrativo e financeiro

### Statistics

Número de colaboradores afetos ao D

N	Valid	32
	Missing	11
Mean		3,75
Median		3,00
Mode		2
Minimum		1
Maximum		15
Percentiles	25	2,00
	50	3,00
	75	5,00

## Anexo 16 – Distribuição do número de colaboradores do departamento financeiro

### Número de colaboradores afetos ao DAF

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1	5	11,6	15,6	15,6
	2	8	18,6	25,0	40,6
	3	7	16,3	21,9	62,5
	4	3	7,0	9,4	71,9
	5	3	7,0	9,4	81,3
	6	3	7,0	9,4	90,6
	8	1	2,3	3,1	93,8
	10	1	2,3	3,1	96,9
	15	1	2,3	3,1	100,0
	Total	32	74,4	100,0	
Missing	System	11	25,6		
Total		43	100,0		

## Anexo 17 – Relação da dimensão das empresas e o número de colaboradores afetos ao departamento financeiro

**Dimensão da empresa \* Número de colaboradores afetos ao DAF Crosstabulation**

Count

		Número de colaboradores afetos ao DAF									Total
		1	2	3	4	5	6	8	10	15	
Dimensão da empresa	Microempresa	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
	Pequena empresa	3	6	1	0	2	0	0	1	0	13
	Média empresa	1	2	6	3	1	3	1	0	1	18
Total		5	8	7	3	3	3	1	1	1	32

## Anexo 18 – Distribuição da presença de diretor financeiro

**Presença de diretor financeiro**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	26	60,5	61,9	61,9
	Não	16	37,2	38,1	100,0
	Total	42	97,7	100,0	
Missing	System	1	2,3		
Total		43	100,0		

## Anexo 19 – Relação da presença de diretor financeiro e a ligação deste ao núcleo financeiro

**Presença de diretor financeiro \* Diretor financeiro - ligação ao núcleo familiar Crosstabulation**

Count

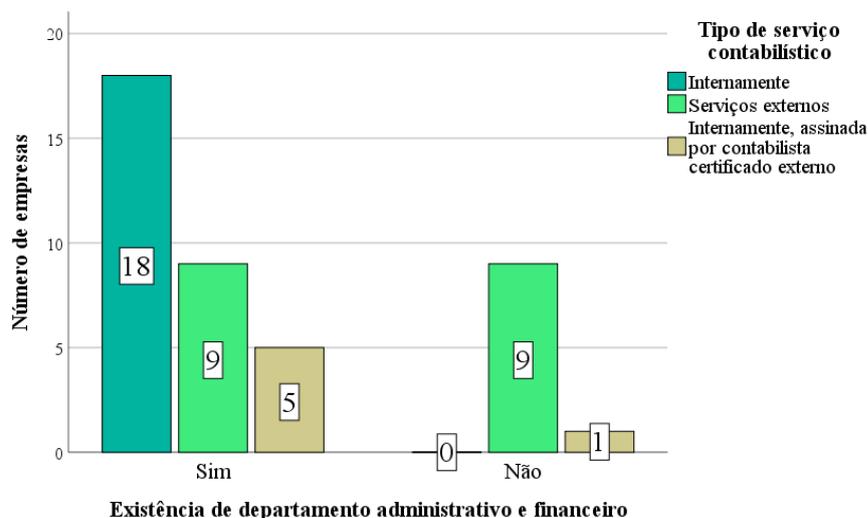
		Diretor financeiro - ligação ao núcleo familiar		Total
		O diretor financeiro é um profissional sem ligação familiar à empresa e respetivo(s) proprietário(s)	O diretor financeiro é um profissional do núcleo familiar do(s) proprietário(s)	
Presença de diretor financeiro	Sim	13	13	26
Total		13	13	26

## Anexo 20 – Distribuição do tipo de serviço contabilístico

**Tipo de serviço contabilístico**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Internamente	18	41,9	42,9	42,9
	Serviços externos	18	41,9	42,9	85,7
	Internamente, assinada por contabilista certificado externo	6	14,0	14,3	100,0
	Total	42	97,7	100,0	
Missing	System	1	2,3		
Total		43	100,0		

### Anexo 21 – Relação da existência de departamento administrativo e financeiro e o tipo de serviço contabilístico



### Anexo 22 – Indicadores descritivos e distribuição da satisfação das funções desempenhadas pelo contabilista (criação de valor)

**Statistics**

Funções desempenhadas pelo contabilista

N	Valid	Missing
	42	1
Median	1,00	
Mode	1	
Percentiles	25	1,00
	50	1,00
	75	1,00

#### Funções desempenhadas pelo contabilista - criação de valor para a empresa e para a gestão

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	38	88,4	90,5	90,5
	Não	4	9,3	9,5	100,0
	Total	42	97,7	100,0	
Missing	System	1	2,3		
Total		43	100,0		

### Anexo 23 – Distribuição da afirmação relativa à quantidade da informação contabilística

**Quantidade**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Concordo totalmente	25	58,1	59,5	59,5
	Concordo parcialmente	14	32,6	33,3	92,9
	Nem concordo nem discordo	1	2,3	2,4	95,2
	Discordo parcialmente	2	4,7	4,8	100,0
	Total	42	97,7	100,0	
Missing	System	1	2,3		
Total		43	100,0		

## Anexo 24 – Distribuição da afirmação relativa à adequabilidade da informação contabilística

		Adequabilidade			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Concordo totalmente	29	67,4	69,0	69,0
	Concordo parcialmente	10	23,3	23,8	92,9
	Discordo parcialmente	3	7,0	7,1	100,0
	Total	42	97,7	100,0	
Missing	System	1	2,3		
Total		43	100,0		

## Anexo 25 – Distribuição da afirmação relativa à clareza da informação contabilística

		Clareza			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Concordo totalmente	29	67,4	69,0	69,0
	Concordo parcialmente	10	23,3	23,8	92,9
	Nem concordo nem discordo	1	2,3	2,4	95,2
	Discordo parcialmente	2	4,7	4,8	100,0
	Total	42	97,7	100,0	
Missing	System	1	2,3		
Total		43	100,0		

## Anexo 26 – Relação entre iniciativa do contabilista proporcionar informação contabilística e do gestor em solicitá-la

Iniciativa do contabilista em proporcionar informação \* Iniciativa do gestor de solicitar informação ao contabilista  
Crosstabulation

		Iniciativa do gestor de solicitar informação ao contabilista					
			Concordo totalmente	Concordo parcialmente	Nem concordo nem discordo	Discordo parcialmente	Total
Iniciativa do contabilista em proporcionar informação	Concordo totalmente	Count	26	2	0	0	28
		% of Total	61,9%	4,8%	0,0%	0,0%	66,7%
	Concordo parcialmente	Count	4	4	0	0	8
		% of Total	9,5%	9,5%	0,0%	0,0%	19,0%
	Nem concordo nem discordo	Count	0	0	1	1	2
		% of Total	0,0%	0,0%	2,4%	2,4%	4,8%
	Discordo parcialmente	Count	1	1	0	0	2
		% of Total	2,4%	2,4%	0,0%	0,0%	4,8%
Discordo totalmente	Count	1	1	0	0	2	
	% of Total	2,4%	2,4%	0,0%	0,0%	4,8%	
Total		Count	32	8	1	1	42
		% of Total	76,2%	19,0%	2,4%	2,4%	100,0%

## Anexo 27 – Média do nível de familiarização com os diferentes mapas financeiros

	Balanço	Demonstração dos Resultados	Demonstração dos Fluxos de Caixa	Demonstração das Alterações do Capital Próprio	Anexo	Balancete
Mean	1.76	1.79	2.07	2.07	2.24	1.74

**Anexo 28 – Indicadores descritivos e distribuição da opinião dos respondentes sobre a utilidade, aplicabilidade, importância e compreensão da informação contabilística**

**Statistics**

		Caraterísticas da informação - Utilidade	Caraterísticas da informação - Aplicabilidade	Caraterísticas da informação - Importância	Caraterísticas da informação - Compreensão
N	Valid	42	42	42	42
	Missing	1	1	1	1
Mode		3	2	2	3
Percentiles	25	3,00	1,00	2,00	1,00
	50	3,00	2,00	2,00	3,00
	75	3,00	2,00	2,00	3,00

**Caraterísticas da informação - Utilidade**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Com alguma utilidade	3	7,0	7,1	7,1
	Dispensável	2	4,7	4,8	11,9
	Fundamental	37	86,0	88,1	100,0
	Total	42	97,7	100,0	
Missing	System	1	2,3		
Total		43	100,0		

**Caraterísticas da informação - Aplicabilidade**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Principalmente para obrigações fiscais	15	34,9	35,7	35,7
	Principalmente para auxílio nas funções de gestão	26	60,5	61,9	97,6
	Sem aplicabilidade	1	2,3	2,4	100,0
	Total	42	97,7	100,0	
Missing	System	1	2,3		
Total		43	100,0		

**Caraterísticas da informação - Compreensão**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Compreensão fácil	12	27,9	28,6	28,6
	Compreensão difícil	4	9,3	9,5	38,1
	Compreensão acessível	26	60,5	61,9	100,0
	Total	42	97,7	100,0	
Missing	System	1	2,3		
Total		43	100,0		

**Caraterísticas da informação - Importância**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Insignificante	1	2,3	2,4	2,4
	Importante	36	83,7	85,7	88,1
	Relativamente importante	5	11,6	11,9	100,0
	Total	42	97,7	100,0	
Missing	System	1	2,3		
Total		43	100,0		

## Anexo 29 – Distribuição do nível de concordância sobre a utilização regular da informação contabilística

### Utilização regular para apoio das suas funções?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Concordo totalmente	28	65,1	66,7	66,7
	Concordo parcialmente	9	20,9	21,4	88,1
	Nem concordo nem discordo	4	9,3	9,5	97,6
	Discordo totalmente	1	2,3	2,4	100,0
	Total	42	97,7	100,0	
Missing	System	1	2,3		
Total		43	100,0		

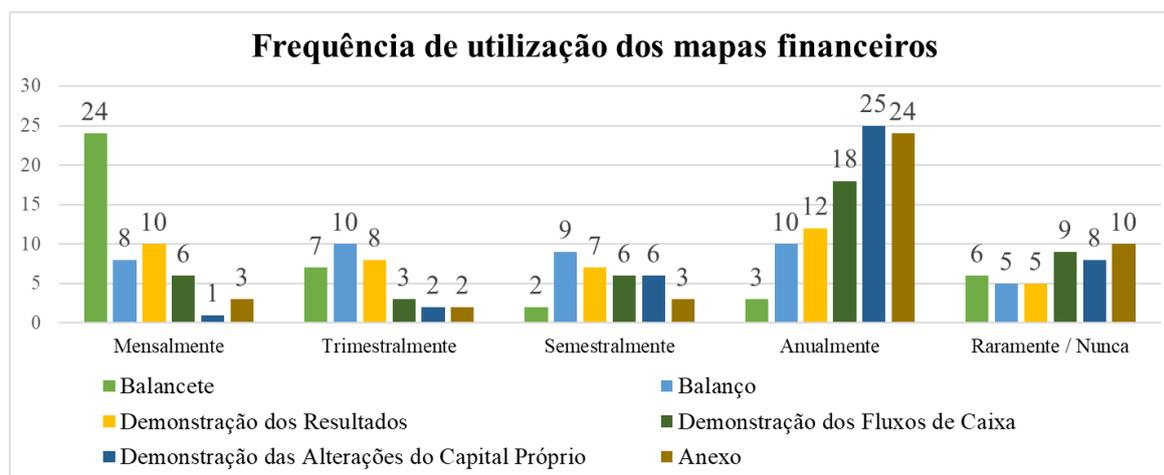
## Anexo 30 – Indicadores descritivos da frequência de utilização dos mapas financeiros

### Statistics

		Frequência utilização - Balanço	Frequência utilização - Demonstração dos Resultados	Frequência utilização - Demonstração dos Fluxos de Caixa	Frequência utilização - Demonstração das Alterações do Capital Próprio	Frequência utilização - Anexo	Frequência utilização - Balancete
N	Valid	30	30	30	30	30	30
	Missing	0	0	0	0	0	0
Mean		2,73	2,77	3,30	3,70	3,67	1,83
Median		3,00	3,00	4,00	4,00	4,00	1,00
Mode		2 <sup>a</sup>	4	4	4	4	1
Percentiles	25	2,00	2,00	2,00	3,00	3,00	1,00
	50	3,00	3,00	4,00	4,00	4,00	1,00
	75	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	2,00

a. Multiple modes exist. The smallest value is shown

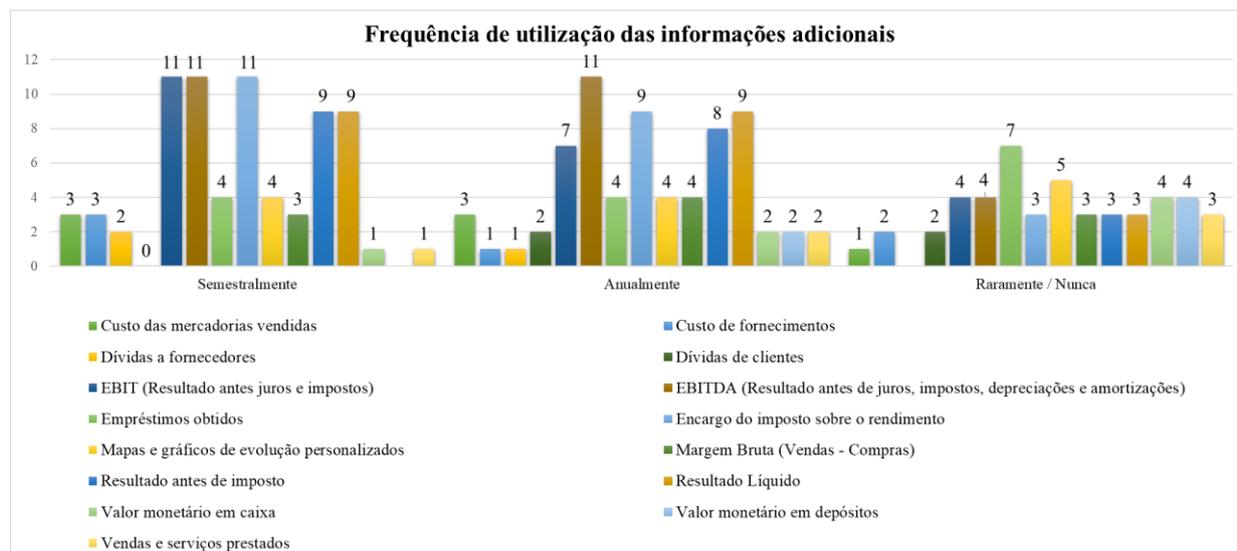
## Anexo 31 – Frequência de utilização dos mapas financeiros



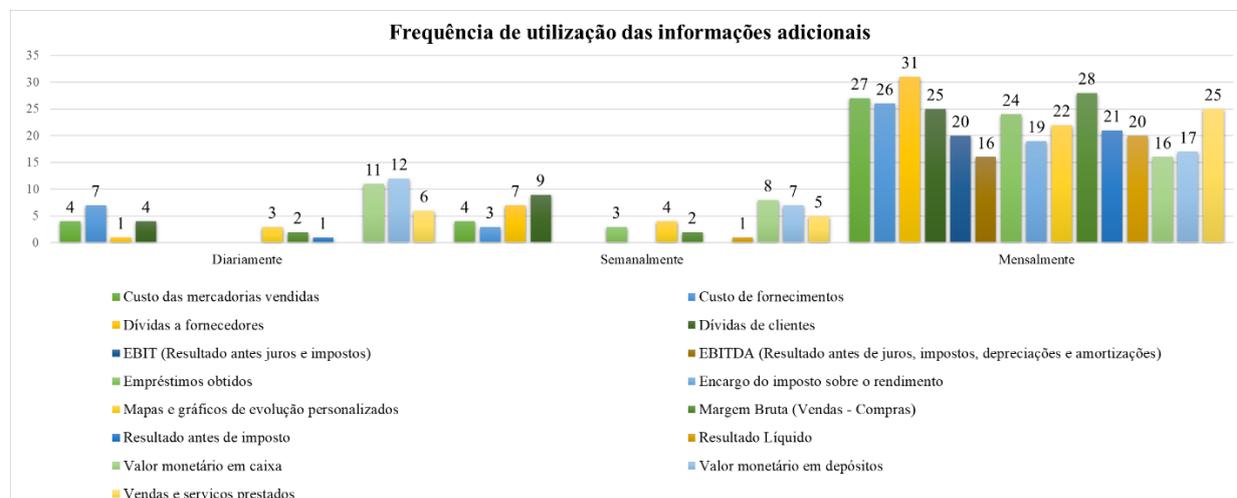
### Anexo 32 – Média da frequência de utilização das informações adicionais

Informações adicionais	Média
Valor monetário em depósitos	2,64
Valor monetário em caixa	2,69
Dívidas de clientes	2,83
Custo de fornecimentos	2,86
Dívidas a fornecedores	2,88
Vendas e serviços prestados	2,93
Custo das mercadorias vendidas	3,00
Margem Bruta (Vendas - Compras)	3,33
Mapas e gráficos de evolução personalizados e elaborados por si	3,40
Empréstimos obtidos	3,71
Resultado antes de imposto	3,76
Resultado Líquido	3,83
EBIT (Resultado antes juros e impostos)	3,88
Encargo do imposto sobre o rendimento	3,90
EBITDA (Resultado antes de juros, impostos, depreciações e amortizações)	4,07

### Anexo 33 – Gráfico da distribuição da utilização dos mapas financeiros



### Anexo 34 – Gráfico da distribuição da utilização dos mapas financeiros



### Anexo 35 – Relação das Outras informações adicionais e a frequência de utilização

#### Informações adicionais - Outra \* Informações adicionais - Texto Crosstabulation

Count

		Informações adicionais - Texto					Total
		Conta 69	Inventários	KPI	ordenados	Preço	
Informações adicionais - Outra	Semanalmente	0	1	0	0	0	1
	Mensalmente	1	0	1	1	1	4
Total		1	1	1	1	1	5

### Anexo 36 – Médias da concordância relativamente a aspetos de melhorias da gestão

	Melhorias - Processo de tomada de decisão	Melhorias - Controlo	Melhorias - Estratégia	Melhorias - Otimização de recursos	Melhorias - Competitividade	Melhorias - Adaptação à mudança	Melhorias - Desempenho geral	Melhorias - Desempenho financeiro
Mean	1,24	1,10	1,36	1,29	1,45	1,52	1,31	1,19

### Anexo 37 – Outputs do teste *Kruskal-Wallis* e *Mann-Whitney* para a hipótese 1.1

Ranks				Test Statistics <sup>a,b</sup>	
	Dimensão da empresa	N	Mean Rank	IntensidadeUtilizaçãoIC	
IntensidadeUtilizaçãoIC	Microempresa	5	11,20	Kruskal-Wallis H	9,058
	Pequena empresa	18	19,92	df	2
	Média empresa	19	25,71	Asymp. Sig.	,011
	Total	42		a. Kruskal Wallis Test b. Grouping Variable: Dimensão da empresa	

Ranks					Test Statistics <sup>a</sup>	
	Dimensão da empresa	N	Mean Rank	Sum of Ranks	IntensidadeUtilizaçãoIC	
IntensidadeUtilizaçãoIC	Microempresa	5	6,00	30,00	Mann-Whitney U	15,000
	Média empresa	19	14,21	270,00	Wilcoxon W	30,000
	Total	24			Z	-3,039
					Asymp. Sig. (2-tailed)	,002
					Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	,019 <sup>b</sup>
					a. Grouping Variable: Dimensão da empresa b. Not corrected for ties.	

### Anexo 38 – Outputs do teste *Kruskal-Wallis* para a hipótese 1.2

Ranks				Test Statistics <sup>a,b</sup>	
	Anos de existência da empresa	N	Mean Rank	IntensidadeUtilizaçãoIC	
IntensidadeUtilizaçãoIC	Menos de 1 ano	1	28,00	Kruskal-Wallis H	8,515
	Entre 1 e 5 anos	6	10,75	df	4
	Entre 5 e 10 anos	7	24,50	Asymp. Sig.	,074
	Entre 10 e 20 anos	6	21,67	Exact Sig.	,054
	Mais de 20 anos	22	23,14	Point Probability	,000
	Total	42		a. Kruskal Wallis Test b. Grouping Variable: Anos de existência da empresa	

**Anexo 39 – Indicadores descritivos da % vendas diretas direcionadas ao mercado externo**

**Statistics**

% Vendas diretas direcionada ao mer

N	Valid	41
	Missing	2
Mean		80,7195
Median		90,0000
Std. Deviation		23,95674
Minimum		20,00
Maximum		100,00
Percentiles	25	75,0000
	50	90,0000
	75	96,5000

**Anexo 40 – Outputs do teste *Kruskal-Wallis* para a hipótese 1.3**

**Ranks**

	ClassesVendasME	N	Mean Rank
IntensidadeUtilizaçãoIC	20% - 75%	10	18,70
	75,01% - 90%	13	20,15
	90,01% - 96,5%	8	24,19
	96,51% - 100%	10	21,85
	Total	41	

**Test Statistics<sup>a,b</sup>**

	IntensidadeUtilizaçãoIC
Kruskal-Wallis H	1,545
df	3
Asymp. Sig.	,672

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable:  
ClassesVendasME

**Anexo 41 – Indicadores descritivos do número de colaboradores afetos ao departamento financeiro**

**Statistics**

Número de colaboradores afetos ao DA

N	Valid	32
	Missing	11
Mean		3,75
Median		3,00
Std. Deviation		2,951
Skewness		2,189
Std. Error of Skewness		,414
Kurtosis		6,141
Std. Error of Kurtosis		,809
Minimum		1
Maximum		15
Percentiles	25	2,00
	50	3,00
	75	5,00

**Anexo 42 – Outputs do teste *Kruskal-Wallis* para a hipótese 2.1**

Ranks			Test Statistics <sup>a,b</sup>	
	nrdafe	N	Mean Rank	
IntensidadeUtilizaçãooIC	0	10	15,50	
	1 a 2	13	20,23	Kruskal-Wallis H
	2 a 3	7	25,14	df
	3 a 5	6	28,00	Asymp. Sig.
	5 a 15	6	23,50	
Total		42		

Test Statistics <sup>a,b</sup>	
	IntensidadeUtilizaçãooIC
Kruskal-Wallis H	7,459
df	4
Asymp. Sig.	,114

a. Kruskal Wallis Test  
b. Grouping Variable: nrdafe

**Anexo 43 – Outputs do teste *Kruskal-Wallis* para a hipótese 2.2**

Ranks				Test Statistics <sup>a,b</sup>	
	Diretor financeiro - ligação ao núcleo familiar	N	Mean Rank		
IntensidadeUtilizaçãooIC	Não existe diretor financeiro	16	20,00		
	O diretor financeiro é um profissional sem ligação familiar à empresa e respetivo(s) proprietário(s)	13	26,46	Kruskal-Wallis H	4,787
	O diretor financeiro é um profissional do núcleo familiar do(s) proprietário(s)	13	18,38	df	2
Total		42		Asymp. Sig.	,091

Test Statistics <sup>a,b</sup>	
	IntensidadeUtilizaçãooIC
Kruskal-Wallis H	4,787
df	2
Asymp. Sig.	,091

a. Kruskal Wallis Test  
b. Grouping Variable: Diretor financeiro - ligação ao núcleo familiar

**Anexo 44 – Outputs do teste *Kruskal-Wallis* para a hipótese 2.3**

Ranks				Test Statistics <sup>a,b</sup>	
	Profissionais responsáveis pela gestão - ligação ao núcleo familiar	N	Mean Rank		
IntensidadeUtilizaçãooIC	Descreve a situação da empresa extremamente bem	16	22,06		
	Descreve a situação da empresa muito bem	9	23,06	Kruskal-Wallis H	2,000
	Descreve a situação da empresa razoavelmente bem	5	19,80	df	4
	Descreve a situação da empresa ligeiramente bem	2	28,00	Asymp. Sig.	,736
	Não descreve a situação da empresa	10	18,75	Exact Sig.	,752
Total		42		Point Probability	,000

Test Statistics <sup>a,b</sup>	
	IntensidadeUtilizaçãooIC
Kruskal-Wallis H	2,000
df	4
Asymp. Sig.	,736
Exact Sig.	,752
Point Probability	,000

a. Kruskal Wallis Test  
b. Grouping Variable: Profissionais responsáveis pela gestão - ligação ao núcleo familiar

**Anexo 45 – Outputs do teste *Kruskal-Wallis* para a hipótese 3.1**

Ranks				Test Statistics <sup>a,b</sup>	
	Cargo/Função	N	Mean Rank		
IntensidadeUtilizaçãooIC	Proprietário e gestor	15	20,03		
	Somente gestor	15	25,57	Kruskal-Wallis H	4,041
	Outra	12	18,25	df	2
Total		42		Asymp. Sig.	,133

Test Statistics <sup>a,b</sup>	
	IntensidadeUtilizaçãooIC
Kruskal-Wallis H	4,041
df	2
Asymp. Sig.	,133

a. Kruskal Wallis Test  
b. Grouping Variable: Cargo/Função

## Anexo 46 – Indicadores descritivos da idade do respondente

Statistics		
Idade		
N	Valid	43
	Missing	0
Mean		45,79
Median		46,00
Std. Deviation		9,308
Minimum		25
Maximum		64
Percentiles	25	39,00
	50	46,00
	75	50,00

## Anexo 47 – Outputs do teste *Kruskal-Wallis* para a hipótese 3.2

Ranks				Test Statistics <sup>a,b</sup>	
	IdadeEscalão	N	Mean Rank	IntensidadeUtilizaçãoIC	
IntensidadeUtilizaçãoIC	25 - 39	11	13,59	Kruskal-Wallis H	9,921
	40 - 46	10	22,80	df	3
	47 - 50	11	23,82	Asymp. Sig.	,019
	51 - 64	10	26,35	a. Kruskal Wallis Test	
	Total	42		b. Grouping Variable: IdadeEscalão	

## Anexo 48 – Outputs do teste *post-hoc* para a hipótese 3.2

Multiple Comparisons						
Dependent Variable: IntensidadeUtilizaçãoIC						
Scheffe						
(I) IdadeEscalão	(J) IdadeEscalão	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
25 - 39	40 - 46	-,37143*	,11643	,028	-,7120	-,0309
	47 - 50	-,29870	,11362	,092	-,6310	,0336
	51 - 64	-,41429*	,11643	,011	-,7548	-,0737
40 - 46	25 - 39	,37143*	,11643	,028	,0309	,7120
	47 - 50	,07273	,11643	,942	-,2678	,4133
	51 - 64	-,04286	,11917	,988	-,3914	,3057
47 - 50	25 - 39	,29870	,11362	,092	-,0336	,6310
	40 - 46	-,07273	,11643	,942	-,4133	,2678
	51 - 64	-,11558	,11643	,805	-,4561	,2250
51 - 64	25 - 39	,41429*	,11643	,011	,0737	,7548
	40 - 46	,04286	,11917	,988	-,3057	,3914
	47 - 50	,11558	,11643	,805	-,2250	,4561

\*. The mean difference is significant at the 0.05 level.

### IntensidadeUtilizaçãoIC

Scheffe<sup>a,b</sup>

IdadeEscalão	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
25 - 39	11	,5714	
47 - 50	11	,8701	,8701
40 - 46	10		,9429
51 - 64	10		,9857
Sig.		,105	,805

Means for groups in homogeneous subsets are displayed.

a. Uses Harmonic Mean Sample Size = 10,476.

b. The group sizes are unequal. The harmonic mean of the group sizes is used. Type I error levels are not guaranteed.

### Anexo 49 – Outputs do teste *Kruskal-Wallis* para a hipótese 3.3

Ranks				Test Statistics <sup>a,b</sup>	
	Habilitações Académicas	N	Mean Rank		IntensidadeUtilizaçãoIC
IntensidadeUtilizaçãoIC	2.º Ciclo do ensino básico (6.º ano)	1	28,00	Kruskal-Wallis H	3,044
	Ensino Secundário	7	25,64	df	4
	Licenciatura ou Bacharelato	25	20,24	Asymp. Sig.	,551
	Mestrado	8	22,25	Exact Sig.	,583
	Doutoramento	1	11,50	Point Probability	,000
	Total	42			

a. Kruskal Wallis Test  
b. Grouping Variable: Habilitações Académicas

### Anexo 50 – Outputs do teste *Kruskal-Wallis* para a hipótese 3.4

Ranks				Test Statistics <sup>a,b</sup>	
	Principal área de formação	N	Mean Rank		IntensidadeUtilizaçãoIC
IntensidadeUtilizaçãoIC	Gestão e áreas relacionadas (ex: contabilidade, economia, finanças, recursos humanos)	34	20,69	Kruskal-Wallis H	1,904
	Áreas relacionadas com a atividade da empresa (ex: design, modelação, engenharia)	4	28,00	df	2
	Áreas não relacionadas com a atividade da empresa	4	21,88	Asymp. Sig.	,386
	Total	42		Exact Sig.	,518
				Point Probability	,053

a. Kruskal Wallis Test  
b. Grouping Variable: Principal área de formação

**Anexo 51 – Outputs do teste *Kruskal-Wallis* para a hipótese 3.5**

Ranks				Test Statistics <sup>a,b</sup>	
Experiência profissional em funções de administração de empresas				IntensidadeUtilizaçãoIC	
		N	Mean Rank		
IntensidadeUtilizaçãoIC	Menos de 1 ano	1	3,50	Kruskal-Wallis H	11,425
	Entre 1 e 5 anos	7	15,14	df	4
	Entre 5 e 10 anos	9	18,56	Asymp. Sig.	,022
	Entre 10 e 20 anos	8	21,50	Exact Sig.	,012
	Mais de 20 anos	17	26,74	Point Probability	,000
	Total	42			

a. Kruskal Wallis Test  
b. Grouping Variable: Experiência profissional em funções de administração de empresas

**Anexo 52 – Outputs do teste *Mann-Whitney* para a hipótese 3.5**

Ranks					Test Statistics <sup>a</sup>	
Experiência profissional em funções de administração de empresas					IntensidadeUtilizaçãoIC	
		N	Mean Rank	Sum of Ranks		
IntensidadeUtilizaçãoIC	Entre 1 e 5 anos	7	8,00	56,00	Mann-Whitney U	28,000
	Mais de 20 anos	17	14,35	244,00	Wilcoxon W	56,000
	Total	24			Z	-2,822

Asymp. Sig. (2-tailed) ,005  
Exact Sig. [2\*(1-tailed Sig.)] ,047<sup>b</sup>  
Exact Sig. (2-tailed) ,006  
Exact Sig. (1-tailed) ,006  
Point Probability ,003

a. Grouping Variable: Experiência profissional em funções de administração de empresas  
b. Not corrected for ties.

Ranks					Test Statistics <sup>a</sup>	
Experiência profissional em funções de administração de empresas					IntensidadeUtilizaçãoIC	
		N	Mean Rank	Sum of Ranks		
IntensidadeUtilizaçãoIC	Entre 5 e 10 anos	9	10,28	92,50	Mann-Whitney U	47,500
	Mais de 20 anos	17	15,21	258,50	Wilcoxon W	92,500
	Total	26			Z	-2,272

Asymp. Sig. (2-tailed) ,023  
Exact Sig. [2\*(1-tailed Sig.)] ,120<sup>b</sup>  
Exact Sig. (2-tailed) ,028  
Exact Sig. (1-tailed) ,028  
Point Probability ,013

a. Grouping Variable: Experiência profissional em funções de administração de empresas  
b. Not corrected for ties.

**Anexo 53 – Outputs do teste *Kruskal-Wallis* para a hipótese 4.1**

Ranks				Test Statistics <sup>a,b</sup>	
Tipo de serviço contabilístico				IntensidadeUtilizaçãoIC	
		N	Mean Rank		
IntensidadeUtilizaçãoIC	Internamente	18	23,11	Kruskal-Wallis H	2,764
	Serviços externos	18	18,64	df	2
	Internamente, assinada por contabilista certificado externo	6	25,25	Asymp. Sig.	,251
	Total	42			

a. Kruskal Wallis Test  
b. Grouping Variable: Tipo de serviço contabilístico

**Anexo 54 – Outputs do teste Mann-Whitney e Kruskal-Wallis para a hipótese 4.2**

Ranks					Test Statistics <sup>a</sup>	
Funções desempenhadas pelo contabilista - criação de valor para a empresa e para a gestão		N	Mean Rank	Sum of Ranks	IntensidadeUtilizaçãoIC	
IntensidadeUtilizaçãoIC	Sim	38	23,03	875,00	Mann-Whitney U	18,000
	Não	4	7,00	28,00	Wilcoxon W	28,000
	Total	42			Z	-3,038
					Asymp. Sig. (2-tailed)	,002
					Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	,009 <sup>b</sup>

a. Grouping Variable: Funções desempenhadas pelo contabilista - criação de valor para a empresa e para a gestão  
b. Not corrected for ties.

Ranks				Test Statistics <sup>a,b</sup>	
Quantidade		N	Mean Rank	IntensidadeUtilizaçãoIC	
IntensidadeUtilizaçãoIC	Concordo totalmente	25	24,30	Kruskal-Wallis H	6,178
	Concordo parcialmente	14	18,39	df	3
	Nem concordo nem discordo	1	6,50	Asymp. Sig.	,103
	Discordo parcialmente	2	15,75	Exact Sig.	,083
	Total	42		Point Probability	,000

a. Kruskal Wallis Test  
b. Grouping Variable: Quantidade

Ranks				Test Statistics <sup>a,b</sup>	
Adequabilidade		N	Mean Rank	IntensidadeUtilizaçãoIC	
IntensidadeUtilizaçãoIC	Concordo totalmente	29	24,16	Kruskal-Wallis H	6,885
	Concordo parcialmente	10	16,45	df	2
	Discordo parcialmente	3	12,67	Asymp. Sig.	,032
	Total	42		Exact Sig.	,028
				Point Probability	,000

a. Kruskal Wallis Test  
b. Grouping Variable: Adequabilidade

Ranks				Test Statistics <sup>a,b</sup>	
Clareza		N	Mean Rank	IntensidadeUtilizaçãoIC	
IntensidadeUtilizaçãoIC	Concordo totalmente	29	24,16	Kruskal-Wallis H	6,737
	Concordo parcialmente	10	15,95	df	3
	Nem concordo nem discordo	1	11,50	Asymp. Sig.	,081
	Discordo parcialmente	2	15,75	Exact Sig.	,063
	Total	42		Point Probability	,000

a. Kruskal Wallis Test  
b. Grouping Variable: Clareza

**Anexo 55 – Outputs do teste Ró de Spearman para a hipótese 5**

Correlations			
		AcessoàIC	IntensidadeUtilizaçãoIC
AcessoàIC	Pearson Correlation	1	,673**
	Sig. (2-tailed)		,000
	N	42	42
IntensidadeUtilizaçãoIC	Pearson Correlation	,673**	1
	Sig. (2-tailed)	,000	
	N	42	42

\*\* Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

**Anexo 56 – Outputs do teste de *Kruskal-Wallis* para a hipótese 6**

Ranks				Test Statistics <sup>a,b</sup>	
	Caraterísticas da informação - Aplicabilidade	N	Mean Rank	IntensidadeUtilizaçãoIC	
IntensidadeUtilizaçãoIC	Principalmente para obrigações fiscais	15	16,03	Kruskal-Wallis H	7,046
	Principalmente para auxílio nas funções de gestão	26	24,40	df	2
	Sem aplicabilidade	1	28,00	Asymp. Sig.	,030
	Total	42		Exact Sig.	,016
				Point Probability	,000

a. Kruskal Wallis Test  
b. Grouping Variable: Caraterísticas da informação - Aplicabilidade

**Anexo 57 - Outputs do teste de *Mann-Whitney* para a hipótese 6**

Ranks					Test Statistics <sup>a</sup>	
	Caraterísticas da informação - Aplicabilidade	N	Mean Rank	Sum of Ranks	IntensidadeUtilizaçãoIC	
IntensidadeUtilizaçãoIC	Principalmente para obrigações fiscais	15	15,80	237,00	Mann-Whitney U	117,000
	Principalmente para auxílio nas funções de gestão	26	24,00	624,00	Wilcoxon W	237,000
	Total	41			Z	-2,560

Asymp. Sig. (2-tailed) ,010  
Exact Sig. [2\*(1-tailed Sig.)] ,035<sup>b</sup>  
Exact Sig. (2-tailed) ,010  
Exact Sig. (1-tailed) ,006  
Point Probability ,000

a. Grouping Variable: Caraterísticas da informação - Aplicabilidade  
b. Not corrected for ties.

Ranks					Test Statistics <sup>a</sup>	
	Caraterísticas da informação - Aplicabilidade	N	Mean Rank	Sum of Ranks	IntensidadeUtilizaçãoIC	
IntensidadeUtilizaçãoIC	Principalmente para obrigações fiscais	15	8,23	123,50	Mann-Whitney U	3,500
	Sem aplicabilidade	1	12,50	12,50	Wilcoxon W	123,500
	Total	16			Z	-,936

Asymp. Sig. (2-tailed) ,350  
Exact Sig. [2\*(1-tailed Sig.)] ,500<sup>b</sup>  
Exact Sig. (2-tailed) ,812  
Exact Sig. (1-tailed) ,500  
Point Probability ,500

a. Grouping Variable: Caraterísticas da informação - Aplicabilidade  
b. Not corrected for ties.

Ranks					Test Statistics <sup>a</sup>	
	Caraterísticas da informação - Aplicabilidade	N	Mean Rank	Sum of Ranks	IntensidadeUtilizaçãoIC	
IntensidadeUtilizaçãoIC	Principalmente para auxílio nas funções de gestão	26	13,90	361,50	Mann-Whitney U	10,500
	Sem aplicabilidade	1	16,50	16,50	Wilcoxon W	361,500
	Total	27			Z	-,474

Asymp. Sig. (2-tailed) ,636  
Exact Sig. [2\*(1-tailed Sig.)] ,815<sup>b</sup>  
Exact Sig. (2-tailed) 1,000  
Exact Sig. (1-tailed) ,815  
Point Probability ,815

a. Grouping Variable: Caraterísticas da informação - Aplicabilidade  
b. Not corrected for ties.